UNIVERSITY OF TORONTO
3 1761 01723428 7

UNIV. OF
TORONTO
LIBRARY

As alegres canções do norte

ALBERTO PIMENTEL

As alegres

canções do norte

SUMMARIO

Paizagem e alma do Minho — Aspectos da natureza e da vida — Filões poeticos do vocabulario minhôto — As danças aldeãs — Origens mythicas da Canninha Verde — Aventuras domjuanescas do Malhão — Trabalhos agricolas — Folgas e folias — Peregrinações torrentuosas — A do Sameiro em 1904 — Espectaculo formidavel de um exercito de crentes — Romarias e arraiaes — Noite de S. João — Sua relação com o culto solar — O Natal, a consoada, as janeiras, os Reis Magos e os autos hieraticos.

PRINTED IN PORTUGAL

LISBOA

LIVRARIA VIUVA TAVARES CARDOSO

5 — *Largo de Camões* — 6

1905

429331
7.11.44

Typ. Pinheiro, Rua Jardim do Regedor

Algumas obras do mesmo auctor

Album de ensino universal. Livro de instrucção popular, 2.ª edição. 1 vol..... 500
Aventuras d'um pretendente pretendido. 1 vol..... 500
Cantares. Versos com uma carta-prologo de Thomaz Ribeiro. 1 vol..... 500
Chronicas de viagem. 1 vol..... 300
O Descobrimento do Brazil. 1 vol..... 600
Flôr de myosotis. 1 vol..... 600
O Livro das flôres (legendas da vida da rainha Santa Isabel). 1 vol..... 300
O Livro das lagrimas (legendas da vida de Santo Antonio de Lisboa). 1 vol..... 300
Portugal de cabelleira. 1 vol..... 500
Sem passar a fronteira. 1 vol..... 500
A Triste canção do sul. 1 vol..... 600

Corrigenda

Pag. 11, linhas 13 e 14, deve lêr-se *lhe* em vez de *lhes*.

Pag. 29, linha 9, deve lêr-se *nossa vida* em vez de *vossa vida*.

Pag. 98, no final da choreographica *As Marrafas* escapou por lapso de revisão a ultima quadra :

D'essa meia que ella era
Mandei-a cozer o pão.
Deu o tranglomango n'ella,
Acabou-se a geração.

Pag. 151, linha 25, todo o periodo tem de ser assim alterado : N'essa hora as cinzas de Pio IX deviam sentir-se acariciadas pelas bençans do céo.

I

Genése das canções

O povo das nossas provincias do norte é, pelas condições da sua mesma existencia, resignado, trabalhador e pacifico.

Por isso as suas canções são alegres como as dos passaros: reflectem, sobre um nitido fundo tradicional, os aspectos luminosos, variados, amoraveis, da natureza.

O Minho, a provincia mais septentrional do paiz, deve servir-nos de typo na caracterisação psychologica do povo do norte. [1]

Foi n'esta provincia que primeiro pulsou a alma

---

[1] Não só na caracterisação psychologica, mas tambem na da propriedade e cultura das provincias septentrionaes do reino, como reconheceu Herculano, *Opusculos*, IV.

portugueza. Foi aqui, n'uma nêsga de chão desmembrado da Galliza, que se desenrolaram os mais remotos preliminares da nossa independencia. E', portanto, aqui, que devemos procurar os vestigios primitivos d'esse espirito de nacionalidade, que depois de nos ter feito livres nos tornou grandes.

Por cima do rio Minho passaram as correntes poeticas do sentimento seguindo o caminho das correntes éthnicas, [1] e trazendo um vago perfume d'esse longinquo lyrismo provençal, que depois se aristocratizou nos cancioneiros dos trovadores gallecio-portuguezes.

O povo recebeu a impressão trovadoresca, identificou-se com a essencia subjectiva das «gaias canções», especialmente com a intenção amorosa dos «cantares d'amigo», mas repelliu o metro d'arte maior, porque a versificação nasce espontaneamente do genio rythmico da lingua.

Os aspectos da natureza, as condições mesologicas, favoreceram a acclimação de todos os elementos ideaes e pittorescos; dir-se-ia que os montes e os valles abriram carinhosamente os braços para acalentar com maternal desvelo as primeiras emoções da alma nacional.

Quando, batendo as azas, chega a Lisboa uma canção que derrama gorgeios, que vive, palpita e parece bailar no azul, podemos affirmar que ella chega do

---

1 Galicia nos dió poblacion y lengua (carta de Herculano a Vicetto, no 7.º tomo da *Historia de Galicia*).

claro rincão do Minho, como ave de arribação que emigra cantando.

Sempre que passa sobre os muros da capital, essa canção em viagem, vibrante de folia aldeã ou de vigor choreographico, como por exemplo, *Ora vai tu*, *Risca ao lado* e a *Canninha verde*, parece trazer comsigo e mostrar-nos de longe, voando sempre, um trecho da fulgida paizagem do Minho, aberta em sorrisos, suspensa das suas azas sonoras.

E' um relance de sol que passa e foge ; que não chega a penetrar no repertorio alfacinha, onde apenas o *Fado* se enthronisou com todo o seu cortejo de soluços e lagrimas.

O povo de Lisboa não se affeiçôa ás canções do norte, que se lhe afiguram vindas de outro paiz muito differente ; e a *Canninha verde*, quando dançada no palco pelas actrizes da capital, é um producto exótico, desnaturado, amortecido.

Para comprehender e «sentir» as canções do norte é preciso ir colhêl-as na origem.

Então, a par dos factores éthnicos, a propria natureza se encarrega de explical-as.

A terra é verde e fecunda; produz sorrindo. Paga bem a quem a trabalha. A agua corre saltitante no valle e no monte. Os rios são crystallinos e amenos. A vegetação baralha, n'uma prodigalidade magnificente, todas as graduações da verdura. Só Deus podia ser o joalheiro capaz de compor unicamente com a esmeralda um collar de tão diversos tons, substituindo a monotonia pela variedade. Aonde não chega a seara

nem a vinha, está o pinheiral avelludado, o matto florido. No cimo dos montes, onde o granito toma o logar do humus, a aridez da pedra é adoçada pela ermidinha branca, cheia de luz e de fé.

A propriedade, dividida e pequena, não cria invejas nem odios. Parece sujeita a um regime de igualdade, que produz este notavel facto economico: não haver ricos, nem pobres. Ha apenas proprietarios remediados. As grandes herdades do Alemtejo, os grandes vinhedos da Extremadura não chegam a ser comprehendidos pelo lavrador minhôto, que constantemente ouve cantar o gallo no quintal do visinho. Frequentemente succede encravarem-se umas nas outras as terras de differentes donos, em retalhinhos, em fracções, n'uma paz octaviana, que só costuma ser perturbada pela disputa sobre a agua de réga. Estes litigios originam-se na propria promiscuidade das terras, que se confundem e misturam, de modo que se não sabe bem quando a agua é d'este proprietario ou de outro, porque parece ser de todos.

Fora d'isto, as parreiras penduram os seus cachos impunemente sobre a leira do visinho ou até sobre a via publica; as searas não são limitadas nem por um muro, nem por um fôsso, nem por uma tranqueira: é na retina do proprietario que reside o registo da sua propriedade. Elle conhece bem o que é seu, sem recorrer á Conservatoria. As gallinhas saltam da horta de um para a horta de outro, vão debicar nas couves da visinhança. São enxotadas sem colera, nem altercação, apenas com uma phrase

mansa: «Tira-te lá, franga; ide-vos embora, pintos». Para accender o lume, pedem-se duas brasas a qualquer visinho: ámanhã se retribuirá o favor. Dir-se-ia tratar-se de uma communa ou, pelo menos, de uma cooperativa.

Ás vezes, acaba-se o pão em casa, porque os cachópos comeram de mais ou a fornada rendeu menos.

—Visinha, diz a mulher do lavrador, empreste-me uma brôa, até que eu possa cozer.

E logo, de uma casa para outra, passa a loira brôa de milho, de côdea enfarinhada, que deixa brancas as mãos trigueiras.

Abaixo dos habitantes remediados ha ainda uma classe: é a dos mendigos, que nem sempre são indigentes.

Teem um casebre, teem um catre, mas falta-lhes a terra.

No Minho, faltando a terra, falta tudo.

Ordinariamente destinam dia certo da semana para o peditorio; em geral, costumam fazel-o aos sabbados.

A mendicidade quotidiana seria um empecilho ao trabalho, que é a funcção normal das povoações minhôtas.

Ao sabbado, os pobres já são esperados; — os pobres de terra, os pobres de saude, e os pobres de saude e de terra.

Já está de antemão preparado o que se lhes ha de dar: mettem-se uns cobres na algibeira, enchem-se

de feijão duas ou trez malgas, parte-se uma brôa em nacos eguaes.

De modo que a presença dos mendigos nem surprehende, nem perturba. Pedem, recebem, e vão andando. E' curioso que não se destaquem em grupos ou em individuos; pelo contrario, marcham em columna cerrada, direitos á mesma povoação, para o mesmo fim: esmolar.

Se pedem cantando, todos elles afinam pelo mesmo diapasão, um estribilho de classe, invocando sempre as almas do Purgatorio.

Raras vezes apparece um pedinte que traz harmonium a tiracollo, e que o faz ouvir para despertar a curiosidade dos bemfeitores.

A mendicidade com o auxilio da musica continua a ser prerogativa dos cegos andantes.

E o publico das aldeias desconfia sempre do mendigo que recorre ao harmonium ou a qualquer outro instrumento: não sendo cego, chama-lhe «fistor», um pandego que não quer trabalhar.

Na cohorte dos pobres avultam em numero as velhas esqueleticas, mumificadas, d'uma confusa apparencia insexual. São boccas inuteis, a que só a caridade pode matar a fome.

Depois d'ellas, seguem-se em quantidade os aleijados incapazes de produzir trabalho; os aleijados vulgares, pouco espectaculosos, pois que os portadores de monstruosas deformidades reservam-se para as feiras, onde estão certos de encontrar maior publico e, portanto, melhor receita.

Abaixo dos mendigos, não ha mais ninguem.

A escoria social das grandes cidades, os que não trabalham, nem pedem, e apenas roubam; aquelles que julgam vêr na fabrica uma exploração ao operario e na propriedade uma affronta ao proletariado; aquelles que assaltam, incendeiam ou demolem, não existem nas povoações ruraes do Minho.

O epitheto de—canalha—que lhes caberia, se lá os houvesse, applicam-n'o os minhôtos á rapaziada pequena por ser a gente mais brava, e a que mais estraga com as suas brincadeiras e folguedos.

Assim como o camponez não quer perder tempo com os pobres, que lhes não servem para nada, tambem o não quer perder com os defuntos, que já lhes não podem prestar serviço algum.

Quando morre uma pessoa da familia, o minhôto pensa apenas n'uma coisa: em enterral-a o mais depressa possivel.

Mas como a Morte pede lagrimas, e é preciso dar-lh'as, chama para casa, n'essas occasiões, certas mulheres que fazem profissão de chorar, e se chamam por isso — carpideiras.

Paga-lhes a tanto cada lagrima, e ellas choram na proporção da paga.

Pelo que respeita ao destino da alma, o lavrador do Minho trata de recommendal-a aos padres, medeante maior ou menor espórtula, para que á força de latim, rezado ou cantado, se encarreguem de conduzil-a ao céo.

E' por isso que elle considera e respeita o padre;

que o trata bem, lhe dá de comer e de beber á farta: quer tel-o de feição, para que lhe conquiste com empenho a bem-aventurança, cantando responsos ou rezando missas.

Crê na acção conciliadora do padre e, portanto, a immortalidade da alma não o horroriza.

Pelo que respeita ao cadaver propriamente dito, o lavrador do Minho não tem cuidados, nem pavores.

Esse irá para a terra, peor ou melhor vestido, n'uma mortalha ou n'um lençol, sobre uma padióla ou dentro de um esquife.

A terra é para o minhôto uma velha e leal amiga, que o conhece, e que o ha de devorar com amor.

Elle sabe como ella é generosa e terna, como ella recompensa os que a amánham e cultivam. Sempre recebeu d'ella favores e retribuições. Pode queixar-se do vento que partiu os bacêllos, da estiagem que desavinhou as uvas, mas jámais se queixou da terra que só deixa de produzir contrariada ou vencida.

O minhôto não se assusta, pois, com a certeza de que irá para debaixo da terra como uma semente, e de que a terra o cobrirá de relva verde, esmaltada de boninas.

Apenas o affligiria a idéa de que sobre a sua sepultura a terra fôsse eternamente sêcca e improductiva. Elle não ama senão a terra que floresce na primavera e produz no outono. Essa é a que Deus abençôa; a outra considera-a maldita, excommungada, inutil e má.

Portanto, assim como não invejou palacios para viver, não inveja mausoleos para repousar.

Se a sua existencia é simples, cheia de conformidade e placidez imperturbavel em cada rotação e translação da terra, a idéa da morte, attenuada pela confiança no latim lithurgico e na bondade do chão fecundo, não lhe fornece horrores á imaginação, nem pesadellos aos sonhos.

Encara serenamente a vida enchendo-a de trabalho; encara serenamente a morte mettendo de per meio o padre entre o ser e o não ser.

Apenas duas preoccupações podem dar-lhe algum cuidado, sem que todavia o infelicitem completamente: é o «mau anno», a colheita escassa ou perdida, e o medo das «almas do outro mundo».

Perante a seara queimada, perante as vides doentes, em face da estiagem ou do mildiu, elle tem, é certo, algumas horas de desalento, mas em breve se conforma com «a vontade de Deus», com os decretos da Providencia.

Nem blasphema contra o céo, nem fica amando menos a terra, que é isenta de toda a culpa, porque o céo póde mais que a terra.

Para affastar as almas do outro mundo, e tranquillizar-se, elle recorre ainda ao padre, em cuja mão está fechada uma arma efficaz: o exorcismo, o latim, sempre o latim da Egreja.

Começa por exemplo a constar que no moinho da levada vem todas as noites ulular uma voz plangente e funebre.

Ouviram-n'a duas pessoas, trez pessoas; tanto basta para que ninguem mais deixe de ouvil-a e reconhecel-a.

E' a voz do moleiro, que morreu ha mezes.

Qual será o motivo do seu penadouro?

Lembra logo que talvez se trate de alguma restituição, porque em geral os moleiros não são de boas contas, e roubam no peso.

Então cada camponez concorre por sua parte para despenar o moleiro, perdoando-lhe a farinha roubada.

Mas aquella voz gemente continua a uivar todas as noites no moinho.

Procura-se outra causa, e acha-se uma explicação.

A viuva porta-se mal, diz-se que anda mettida com o Manuel da Bouça.

E em vez de se requerer á viuva e ao Manuel que ponham termo ao tormento do moleiro, recorre-se ao padre para que elle resolva este caso complicado.

—Pois bem, responde o padre, domingo deite cada um de vós uma esmola na bandeja das Almas. Dir-se-hão duas missas, ou aquellas que possa ser, e a alma do moleiro terá descanço.

O padre reza as missas; nem a viuva nem o Manuel da Bouça são incommodados; e a alma do moleiro não torna a vir gemer na azenha pelo silencio da noite.

A vida do minhôto não está sujeita aos frequentes conflictos que, n'outras terras mais cultas, teem por base «a honra da mulher».

Este preconceito social não atormenta a vida das

familias; nem tambem a consciencia da victima e do seductor.

Ter relações illicitas com uma rapariga solteira chama-se «namorar».

A propria palavra, adoçando-se n'um sentido pássional, procura attenuar a gravidade do delicto.

Ordinariamente, as raparigas casam já «namoradas» por outro; o noivo não o ignora, nem vê n'essa falha de virgindade nenhuma offensa aos seus brios de marido, nem á sua dignidade de homem.

O adulterio tambem raras vezes inferna a vida do minhôto no lar conjugal.

A mulher casada, livro que um ou muitos leram antes do marido, não desperta appetite, nem cobiça. Ninguem a procura, nem a solicita. Dir-se-ia que o homem do Minho apenas é guloso da «primeira mão», ou pelo menos do viço da mocidade. O que elle conhece de mais bello é a primavera nas arvores e nas mulheres: a flor, a graça, a frescura. E assim como a «novidade» o enthusiasma na agricultura, tambem na sensualidade o inflamma.

Acontece até que o adulterio da mulher é mais castigado pelo ridiculo do que pela indignação.

Quanto ao adulterio do homem, ninguem o nota, nem censura.

As raparigas deixam-se facilmente «namorar» pelos casados, visto que ellas não aspiram a que o primeiro seductor lhes pague o preço da sua honra, nem o perdel-a é motivo para deixarem de encontrar marido.

Aquillo que nós chamamos vulgarmente namoro chama-se no Minho «conversar».

«Conversar» é, pois, o prologo de «namorar»; é o prefacio, mais ou menos longo, da «posse».

Os «conversados» passam horas inteiras dialogando, elle encostado ao varapau, ella moendo entre os dedos o cordão de ouro ou as pontas do lenço.

Em algumas povoações, por exemplo na Maia, concelho importante que fica entre o Porto e o Minho, os «conversados» falam em verso, repetindo formularios tradicionaes, cada vez mais deturpados, ou improvisando redondilhas, muito fluentes e incorrectas.

O verso foi a linguagem primitiva dos legisladores, porque se adaptava mais facilmente á memoria dos povos rudes. Talvez por identica razão appareceriam os primeiros formularios da linguagem do Amor; depois, enraizado o habito de falar em consoantes, elle suppriria pelo improviso as deficiencias ou embaraços do formulario. A palavra tinha adquirido já a cadencia do metro, o rythmo ficara no ouvido, de modo que os «conversados» começaram a rimar de conta propria, e os «improvisadores» foram decerto assim educados.

No Minho, a mulher casada exgota-se rapidamente pelo trabalho e pela maternidade.

Ella é, para todos os effeitos, a companheira do homem: no campo, na eira, e no leito conjugal.

Sacha e cava ao lado d'elle, esfolha e malha tanto como elle, dá-lhe todos os annos um filho.

Emquanto a creança é de peito, a mãe faz os mais

duros serviços trazendo-a sempre ao collo, algumas vezes caminha grandes distancias com um fardo á cabeça e com o filho no braço.

Mas logo que a creança principia a andar, entrega-a á natureza, que ha de acabar de creal-a.

Não a lava, não a veste, não a vigía.

Apenas com uma camisinha curta e suja, que lhe dá pelo joelho, os pés descalços, o cabello loiro ao vento, a creança atravessa todo o verão ou todo o inverno, exposta aos rigores do tempo.

Chega a parecer que a mulher do Minho aprendeu com as aves a educar assim os filhos.

Sabem voar? Que vôem. Sabem andar? Caminhem.

Que outros exemplos hão de aproveitar os camponezes senão os que observam todos os dias?

A mortalidade na infancia é enorme.

Em primeiro logar, porque o leite da mãe sécca depressa, por effeito da má alimentação e do excesso de trabalho: prematuramente, portanto, a creança começa a comer, e é attingida pela athrepsia e pelo rachitismo.

Em segundo logar, a falta de agasalho e cuidado, dando origem á broncho pneumonia, ás bronchites capillares e ás quedas desastrosas, precipita nas primeiras idades a morte de muitos milhares de creanças.

Mas não é isenta de uma grande vantagem esta maneira de educar: ella estabelece na pratica o principio da selecção natural, que prepara creaturas fortes,

sadias e alegres, creadas em pleno campo, n'uma permanente immersão de oxygenio vivificante.

Por sua parte as mães poupam-se á preoccupação, muitas vezes attribulada, de educadoras escrupulosas e ternas, que é seguramente o encargo mais pesado e difficil da maternidade.

A mulher casada do Minho cura pouco da sua cosinha e da sua roupa.

O caldo verde faz-se em cinco minutos, e é elle, repleto de migas de brôa, que constitue a principal refeição de cada dia. De vez em quando passa na povoação um sardinheiro, e então a sardinha assada, rechinando sobre uma côdea de pão, rivaliza com o mais delicioso manjar. As azeitonas, se as ha, e a cebôla crua polvilhada de sal, são para as creanças uma guloseima invejada.

O traje da minhôta é, durante o trabalho da semana, aspero, grosseiro e enxovalhado. Accumula-se sobre elle o pó do campo, o pó da eira, o pó da estrada. E este desasseio não repugna ao homem, que se encontra exactamente nas mesmas condições de vestuario.

Mas ao domingo, para ir á missa, ou para ir á romaria, a minhôta, casada ou solteira, veste as suas roupas claras e garridas, que alegram os olhos, e são como que um reflexo da polychromia pittoresca e variegada da natureza.

Da Maia para cima, a escala chromatica da côr vai subindo na indumentaria regional. E no districto de Vianna, especialmente nos arredores da cidade que

lhe dá o nome, attinge a mais luciolante ardentia de tons e matizes.

E' essa, justamente, a zona de maior belleza em toda a provincia do Minho. A paizagem, até ahi linda mas estreita, desenruga-se, espraia-se, assetina-se na saphira da agua macia e na verdura da planicie brunida.

São os campos ferteis e doces do Lima, ricos e vastos, cheios de idyllio e de luz: é o berço das éclogas pastoris, a patria de Bernardes.

A côr exuberante e viva diffunde-se rolando em ondas caudaes pela campina fóra, tinge intensamente a terra e a agua, a relva e a flor, a seara e a arvore; e esbarrando nas povoações galga-as de um jacto para inundal-as até poder vestir a encosta dos montes e o corpo das mulheres, entornando em cima de uns e outras a palêta de Rubens, como se o arco-iris tivesse cahido sobre a terra pulverizado em granulações de pedras preciosas.

As saias e os aventaes das raparigas saem do tear sulcados de veios cambiantes, parallelos como as linhas de uma pauta calligraphica.

As barras, que são o ornato inferior das saias, o debrum dos aventaes, o padrão dos lenços e o tecido dos justilhos clamam tons estridentes.

Mas n'esta pyrotechnia louca de tintas e de traços uma côr audaz estoira como girandola de rubis, estilhaçando brasas candentes, incendiarias: é o vermelho igneo, o rubro das fornalhas em actividade e das cratéras em ebulição.

Deslumbram-se os olhos com esta pujança de vida, que no Minho conflue estonteante, e que falta no colorido baço dos trajos do sul, a não ser em pequenas manchas que repintam as carapuças e os collêtes dos campinos do Ribatejo, os lenços das mulheres de Almeirim no districto de Santarem, e das mulheres de Figueiró no districto de Leiria.

E' que a paizagem do sul, muitas vezes bella, é quasi sempre melancolica. Onde falta a montanha escalvada, a cordilheira nua e ossuda, sobeja a planicie erma, apparentemente morta, a charneca do Alemtejo, a leziria da Extremadura.

As terras, no sul, enriquecem, mas não cantam.

Em todo o Algarve, a vegetação intensa-se, tem uns longes amenos do Minho, mas o panorama do mar cava nostalgias da epoca dos descobrimentos na alma do marinheiro, e o dominio longo dos mouros, sobrepondo-se á natureza, não a deixou irisar-se nos trajes das povoações, onde o *biôco*, esse capuz fradesco das mulheres, meio arabe, meio medieval, é ainda uma tradição, combatida mas resistente.

No sul, incluindo o Algarve, a vegetação acachapa-se, a vinha rasteja, a arvore procura o solo, a côr debil afunda-se, parecendo confranger e enterrar o coração das povoações indigenas.

No Minho, a vide trepa, a roseira arboriza-se, a côr berrante sobe e empluma-se, gritando *Sursum corda*, convidando o coração do homem a elevar-se para a alegria azul da atmosphera, puxando por elle para cima com um guindaste fundido em sol, que

tem por base a coma dos arvoredos altos e corpulentos.

O saloio do Termo de Lisboa só conhece o fato da camponeza de Vianna pelo ter visto no corpo d'alguma rapariga estroina, que sae do baile de mascaras quando elle entra na cidade com as suas bilhas de leite ou com as hortaliças da sua almoinha.

E, semita por origem, perpetuando a aridez dos desertos berberescos no traje e nos costumes, o saloio chega a imaginar que o lindo fato multicor da cachopa minhôta é uma phantasia de carnaval, sem realidade, no resto do anno, em qualquer povoação do paiz.

Tem razão para crêl-o, porque a distancia entre o Minho e o Termo parece ainda maior quando traduzida em caracteres ethnographicos do que em leguas ou kilometros.

O minhôto é meio gallego na pronuncia, no amor ao trabalho, na passividade soffredora, na garridice do trajo, no gosto pelo canto, na aptidão para a musica, na ingenuidade primitiva dos instrumentos que tange, na devoção fervorosa aos santos da côrte celeste, no enthusiasmo pelas romarias, no respeito ás auctoridades locaes e, ainda, no seu desinteresse pelos negocios geraes do Estado, ao qual se reconhece esmagadoramente ligado por duas pesadas grilhetas: o escrivão de fazenda e a lei do recrutamento.

O minhôto é tão feliz quando rufa n'um tambor ou arranha n'uma viola chuleira como o gallego quando assopra n'uma gaita-de-folles: mas um e outro sen-

tem horror igual perante o aviso da décima, e o mesmo odio pela lei que vem arrancar-lhes os filhos para o serviço militar.

O saloio tambem abomina o thesouro publico e o tributo de sangue, tambem é agricultor como o minhôto e o gallego, mas tem maiores ralações do que o minhôto, porque é mais avarento e invejoso do que elle.

Descende de uma raça que outr'ora communicou ethnographica e geographicamente com a Arabia pelo isthmo de Suez e, por isso, herdou a avareza do judeu e a concentração melancolica e fatalista de todos os arabes.

Como se não bastasse para entristecel-o esta predisposição hereditaria, o saloio recebe o embate das paixões desordenadas da capital, sua proxima visinha, que lhe mostra todos os dias palacios sumptuosos, vidraças de joalheiros, riqueza, ociosidade, luxo, e que pelo jornal lhe transmitte o ecco dos jacobinismos republicanos, das reivindicações socialistas, e das brutalidades libertarias.

O saloio presenceia os cortejos do 1.º de maio, ouve pedir «oito horas de trabalho», falar de um ideal communista em que todos os homens seriam irmãos e o capital e a propriedade repartidos igualmente entre os cidadãos da communa.

De tudo o que vê e ouve apenas sabe colhêr a noção de que é possivel refazer o mundo social e melhorar a existencia da humanidade; ter mais dinheiro na arca, mais rezes no curral, mais terras para lavrar;

não dar filhos ao exercito, não pagar contribuições nem addicionaes, não aturar o regedor nem os cabos de policia.

E como Lisboa é a séde do poder central, onde o motor da governação publica funcciona, o saloio tem a Lisboa o odio que as classes inferiores nutrem ordinariamente por quem exerce o mando e applica as leis.

Queixa-se de que Lisboa lhe pede contribuições, lhe pede soldados, lhe pede coimas e relaxes sem querer lembrar-se de que todos os dias leva da Praça da Figueira o sacco de dinheiro que o alimenta, que o veste, que o remedeia ou enriquece.

O minhôto não chega a entender as reivindicações socialistas, especialmente aquella que pretende limitar o dia do operariado a oito horas de trabalho; não tem rancor ao patrão, nem aversão á propriedade; e apenas se revolta de seculo a seculo para queimar as matrizes, insurgir-se contra os impostos, protestar contra a carestia do milho ou defender um preconceito religioso.

A «Maria da Fonte» foi, na sua origem, uma revolução minhôta, sem intuitos politicos: a reacção popular contra «o cruzado para as estradas», [1] contra a mobilisação dos bens das Misericordias, contra os enterramentos obrigatorios nos cemiterios. [2]

---

[1] Gomes de Amorim, que foi testemunha presencial da revolução.

[2] Oliveira Martins, no *Portugal contemporaneo*.

Era o fanatismo em acção: fanatismo conservador e fanatismo religioso.

O Minho moderno não havia interferido collectivamente nas luctas partidarias antes de 1832. N'esse anno viu entrar em Braga D. Miguel: no longo periodo de quasi trez seculos, o minhôto não tinha visto nunca «um rei». A novidade e o brilho da recepção enthusiasmaram-n'o, é certo; electrizou-se com a presença de um representante do «Direito Divino». Foi um delirio, uma doida orgia de enthusiasmo. [1] Mas não era tanto a «causa» como a «pessoa» o mobil dos minhôtos. Depois, perdido D. Miguel, voltaram ao trabalho, e não se importaram mais com as revoluções e contra-revoluções que o exercito fazia. Por isso a revolta militar de 1862 teve de gorar sem o apoio do povo.

A «Maria da Fonte», emquanto se localizou no Minho, foi uma revolta caseira, *pro domo sua*.

Depois, os politicos, setembristas e miguelistas, sem exclusão dos padres, [2] canalizaram o movimento popular do Minho ao sabor das suas paixões n'um sentido genuinamente politico.

E, para illudirem o minhôto, ferindo-o na corda sensivel dos interesses agricolas, diziam-lhe que todas

---

[1] Interessantissimo, sob o ponto de vista descriptivo, um raro folheto de Francisco Jeronymo da Silva, impresso em Coimbra, 1832.

[2] Veja-se a *Maria da Fonte*, de Camillo, e o livro do Padre Casimiro.

as calamidades da vida rural provinham da acção nefasta do governo:

Se «nas eiras ha pardaes»,
A culpa é dos Cabraes.

O minhôto não odeia o capital, representado na propriedade. De todos os direitos reconhecidos pela legislação existente, a propriedade é até o que elle comprehende melhor. A terra que foi dos pais herdam-n'a os filhos; se foi vendida, pertence ao comprador. Isto é claro para o minhôto, como para toda a gente. Mas o direito de propriedade não é no Minho ferozmente auctoritario. Quem passa pela minha vinha, pode levar um cacho das minhas uvas, sem que eu o persiga. Se a macieira do visinho já tem fructo, os meus criados comem-lhe algumas maçãs impunemente. Quando muito, para afugentar as tentações, a propriedade defende-se com este velho rótulo preventivo: «Aqui ha ratoeira.» Ordinariamente, é apenas uma ameaça, e mais nada. Os ratoneiros são menos ingenuos do que os passaros: estes, coitados, ainda se fiam no espantalho que o proprietario poz na seara ou no pomar para conter-lhes a cobiça.

Os servos d'um lavrador falam-lhe com respeito, e até com ternura. O diminutivo, esse carinhoso tratamento que no Minho é tão vulgar, usam-n'o tradicionalmente os minhôtos para com todas as pessoas de categoria superior, incluindo os patrões.

Pode o proprietario ser velho, ter filhos ou ter ne-

tos: viverá e morrerá tratado por Antoninho se se chama Antonio.

E, ainda depois de morto, a sua memoria continua a inspirar o mesmo respeito e a mesma ternura: «no tempo do sr. Antoninho», diz-se; «o sr. Antoninho, Deus lhe fale n'alma», ou «Deus o tenha em bom logar, etc.»

Quanto á reivindicação socialista das 8 horas de trabalho, o minhôto largaria a rir e a mangar se ouvisse falar n'isso.

Para elle o trabalho não é o tempo que se gasta; é a tarefa que se ha de fazer.

A terra não pede horas nem minutos; pede cuidados e suor.

O dia do trabalhador minhôto, operario rural, dura tanto como o sol; os seus limites são a aurora e o occaso.

O camponez levanta-se de madrugada, quando os passarinhos o chamam, e começa a trabalhar. Apenas roubará á terra os momentos que lhe forem indispensaveis para comer. Depois, torna a pegar na enxada, na foice, no machado ou no mangual. Cava, ceifa, racha ou malha, sempre com a mesma intrepidez e resignação. E só faz breves pausas, sem largar nunca o instrumento de trabalho, para saudar o viandante, para dar uma ordem ou para tirar o chapéo quando ouve as Ave-Marias. Anoitecendo, não se lhe acabou o trabalho, mas acabou se-lhe a luz; o trabalho recomeçará no dia seguinte, quando a luz voltar.

Contar elle as horas? Não pensa n'isso.

Bem pelo contrario, o camponez do Minho tem uma hereditaria tendencia para encurtar a contagem do tempo e das distancias. Quando elle diz que o meio dia já deu ha *um pedacito*, pode calcular-se que passaram duas ou trez horas; quando fala de quatro leguas deve entender-se que pelo menos são cinco ou seis.

De que processo de resistencia se vale o minhôto para supportar, a pé firme, um dia inteiro de trabalho?

A resposta é facil. Estimula-se, anima-se, fortalece-se cantando.

Comprehende-se que o seu canto seja sempre alegre, não só pela suggestão dos factores mesologicos, physicos ou moraes, que rodeiam as povoações campestres do Minho, como tambem pela acção benefica e estimulante de que a propria alegria é por sua vez factor.

A antiga neuma «guay», comprimida hoje no — ai — das canções populares, e tão persistente nos *Fados* da Extremadura como equivalencia de um suspiro ou gemido, perde na bocca do camponez minhôto a sua expressão sentimental de melancolia e dôr.

O «cantar guayado», a que se referia Gil Vicente, não dá no Minho a impressão oppressiva de quem geme; o—ai—das serranilhas minhôtas é uma interjeição quente, um estribilho animado, um trillo vibrante, alguma coisa como o «aturuto» dos gallegos, a que Vicetto chama «um grito d'alegria».

Algumas vezes a trova minhôta acaba por uma lastima d'amor, como o «alalalaa» da Galliza,

> Isa amorosa doida cantiga,
> Forte ó comenzo, tenra no tono,
> E lastimeira, cando s'apaga;

mas o queixume está mais na intenção do que na voz, não chega a ser choroso como o de alem do rio Minho: apenas accusa um resentimento varonilmente soffrido.

O canto não representa para o minhôto apenas uma necessidade ou um recurso, mas conjuntamente uma philosophia, uma lei, e uma religião.

> Quem canta seu mal espanta,
> Quem chora seu mal augmenta.

Philosophia da resignação; lei do trabalho; religião do dever.

A gente do Minho canta trabalhando, trabalha porque precisa; e trabalhando agradece a Deus em canções o pão que ha de vir da terra, os fructos que hão de brotar das arvores, o orvalho ou a luz que hão de cahir do céo.

Para a terra manda todos os dias bagas de suor; para o céo envia rosarios de canções. E' sempre o trabalho feito musica, a resignação metrificada, a coragem traduzida em consoantes.

No campo ou na eira, sob o sol ardente, o minhôto

tem aos pés a bilha d'agua e na bôcca a trova refrigerante.

Dir-se-ha ser a canção uma andorinha domestica que lhe poisa sobre o hombro e vae chilriando emquanto elle trabalha.

Se é novo, a canção fala-lhe de amor; se é velho, traz-lhe saudades agradaveis.

Como a andorinha, que, vivendo nos nossos telhados, conhece a vossa vida, sabe os nossos segredos, a canção espreita para dentro de cada alma, esvoaça em torno de cada pensamento intimo, sem nunca perder de vista que a sua missão é espalhar a alegria no ar, na terra, e nos corações.

Creio que Deus ha de ouvir enlevado o canto dos camponezes, como se fosse uma oração palpitante de fé e de esperança, porque tendo Elle condemnado o homem ao trabalho por effeito do peccado original, o trabalhador que mais lhe deve agradar será aquelle que mais trabalhar sem revoltas e sem lastimas, sem recriminações e impaciencias.

Para galardoal-o, certamente, manda Deus todos os annos lourejar a seara, amadurecer os pomos.

Primeiro lhe paga as canções com flores, depois com fructos; e é provavel que envie cada anno o inverno, duro e frio, para fazer comprehender ao camponez quão dolorosa lhe seria a vida, quão grande a sua miseria, se o homem não trabalhasse cantando e o mesmo Deus lhe não respondesse sorrindo consolações e premios.

A toda hora, no Minho, a voz humana é um hymno,

um perfume de harmonia jucunda, que faz perdoar todas as rudezas e ignorancias do indigena, pouco menos de primitivo.

No Éden, Adão devia cantar assim quando a luz do sol lhe mostrou, n'um deslumbramento inédito, as primeiras maravilhas da natureza.

Foi uma serpente, e não uma ave, que tentou Eva a colhêr o fructo prohibido, porque a ave cantaria se o fizesse, e a canção, ainda quando maliciosa, alegra mais do que envenena.

Ha muito de biblico, pelo menos o que quer que seja de *Genesis*, n'esse accordar da voz humana, entre a natureza fecunda, dentro do peito do minhôto.

E' como se o primeiro homem, no Paraiso Terreal, sentindo-se encantado de ouvir a estréa musical das aves, e querendo imital-as, tomasse gosto ao canto, orgulhoso e contente de possuir em si mesmo o thesouro da palavra e de fazel-a subir tão alto, que todos os outros seres creados a podem ouvir e admirar desde a terra até ao céo.

Adão verificaria n'esse momento que a sua voz tinha azas e era capaz de voar levando ao cimo das montanhas a expressão do pensamento humano.

Desde então ouviu cantar o rouxinol, a cotovia, o pisco, sem lhes ter inveja, porque se reconheceu superior a elles, que possuiam apenas o canto — sem a palavra.

Quer-me parecer, porém, que a primeira canção do homem teria, como a das aves, o mesmo thema senti-

mental, isto é, seria uma vibração espontanea de ternura na procreação.

E' na primavera, quando, depois de feito o ninho, a femea, poisada sobre os ovos, os choca maternalmente, que o procreador ergue as suas mais bellas volatas, garganteadas em trillos agudos, rapidos e successivos.

Conheceis decerto esse passarinho cinzento, na aparencia insignificante, mas inexcedivel no canto, que se chama rouxinol.

E' nos silvados bravios, nas sarças agrestes, que elle vae fazer o seu ninho. Quer ver de perto a verdura, e emmaranhar-se n'ella. Para suavizar a aspereza do sitio procura a visinhança da agua corrente. E ali, no meio d'esse scenario primitivo, onde falta a cultura realizada pela mão do homem, celébra as suas nupcias, tão cioso da felicidade conjugal, que tem o cuidado de isolar o ninho, distanciando-o d'outros.

Uma trova popular define, com admiravel concisão, toda a ternura ardente d'este inegualavel poeta do ar:

O rouxinol canta alegre
«Por ter a dama no ninho»;
Olha como é constante
O amor de um passarinho!

E' ao luar, emquanto a femea acalenta os ovos sob as azas, que o rouxinol, para estimulal-a ao amor da prole e encurtar-lhe as longas horas de paciente incu-

bação, vocaliza, empoleirado n'um ramusculo, os seus trinados, bordando-os de ornatos e floreios, desfiando notas de uma pureza argentina, que vae graduando em escala ascendente até á nota mais aguda e nitida que a sua voz possa abemolar com firmeza,

Muitas vezes succede ouvir a distancia a voz de outro rouxinol, e travar-se desafio entre os dois cantores, com tão acirrada porfia, que um d'elles succumbe extenuado.

Bernardim Ribeiro observou este facto, e descreveu-o ingenuamente, mas não soube descobrir-lhe a causa.

Ella não é, nem pode ser outra, senão a mesma que lhe inspira o canto. Repugna crêr n'um sentimento de mesquinha rivalidade artistica, que faria as aves tão vis como os homens. Não. O que as impulsiona não é o odio, mas o instincto do amor. O rouxinol, quando trava lucta musical com outro, está convencido de que não ha maior felicidade do que a sua, e por isso quer medir-lhe a extensão desdobrando-a em gorgeios.

Um palmo de terra verde, um regato crystallino, um ninho e uma prole, eis toda a ventura do rouxinol.

Para o camponez do Minho pouco mais é preciso; por isso elle canta ainda hoje como n'aquella hora longinqua do *Genesis* cantou o primeiro homem, quando, tendo ouvido as aves, pôde glosar como ellas o amor.

O canto é a sua eloquencia, pois que outra não

tem : o seu lenitivo, o seu estimulo, o seu entretenimento, o seu verbo mais facil e correcto.

Mas, como a sua vida continua a ser serena, cheia de paz e resignação, o seu canto não tem amargura, nem lagrimas, nem fel ; é, como o do rouxinol, um hymno de felicidade, originariamente amoroso.

Feliz de mim se eu puder, n'este livro, dar ao leitor a impressão de como nas alegres canções do norte se espelha a alma simples e tranquilla das rudes povoações que tantas vezes tenho surprehendido e invejado.

Ordinariamente, as vozes são de bom timbre, muito flexiveis e afinadas.

Ninguem ensina o camponez a cantar : é uma aptidão natural, espontanea, que se desenvolve pelo exemplo.

Toda a natureza parece fundamentalmente educativa. As creanças do campo sabem cantar tão bem como as da borda d'agua sabem nadar. O montanhez é caçador por instincto. Os homens do litoral nascem pescadores ou marinheiros.

No Minho o canto individual ou orpheónico tem uma belleza de execução admiravel. As grandes massas coraes, que na cidade custam tanto a ensaiar, ennaipam-se maravilhosamente no campo sem a menor preparação, e produzem unisonos soberbos de firmeza, graduação e harmonia.

Circumstancia digna tambem de notar-se : ao passo que a pronuncia individual dos minhôtos carece de euphonia pela excessiva nasalidade das vogaes e dos

dithongos, o canto em commum attenua esses defeito phoneticos na resultante total do effeito melodico.

No seculo XVII, o marquez de Montebello notava este mesmo phenomeno acustico, referindo-se ao povo do Minho: «Con gran destreza se exercita la musica, que es tan natural en sus moradores esta arte, que sucede muchas vezes a los forasteros, que passan por las calles, particularmente en las tardes del Verano, parar, y suspenderse, escuchando los tonos, que á coros cantan, con fugas, y repeticiones, las moçuelas, que para exercitar la labor de que viven les es permittido, por tomar el fresco, hazerla en la calle. Al que ignora la musica engañan, pensando que la saben, y al que es diestro en ella, desengañan, que de todas las artes es naturaleza la mayor maestra». [1]

Realmente, nunca a palavra orpheon poderá ser applicada com maior propriedade ao canto coral do que no Minho, porque o facto, ainda mais que o vocabulo, faz ali recordar a fabula do divino Orpheu.

---

[1] *Vida de Manvel Machado de Azevedo*, pag. 44.

II

Inventario do material poetico

Para urdir a trama das suas canções, o camponez do norte colhe elementos de formação no unico vocabulario que lhe é dado folhear desde o berço á sepultura.

Servem-lhe os nomes das flores, das arvores, das plantas, das aves, dos fructos, dos rios, dos montes, das povoações, dos santos que teem romarias, e o indice dos usos e costumes da vida rural.

N'este teclado canta elle o amor e as mulheres, quasi sempre com ingenua sentimentalidade, algumas vezes com malicia e ironia—armas que chega a manejar habilmente.

Para exprimir estas duas intenções recorre a processos oppostos: a crueza e a decencia.

Sabe ser brutal, selvagem na phrase obscena; e tambem sabe embrulhal-a em delicados euphemismos, capazes de fazerem o desespero dos poetas cultos.

Não é raro, nas suas trovas amorosas, elevar-se á maior sublimidade de lyrismo, n'um vôo alto e audaz, que elle certamente copia das aves.

Não lê outros poetas que o estimulem e eduquem. E' por via de regra analphabeto, e sempre ignorante. O que n'elle parece ás vezes sabedoria não é mais do que sciencia experimental. Pela pratica, pela observação directa e constante, chegou a surprehender as leis da natureza, que redigiu em verso, como se fossem canções.

Os seus aphorismos e proverbios dictou-os em consoantes felizes ou em toantes rudes, e é por isso que uma vez ouvidos não esquecem mais.

Chuva do S. João quita vinho e não dá pão — Sant' Iago pinta o bago — Agua de julho não faz barulho — Luar de janeiro não tem parceiro, mas lá vem o d'agosto que lhe dá de rosto — Lua nova trovejada trinta dias é molhada, etc.

No tocante a meteorologia, os seus dictados são em numero infinito; ninguem sabe mais que elle.

Fóra da interpretação empirica dos phenomenos naturaes, a sua ignorancia revela-se em erros crassos, que um alumno de instrucção primaria poderá emendar facilmente.

Por exemplo:

Adeus, ó Penafiel,
Provincia de Traz-os-Montes.
Nos dias que te não vejo,
Meus olhos são duas fontes.

Agora viva o terreiro,
Que lá anda cousa bella;
Vale mais hoje o terreiro
Que a cidade de Palmella.

Mas estas e outras grosseiras manifestações de ignorancia são largamente resgatadas pela belleza de muitos pensamentos, sentenciosos e profundos, como na trova seguinte:

Eu amante e tu amante,
Qual de nós será mais firme?
Eu, como o sol, a buscar-te;
Tu, como a sombra, a fugir-me.

Nenhum dos primeiros poetas do mundo se recusaria a subscrever a quadra antecedente ou est'outra:

Os teus olhos são gentios,
São gentios da Guiné.
Da Guiné por serem negros,
Gentios por não ter fé.

As flores proporcionam ao camponez um vasto manancial de comparações, que muitas vezes se prestam a trocadilhos engenhosos.

Não quizestes ser perpetua
Sendo eu amor-perfeito;
Quizestes ser malmequer,
Martyrio d'este meu peito.

Fui ao jardim do teu peito
Para buscar uma flor.
Não achei amor-perfeito,
Que não ha perfeito amor.

Tendes o cravo na bocca
Com a raiz na garganta.
Quem vol-o tirára a beijos
A' hora que o gallo canta!

Eu sou cravo e tu és rosa;
Qual de nós valerá mais?
O cravo nasce á janella,
A rosa pelos quintaes.

Rosa branca, toma côr,
Não sejas tão descórada:
Que aonde chega a vermelha,
A branca não vale nada.

Na primeira d'estas quadras apparece um erro frequente, constante, em toda a linguagem do lavrador do norte, prosa ou verso: o de confundir o singular com o plural na conjugação dos verbos.

Mas o que é certo é que este mesmo erro torna mais cheia a sonoridade do verso, em obediencia a um espontaneo instincto de harmonia metrica.

Na terceira quadra, o euphemismo lança um véo de decencia sobre a malicia do pensamento, artificio que é vulgar attingir um inexcedivel grau de perfeição n'outras trovas, como por exemplo:

Lembra-te a noite em que juntos
Contamos á luz do luar,
Eu as areias do chão,
Tu as estrellas do ar?

Esta noite sonhei eu
Um sonho bem atrevido:
Sonhei que tinha na cama
A fôrma do teu vestido.

Na ultima d'aquellas cinco quadras, que proclama a superioridade da rosa vermelha sobre a rosa branca,

... aonde chega a vermelha,
A branca não vale nada,

a saude e robustez peculiares ao lavrador do norte parece cantarem um hymno de triumpho e orgulho em estrophes de carmim como a côr das faces e dos morangos.

Os olhos estão habituados ás flammas d'uma polychromia fortemente pincelada.

A mulher pallida, anemica, não os encheria de luz; no leito conjugal, confundir-se-ia com a brancura dos lençoes; e na maternidade apenas poderia gerar uma

prole rachitica e miseravel, que sómente daria população aos hospitaes e aos asylos, em vez de dar cultivadores á terra.

Uma unica vez na vida sente o minhôto pesar-lhe o vigor athletico dos filhos; é quando elles chegam a idade de entrar no recrutamento.

N'essa hora cuida ouvir rondar lhe a porta um salteador perigoso, que pretende roubar-lhe dois braços: é a Patria.

A sua vontade seria defender-se a tiro, porque a Patria nunca lhe deu nada, e exige-lhe muito: o imposto em dinheiro e o imposto em sangue.

Se a Terra lhe pedisse alguma cousa, teria obrigação de servil-a, porque tudo o que come e bebe e veste e arrecada é a Terra que lh'o dá.

Mas servir a Patria! Por que? e para quê?

Começa por não saber o que seja a Patria. Que lhe aproveita a elle um exercito, um governo, um parlamento e um rei? A *sua patria* é a parochia, que se administra perfeitamente com dois homens apenas: o abbade e o regedor.

Quando se affasta o bastante para deixar de ouvir o sino da freguezia, parece lhe que já está n'outro paiz, onde não é mais que um extrangeiro, e tem pressa de voltar para casa.

Ao regressar da romaria, que o levou a fazer uma caminhada de algumas leguas, dois corações pulam de contentamento: o d'elle e o do seu burro.

Logo que entra nos limites da freguezia, sente-se feliz: conhece a terra, a agua, as arvores, as searas.

Esta é a bouça de Fulano; aquella é a horta de Sicrano.

Tudo conhecidos e visinhos.

Finalmente, avista as suas propriedades, pisa-as, atravessa-as, revê se n'ellas, ama-as tanto com os olhos como com a alma, está na sua casa, na sua patria, sente-se mais valente e mais vivo.

Um exercito? Mas elle não precisa d'outro exercito além do varapau, do burro e do cão.

O varapau varre uma feira, tão efficazmente como um canhão Krupp.

E' a sua artilharia.

O burro, sempre n'um passo chouteiro, vence montes e valles, distancias enormes.

E' a sua cavallaria.

O cão faz sentinella á casa e, sendo preciso, carrega sobre o inimigo, substituindo as balas com os dentes.

E' a sua infantaria.

Para si, portanto, não precisa maior exercito, e o do rei só serve para incommodal-o por occasião das feiras, das romarias e das eleições, quando lhe cabe um boleto, e lhe mettem pela porta dentro um ou dois soldados refilões e bréjeiros.

Pois é este mesmo exercito, para elle não só inutil mas pesado, que lhe quer levar agora um filho, em nome da Patria e do Rei.

E para que serve o exercito?

Na paz, o seu filho, de colleira ao pescoco como um cão, e arreiado de correias como um jumento, perder-

se-ha por viellas, tascas, e bordeis, no trato de rameiras immundas, ocioso e vicioso.

Na guerra, terá de ser um assassino, o mais audacioso de todos, porque mata sem ser punido, ou terá de ficar estatelado no chão, com uma bala no bucho, servindo de pasto aos corvos famintos.

A guerra odeia-a, abomina-a, porque rouba, mata, e devasta. Ainda ouve falar com horror do tempo dos francezes, que não respeitavam as adegas, os celleiros, as egrejas e as donzellas. Ou bebiam o vinho ou destampavam os toneis. Roubavam a prata dos altares aos santos, e o dinheiro da arca aos lavradores. Incendiavam, assassinavam, pilhavam. Maldita guerra, irmã gemea da peste e da fome—trez grandes calamidades.

Quanto ao governo, o minhôto apenas o tem visto de longe, mas isso basta para aborrecel-o. E' quem o faz pagar contribuições, quem lhe pede soldados, quem não acode á ruina da egreja parochial. O governo não conhece as aldeas nem os aldeões; não quer saber de maus annos e más colheitas ; não observa de perto as necessidades da lavoira. Está em Lisboa, que é muito longe, para alem dos montes do sul. Não chegam lá os queixumes nem as lastimas. Ás vezes o minhôto pede ao regedor que se queixe por elle ao governo, e o regedor escreve tudo n'um papel, põe-lhe uma obreia vermelha, manda-o por um cabo de policia ao *amnistrador*, que por sua vez o remette ao governador civil, o qual o envia ao ministro do reino;—mas a resposta não chega nunca. Então, os queixosos

perderiam a coragem e a resignação, se o abbade lhes não dissesse em nome de Jesus Christo: «Tende paciencia, meus filhos, se quereis ganhar o reino do céo».

E os pobres camponezes saem do templo resignados e submissos.

O parlamento não sabem elles para que seja preciso, visto haver um rei que manda. Não comprehendem esta engrenagem constitucional. E foram criados a ouvir dizer que muita gente junta não se salva, porque cada cabeça cada sentença.

Para falar ao povo bastaria uma só voz, e nenhuma será capaz de falar mais alto que a do sino da torre.

E' effectivamente o sino que traduz todas as fortes commoções da vida dos camponezes: a dôr no dobre, a alegria no repique, o desespero no rebate. E' elle que chama os soccorros no caso de incendio. E' elle que trez vezes por dia os convida a olhar para o céo, soando trez badaladas que resoam longamente pelos campos fóra. E' elle que os põe em communicação com os povos visinhos, dando-lhes os bons dias e as boas noites ou participando de uma aldeia para outra o que tiver acontecido de mais importante.

Muitas vezes, no trabalho, o camponez pára de repente com o ouvido á escuta.

—Quedae-vos, gentes, diz elle. Parece-me que sinto tocar a defunto lá para as bandas de riba.

Põem-se todos a escutar, e certificam-se: que sim, que é em S. Braz, e que não deixa de ser por alma

do caseiro das Dornas, que estava muito mal com febres.

Outras vezes é o sino quem primeiro avisa o camponez de haver mudança de tempo.

Quando em Santo Thyrso se ouve o sino de Santa Christina do Couto a tempestade não tarda.

— E' preciso, diz o lavrador, levantar o milho da eira, porque a chuva vem ahi.

E dentro d'algumas horas, puxada pelo vento sul, a chuva começa a cahir.

O minhôto comprehenderia que um sino muito grande, n'uma torre muito alta, falasse para todos os portuguezes; parecia-lhe isso melhor do que um parlamento, com muita gente, muitas vozes, e muitas cabeças.

Comtudo, o parlamento tem para elle uma vantagem: são as eleições. A troco do seu voto, promettem os eleiçoeiros influentes livrar-lhe o filho de soldado. Algumas vezes, faltam-lhe, e elle não tem remedio senão ir ao pé-de-meia buscar o dinheiro preciso para a remissão. Mas, quando as bichas pégam, o lavrador, delirante de alegria, diz aos seus botões que não ha melhor negocio n'este mundo: livrar um filho por um bocado de papel.

De modo que se o parlamento é para elle uma coisa inutil, as eleições não o são.

No cancioneiro popular do norte os nomes das arvores e plantas fornecem muitos e pittorescos elementos de comparação, quasi sempre mais latente que explicita.

O minhôto, falando para quem o entende, deixa a relação de semelhança em suspenso, apenas indicada.

O' que pinheiro tão alto!
Quem lhe ha de colhêr a rama?
É uma menina do Porto,
Que se chama Mariana.

O' que pinheiro tão alto!
Quem lhe ha de colhêr as pinhas?
E uma menina do Porto,
Que se chama Mariquinhas.

A posição social da «menina do Porto» está para o seu cantor como a rama ou as pinhas de um pinheiro alto para as hervas do chão.

O pinheiro já nos cancioneiros antigos, no da Vaticana por exemplo, occupava um logar de honra: é o «verde pino» dos nossos trovadores.

Arvore bem acclimada, bem nossa, generalizada em todo o paiz, ella ama de preferencia o norte, e o minhôto paga-lhe na mesma moeda.

É que elle reconhece todas as vantagens praticas d'esta conifera utilitaria. Ella ministra o alcatrão, o pez, o taboado, o vigamento, o poste e a travessa das linhas ferreas. Nunca se perdeu o pinhão cahido á terra, ainda que seja o vento que o semeie ou o bico de alguma ave, como na georgica de Bulhão Pato:

Assustada de um tiro, esquiva rôla brava
Deixou cahir do bico um pinhão. Rutilava
O sol canicular. Celeste semeadora,
Achou fertil o chão, fosse o terreno, embora,
Quasi de rocha viva, e contraria a estação!

A oliveira tem uma popularidade sagrada, por ser, como diz a trova,

. . . . . .
Arvore de grande valor,
Onde se cria o azeite
P'ra allumiar o Senhor.

Alem d'isto é desde o diluvio universal o symbolo da paz.

A sua folha, e mais ainda o seu fructo, ornam frequentemente as cantigas do minhôto.

A folha da oliveira
De amarella encar'colou.
Estavas p'ra mim tão firme...
Meu amor, quem te voltou?

E' que a constancia da mulher dobra-se facilmente. O amor envelhece n'ella como as folhas das arvores quando amarellecem.

Muita volta dá o rio
Ao redor do amieiro;
Mais voltas dá o amor
Sendo leal, verdadeiro.

O coração sinceramente apaixonado dá tantas voltas como o rio quando encontra uma difficuldade no seu curso.

O' que rico luar faz
Para colhêr a macella!
Menina, vamos colhel-a,
E fazer a cama n'ella.

E' esta uma das quadras em que a malicia apparece a descoberto n'um decote escancarado de voluptuosidade.

Já o pomar creou silvas,
Já não ha passeadores,
Já d'esta terra se foram
Os meus primeiros amores.

A ausencia eriçou de espinhos o coração saudoso. é como um pomar ensilveirado.

O' alecrim, rei das hervas,
Já meu peito foi teu vaso.
Já lá tens outros amores,
Já de mim não fazes caso.

Apologia da mulher que se amou, pelo confronto com o alecrim cheiroso, que requer ser cultivado n'um vaso de estimação.

De todas as plantas é certamente a silva a que maior numero de comparações fornece ao cancioneiro do norte.

Ella apparece em toda a parte, veste os caminhos e os vallados, alinda e fére, porque tem espinhos.

Silva verde, não me prendas,
Que eu não tenho quem me solte.
Não queiras ser, silva verde,
A causa da minha morte.

A silva tem mil piquinhos,
Mil agarros, com que prende.
Não diga que sabe pouco
Quem do amor se defende.

E' o mesmo pensamento de Camões nos dois conhecidos versos:

Mas quem pode livrar-se porventura
Dos laços que Amor arma brandamente?

Os grandes poetas encontram-se, e o povo é um grande poeta, talvez o maior de todos, porque não envelhece nem morre jámais.

Se os povos são felizes, cantam sua paz e riqueza: se estão escravizados ou abatidos, cantam saudades de um passado longinquo, esperançados n'um messianismo redemptor.

Bem se comprehende que o poeta dos campos vá buscar uma avultada contribuição poetica á vida e costumes dos passarinhos, que elle conhece muito de perto, e que por isso mesmo acha admiraveis e encantadores.

As aves, na cidade, são um luxo e um recreio. Estima-se-lhes o canto, principalmente; e quanto mais rara é a especie ornithologica, tanto mais se apreciam.

As gaiolas doiradas e vistosas constituem uma chinezice de mobiliario elegante.

No campo, os passarinhos, creados em plena natureza e absoluta liberdade, offerecem á admiração do camponez um poema de assombrosas maravilhas, cuja primeira estrophe é o ninho, prodigio de arte, realizado apenas com o auxilio do bico.

O ninho! Berço exteriormente encanastrado de folhinhas e musgos, na forma correcta de um côco partido ao meio. São tão estreitas as malhas que o entrançam, tão bem encadeadas umas nas outras, que parecem urdidas por mãos habilidosas, — as mãos de uma pequenina Fada protectora dos passarinhos.

O interior do ninho, todo acolchoado de pennas, cotão e outros frouxeis suaves, é fofo como a sumauma; macio e quente como devem ser os berços.

A construcção, sempre prodigiosa, revela, comtudo, maior ou menor grau de aptidões artisticas, segundo o genero ou especie das aves.

Os ninhos da andorinha, do pimpalhão e do carriço são modêlos de sabedoria architectonica e de esmero plastico.

A rôla, o gaio e o melro não primam como constructores, os seus ninhos, imperfeitos, carecem de boas condições de segurança e resguardo: por isso ás vezes, o vento, abalando os ninhos, arremessa ao

chão os ovos, e os esmaga, ou a prole ainda implume, que succumbe na queda.

Todos os passarinhos observam cuidadosamente os preceitos da hygiene domestica. Nenhum d'elles excreta dentro do ninho. Com ser pequenina, a habitação está sempre limpa, e bem tratada, n'um requinte de asseio, como a da mais cuidadosa mãe de familia. Justificadamente diz portanto uma pessoa — o meu ninho — quando faz gosto da sua casa e a traz linda como um palmito.

Os passarinhos entram e saem por uma pequena abertura do ninho, compativel com a elasticidade do seu corpo: é defesa estrategica contra um invasor de maior vulto, e medida prudente para obter uma ventilação moderada, de modo que não falte nem sobeje o ar athmospherico.

Cada ave escolhe o logar do seu ninho por determinação impulsiva do instincto de conservação.

As andorinhas fabricam-n'o no beiral dos nossos telhados, no friso das nossas janellas, no rebordo dos muros altos e na cimalha dos portões elevados.

E' a avesinha que menos se teme do homem e que, até pelo contrario, parece entregar-se á generosidade hospitaleira d'elle.

Apenas toma precauções defensivas contra a perseguição barbara das creanças, fabricando o ninho a uma altura que possa dar garantias de segurança inviolavel.

Mas nem assim escapam, tantas vezes, os ninhos das andorinhas, os ninhos em geral, á perseguição do

rapazio travêsso, que os derruba com varas compridas só pela ambição e gosto de os possuir.

Além d'este perigo, ainda ha outro para a inviolabilidade de qualquer ninho: é o da invasão astuciosa do cuco, cuja femea, gaudéria do ar, vae depôr os seus ovos na casa alheia, muitas vezes na do pisco. Depois, a prole do cuco expulsa os antigos proprietarios.

Por isso o cuco é despresado, e a femea ainda mais, pelo camponez que não comprehende a vida sem um lar e uma familia.

A tradição diz que a andorinha felicita o predio que procura, motivo por que o seu ninho deve considerar-se sagrado.

No fundo d'esta tradição está certamente um sentimento nobre do homem: o de fazer respeitar e garantir o principio altruista da hospitalidade.

As obras de misericordia mandam dar poisada aos peregrinos, sem distinguir que sejam do ar ou da terra, e nenhum outro ser é mais errante e indefeso do que esses caminheiros aereos que se chamam — aves de arribação.

Perto das Caldas de Vizella ha um predio geralmente conhecido por «casa dos ninhos». Está cheia d'elles, d'alto a baixo. E' uma hospedaria annual das andorinhas, um «pateo» ou «ilha» de familias aladas. Todos estes ninhos vão permanecendo ali pela vigilancia dos habitantes do predio, de geração em geração, na descendencia parallela dos senhorios protectores e dos inquilinos protegidos.

As andorinhas são de todas as aves as que parecem ter mais clara noção do significado moral e da domesticidade honesta do ninho, por isso que, entre ellas, as femeas casam uma só vez e, depois da morte do macho, não tornam a conhecer outro.

Com absoluta justiça escreveu o poeta portuense Augusto Luso:

> Quero a andorinha *uma só vez* amando.

Gil Vicente foi cegamente injusto quando disse d'esta pequenina ave, n'uma farça:

> Seus amores vão e vem,
> Nenhua certeza tem.

Logo que chegam na primavera, as andorinhas voam direitas ao sitio, qualquer que seja, em que deixaram o ninho, orientadas com uma admiravel certeza de memoria.

Se já o não encontram, esvoaçam como doidas, piando de afflicção, a dizerem-se doloridamente «Era aqui. Era aqui».

Não ha duvida que era, mas o ninho foi derrubado por algum muchacho bravio, que não soube medir todo o alcance da sua cruel acção.

Então, refeitos da primeira surpresa que os desvairou, os dois amorosos progenitores resignam-se ao trabalho de construir outro ninho, carreando no

bico flocos de musgo ou de cotanilho, folhas seccas e palhinhas curtas, que vão ennastrando justapostas e argamassando, se tanto fôr preciso, com o lôdo das ribeiras.

A rôla costuma aninhar nos carvalhos, sobreiros, e oliveiras; o gaio nos pinheiros altos; o melro nos silvados, como o rouxinol; o chasco dentro dos matagaes asperrimos.

O corvo, odiado nas provincias do norte por ser carnivoro (se bem que abençoado nas do sul pela lenda de S. Vicente), acautela-se encastellando o ninho no cocoruto dos pinhaes solitarios.

Feito o ninho, começa para a mãe o trabalho da incubação, longo e ternissimo, cabendo ao pai o de agenciar a alimentação da femea. Mas o ovo estala, o passarinho sae, nu e tremente. E' preciso agasalhal-o com as azas maternas, metter-lhe o cibato pelo bico dentro. As pennas despontam finalmente; vão-se emplumando as tenras azitas: agora é preciso ensinal-o a voar, fazer-lhe sentir que o seu mundo são as regiões do ar, o espaço azul e infinito. E ámanhã, azas abertas ao vento, o joven passarinho emancipa-se, apto para cruzar o céo de polo a polo.

Emigrará, se é de arribação, vendo chegar o outono. Vae emprehender a sua primeira viagem de longo curso, mundo em fóra. Agremia-se a uma caravana, fórma com outros uma nuvem negra e ondulante, que por momentos escurece o ar. Assim partem as andorinhas, e quando ellas emigram, a invernia não tarda muito.

O camponez conhece todos estes segredos e galanterias da vida das aves; estuda-os, analysa-os, dia a dia, hora a hora; distingue cada passaro pelo canto ou até pelo vôo; sabe qual alimento preferem, qual a hora em que cantam, qual o bem ou o damno que podem causar á agricultura; e até se presa de saber a lenda maravilhosa de alguns d'elles.

Contar-vos-ha, por exemplo, como foi que o pisco e o chasco intervieram no drama ingente da Paixão de Christo.

Andavam os phariseus em procura de Nosso Senhor para o prender e levar á presença de Poncio Pilatos.

Encontraram um chasco e perguntaram-lhe:

— Viste passar por aqui o Nazareno?

E o chasco, avisando-os de que, para encontral-o, deviam retroceder, respondeu:

Chás, chás,
Para traz.

Mas um pisco, que tinha ouvido tanto a pergunta como a resposta, quiz piedosamente salvar Jesus, e contestou ao chasco:

Pis, pis,
Mentis.

E desde então o pisco merece a estima e o chasco a repulsão das almas christãs.

No cancioneiro do camponez do norte, a andorinha,

por ser a ave mais familiar, é sempre tratada n'um sentido de domesticidade amigavel.

Em Coimbra aconteceu
Um caso muito inter'sante:
Uma andorinha fez ninho
Nas barbas d'um estudante.

Tenho um ninho de andorinha
Na janella do reitor;
Faço que vou vêr o ninho
E vou vêr o meu amor.

O rouxinol, cantor muito sensivel, é tido na conta de um Orpheu aereo, cujos hymnos de amor, arrebatados e vibrantes, são estimulo ao coração do homem para amar como elle :

Canta, canta, rouxinol,
De noute á luz do luar.
Canta, canta, que o teu canto
Algum peito ha de abrandar.

Quando o rouxinol padece,
Sendo uma ave tão pequena,
Que fará meu coração,
Coberto de tanta pena!

O rouxinol de enraivado
Arranca pennas co'o bico.
Assim faz o meu amor
Quando se vai e eu fico.

O pintasilgo, apesar de não ter tanta arte e paixão como o rouxinol, é um bom menestrel rustico, o que quer que seja de estimavel «musico d'aldea», sem competidor no seu genero.

Por isso diz uma trova:

Das aves que andam na serra
O pintasilgo é o rei;
Dá-me a tua liberdade,
Que eu a minha já t'a dei.

A' primeira vista, parece não haver connexão entre os dois primeiros e os dois ultimos versos d'esta quadra. Acontece isso muitas vezes na poesia popular. Comtudo, a idéa está completa, e ligada: se até as aves da serra reconhecem um «senhor», não é para extranhar que dois namorados sacrifiquem um ao outro a sua liberdade e independencia.

Quasi todas as aves, quasi todos os animaes da fauna portugueza ou conhecidos em Portugal, figuram no cancioneiro popular do norte, mas n'um plano inferior áquelles trez.

Tens falas de papagaio,
O cantar de codorniz,
O ouvir é de toupeira,
Deves dar-te por feliz.

O papagaio, com ser oriundo d'outros continentes,

é citado pelo symbolismo da côr ou pela abundancia das pennas:

Papagaio, penna verde,
Empresta-me o teu vestido.
O teu vestido são pennas,
Em penas ando mettido.

As pennas das aves são um rico filão de trocadilhos, copiosa fonte de comparação com os desgostos do amor.

Passarinho, só tu podes
Com pennas andar cantando;
Pois eu cá não sou assim,
Com penas ando chorando.

Finalmente, cada uma das aves chamadas a intervir, como elemento poetico, na poesia popular do norte, fornece-lhe um bom subsidio de galanteria aldeã e de graça campestre:

A perdiz anda no monte,
O perdigão no vallado.
Diga-me, ó minha menina,
Quem é o seu namorado.

Morreu a minha pombinha,
Já não tenho portador;
Já não tenho quem me leve
As cartas ao meu amor.

Com a penna do pavão
E o sangue da cotovia,
Hei-de escrever o meu nome
No coração de Maria.

Os dons de Pomona, como diria um poeta árcade, prestam-se, por sua vez, á expressão do apetite sensual, da gula amorosa.

Theresinha, cacho de uvas,
O' quem te depenicára!
De baguinho em baguinho
Nem um bago te deixára.

Fui ao ceu por uma ameixa,
Desci por um cacho d'uvas.
As mulheres teem muita manha,
Principalmente as viuvas.

O amor d'uma viuva
E' como o comer sem sal;
E' como a fructa sombria,
Que não sabe bem nem mal.

As uvas maduras são doces, conteem assucar. Bastaria esta circumstancia para as fazer lembrar; mas são, alem d'isso, a origem do vinho, «sangue de Christo», que é riqueza e alegria do lavrador.

A azeitona, alem de ser o fructo de uma arvore sagrada, representa um importante valor na economia rural. Todas estas circumstancias a recommendam ao cancioneiro agricola:

Queixa-se a verde oliveira,
E tem p'ra isso razão,
Pois lhe colhem a azeitona
E a rama deitam-lh'a ao chão.

Atirei uma azeitona
A' menina da varanda.
A azeitona cahiu dentro,
A menina já cá anda.

A laranja e a cereja, que se fazem estimar pelo seu agradavel sabor, e até pelo seu colorido brilhante, não podiam esquecer tambem.

A laranja cahiu n'agua,
Apodreceu-lhe metade.
Quem ama dois corações,
Ama um com falsidade.

Coração que se biparte para amar, ha de servir peor um dos amores. E' como a metade da laranja que apodreceu dentro d'agua.

A laranja, quando nasce,
Logo nasce redondinha.
Tambem tu quando nasceste
Logo foi para ser minha.

A idéa do «primeiro amor» está habilmente incluida n'este simile da cereja, que apparece em maio, antes das outras fructas:

Eu hei de amar a cereja,
Que é a primeira novidade.
Pois é a primeira fructa,
Que se vende na cidade.

A pêra presta-se a ser um presente galante, e como tal figura no cancioneiro:

De Lisboa me mandaram
Quatro péras n'um raminho.
Quem me dera agora vêr
Quem fez o ramalhetinho!

As mais pequeninas são as mais saborosas, e todas ellas coincidem com a fórma aphrodisiaca de uma pôma invertida.

A maçã representa o «fructo prohibido», traz desde o Paraiso Terreal uma lenda de tentação, liga-se, por isso, á idéa de mulher e de cobiça:

Minha maçã vermelhinha,
Picada do rouxinol,
Se não fosses picadinha
Eras linda como o sol.

Para completar o inventario do material poetico resta-nos falar dos rios, dos montes, das povoações, das romarias, e dos costumes ruraes.

E' o que vamos fazer rapidamente, indicando apenas alguns exemplos.

Topico dos rios, embora alguns sejam de outras provincias, mas celebrados no cancioneiro do Minho:

O' areal do Mondego,
Não sei como tens areia:
Quer de noute, quer de dia,
Meu coração te passeia.

Eu passei o rio Ave
Dentro de uma tangerina.
Rio Ave, não me leves,
Que eu inda sou pequenina.

A agua do rio Minho
Corre por baixo da ponte;
Quem quizer o cravo doudo
Ponha-lhe a rosa defronte.

Topico dos montes e serras, visinhos ou distantes:

Alta serra do Gerez,
Onde a neve se detém:
Chamo, ninguem me responde,
Olho, não vejo ninguem.

O' alta serra da Estrella,
Onde se tece a cambraia:
Se d'esta me vejo livre,
Não temas que eu n'outra caia.

Topico de povoações portuguezas, especialmente cidades, por serem as mais importantes:

Tu chamaste ao meu cabello
Cannavial de Vianna.
Tambem eu chamo ao teu
Cabello d'uma tyranna.

O' Aveiro, ó Aveiro,
Que tens marinhas de sal :
Não ha terra mais bonita
No reino de Portugal.

O' cidade de Coimbra,
Pequenina e alegre :
Quem n'ella tomar amores
Ha de saltar como a lebre.

Adeus, ó Castello Branco,
Para mim castello negro :
O meu amor é soldado,
Anda a cumprir um degredo.

Se o mar tivesse varanda,
Iria vêr-te a Lisboa.
Mas o mar não tem varanda ;
Quem não tem azas não vôa. [1]

---

[1] O final d'esta quadra excede em belleza o da cantiga que lhe corresponde no cancioneiro gallego :

Si ó mar tibera barandas
Forate ver á o Brazil ;
Mais ó mar non tem barandas,
Amor meu, por dond'ei d'ir ?

Na penultima d'estas quadras encontra-se a aversão ao recrutamento; e talvez que a ultima, falando de uma cidade que o camponez do norte apenas conhece de nome, represente a saudade de uma cachópa minhôta pelo seu namorado, ausente em serviço do exercito ou da armada real.

Topico das romarias, apenas para exemplificar por agora:

O' Senhor de Mattosinhos,
A vossa capella cheira,
Cheira a cravo, cheira a rosa
E á flor da laranjeira.

É uma romaria afamada do arrabalde do Porto, perto do mar, onde vae desaguar o rio Leça, que banha a povoação de Mattosinhos.

O Santuario do Bom Jesus do Monte, tão frequentado pelos lavradores do Minho, especialmente no domingo do Espirito Santo, tem inspirado innumeras trovas, entre as quaes mencionarei esta, cantada pelos romeiros em transito:

Meninas de Villa Nova, [1]
Fazei aqui uma fonte,
Para que possa beber
Quem vae ao Senhor do Monte.

---

[1] Villa Nova de Famalicão.

Outra romaria, celebrada n'um dos montes circumjacentes ao Porto, a serra de Alvarelhos:

Milagrosa Santa Euphemia
Lá do alto da Carriça,
Quantos e quantos se ficam
No vosso dia sem missa!

Allusão aos namorados que, na doudice do amor, esquecem os seus deveres religiosos.

As referencias do cancioneiro popular aos costumes aldeões forneceriam por si sós vasto assumpto para um grosso volume.

Daremos a primazia aos quadros da vida amorosa: os colloquios do domingo no adro da egreja; a facilidade de se encontrarem os namorados tanto de dia como á noite:

Para domingo que vem
Hei de ir á missa do dia [1],
P'ra falar com meu amor
Á porta da sacristia.

É um regalo na vida
Ter os amores na aldeia:
Quem lhes não fala de dia,
Fala-lhes depois de ceia.

---

[1] Nas aldeias do norte, ha ordinariamente duas missas ao domingo: a primeira, é a *missa d'alva*; a segunda, é a *missa do dia*.

Comparação fornecida pela lareira aldeã, onde a cinza, agglomerada em montão, alimenta por muito tempo o rescaldo:

Inda que o lume se apague,
Na cinza fica o calor.
Embora o amor se ausente,
No coração fica a dôr.

Rapida descripção do collête usado pelas camponezas do Minho mais tafulas e garridas:

Trazes collête de sêda,
Debruado com velludo.
Inda espero possuir
Collête, fôrmas, e tudo.

A fiação do linho na roca tradicional:

Quem me dera ser tão fino
Como o linho que fiaes.
Quem vos déra tantos beijos
Como vós no linho daes.

A fiandeira, puxando o fio, vae amaciando-o com os labios, parecendo beijal-o.

Uma proposta de casamento e alarde da riqueza do noivo:

Hei de levar-te comigo,
E caso eu isso não possa,
Como meu pai tem uns bois,
Vem buscar-te na carroça.

Allusão a culturas cerealiferas, para contrapôr a sua periodicidade ao coração amante que não descança nunca:

Já o trigo está nascido,
A cevada está creada,
Só o meu coraçãosinho
De te amar nunca se enfada.

A analyse psychologica exercida pelo camponez, e traduzida em sentenças rimadas como os aphorismos meteorologicos, conserva um ar de riso e de philosophia bonacheirona, até nas occasiões em que tem de censurar as versatilidades do coração humano e lastimar os desequilibrios da vida conjugal:

Nunca vi ventar do sul,
Que aos trez dias não chovesse:
Nunca vi homem casado
Que se não arrependesse.

Se o casar fosse tão doce
No fim, como é no começo,
Eu pedira á minha mãe
Que me casasse no berço.

Como se vê, as canções do norte não vão buscar lagrimas ou gemidos ao *Fado*, nem se bordam de escurezas de calão, como as da Extremadura.

A sua linguagem é clara como a luz, viridente como a primavera. Entretece-se de flores e fructos, engrinalda-se de ramagens, empluma-se com a pennugem das aves, matiza-se com os nomes da topographia aldeã e do agiologio popular, anima-se com o bosquejo dos quadros campesinos.

E' a eterna linguagem dos madrigaes e dos idyllios.

III

Choreographicas

Como o povo do norte canta sempre, tambem canta dançando.

O canto é n'elle um habito de todos os dias, e por isso não o considera um folguedo; a dança, sim, essa é que é a folia e o deporte, a tarde de cada domingo, o grande attractivo de cada romaria e serão, um divertimento que, despedaçando o jugo do trabalho, proclama a independencia da alegria.

Pode dizer-se que a dança no Minho equivale a uma revolta inconsciente e ephemera contra os cuidados da lavoura, as obrigações domesticas e as contrariedades da vida.

Na vanguarda dos camponezes revoltados pela dança avançam os moços, que desfraldam a bandeira verde da esperança e do amor, como a de Nun'Alvares

em Aljubarrôta; mas no corpo do exercito marcham tambem os velhos sadios e válidos, não menos alegres que os moços, ageis e lestos como elles.

O velho, no Minho, não é por via de regra um espectro que surge d'entre ruinas, nem um veterano que lacrimeje ao contar as façanhas do passado.

Se a doença o não alquebrou ainda, elle não é propriamente um velho, mas apenas um rapaz antigo.

Os annos não lhe pesam, por muitos que sejam; só os achaques poderão esmagal-o.

O ar puro e livre dos campos sacode-lhe o caruncho, desinfecta-o, e enrija-o.

Por isso é o velho que nos serões ou nas romarias tange a viola e dá o alamiré das cantigas; é d'elle que partem as mais chistosas piadas e os mais salgados remoques; é elle que estimula a folia, saltando para o meio da dança, saudado pelos applausos e risadas da gente moça.

E a sua velhice não é pretenciosa, nem ridicula; mas util e agradavel.

Util, porque lhe não falta vigor para o trabalho, memoria para recordar as cantigas do seu tempo, nem pulso para tanger a viola; agradavel, porque não reprime a alegria dos novos, antes a provoca e incita pela auctoridade e pelo exemplo.

O velho, nas aldeias do norte, é sempre um livro que se folheia com proveito, porque elle ensina a trabalhar e a divertir.

Parte para as romarias á frente da sua prole, filhos e netos, ou dos seus visinhos, flor no chapéo, viola

nos braços, caminhando a passo firme, e voltando-se algumas vezes para traz a dizer galhofeiramente á rapaziada: — Vós sois muito pôdres das pernas, ó cachópos!

Velhos e novos dançam com igual vigor depois de seis dias de trabalho ou de quatro horas de caminho.

O rancho chega ao arraial sem fadiga, entra no templo, e ajoelha a fazer oração; depois sae para o adro e fica de pé, sempre de pé, para dançar, para namorar ou para beber.

As danças são quasi todas de um rythmo ligeiro, pulado, saltante: uma affirmação de robustez como o trabalho. Duram quasi tantas horas como as espadeladas do linho, e as malhadas do milho ou do centeio. Succedem-se umas ás outras, como na lenda dos bailarins. As pernas volteiam, os braços requebram-se, os dedos estralejam como castanholas, o canto não se interrompe, nem desfallece. A alegria e a saude dos pares dançantes parece o rodizio de uma azenha a girar, a moer, a zunir. O pó branqueia-os, como a farinha aos moleiros. Os lenços esvoaçam na cabeça, os registos do santo estremecem nos chapéos, os cordões de ouro vascolejam no peito, as pômas arfam como o papo das rôlas, a solêta polida solfeja no calcanhar, e a terra parece convulsionar-se e rugir como a cratera de um vulcão.

E' a dança minhôta no auge do enthusiasmo, a dança dos fortes, queimados pelo sol, curtidos pelo frio, musculizados pelo trabalho.

E' a dança cantada, suada, trabalhada, como a la-

voura. Cada corpo humano converteu-se em charrua, e vae lavrando a terra em falso, cavando sulcos com os pés, desterroando aos saltos a gleba.

Na civilização das cidades, o canto, considerado uma arte, não se mistura com a dança. Os pares manobram em silencio, n'uma compostura disciplinada de etiqueta, n'um exagero de palacianismo mesurado.

Nas aldeias do norte a dança canta e pula, ondeia e referve, borbulhona e esparrinha.

Tambem não se circumscreve ao arrastar de pés, monotonamente arabe, dos bailaricos saloios de Cintra, de Mafra, de Loures, de Torres Vedras.

E' viva, espumante de bulicio, e na singeleza do desenho choreographico accusa ainda um vida primitiva, quasi estacionaria, crystallizada na tradição e na ignorancia.

A moda do bailarico
Não tem nada que saber:
É andar co'um pé no ar
E outro no chão a bater.

Falta-lhe a phantasia creadora dos choreographos, a marcação complicada das quadrilhas, a ondulação rythmica das valsas, o apparato dispendioso dos *cotillons.*

Ordinariamente divide os pares em grupos de quatro pessoas, que ora entrecruzam, ora volteiam duas a duas, ora serpejam descrevendo um *8*, ora encadeiam as mãos para formar *petit rond*, retornando de-

pois ao primeiro passo, sem que o «allegro» afrouxe jámais.

Digo ordinariamente, porque ha algumas excepções, a *Seranda* por exemplo, que é uma ronda em que cada um dos pares evoluciona independentemente, dando meia volta sobre a direita e outra meia sobre a esquerda.

O' Seranda, ó Serandinha,
Vamos nós a serandar.
Vamos dar a meia volta,
Outra meia vamos dar.

Mas, por via de regra, a figuração e cisura das danças minhôtas obedecem a um schema commum. São quasi sempre as mesmas com diverso nome: assim, o *S. João* pouco differe do *Malhão;* o *Penafiel* é decalcado na *Vareira.* Os recursos de imaginação, limitados, escassos, não dão para mais. E, por vezes, ha o que quer que seja de rudeza ingenua de batuque, como nas *Marrafas*, que se regem por um constante bate-bate de mãos. O *Velho* é essencialmente o mesmo que as *Marrafas*, com a differença de não ser palmejado, o que o civiliza um pouco mais.

Qualquer tangedor de viola, sentado n'um escanho ou n'uma pedra, deita a espaços a cantiga, que espevita a dança. Principia por uma nota aguda, para apanhar «o tempo», e desce depois a voz sem longas suspensões nem trinados altos. Quando tomam parte na dança um cantador ou cantadeira de fama, são elles que se fazem ouvir a solo, acompanhados pela viola.

A vivacidade choreographica do norte apenas esmorece algum tanto na *Chula*, especialmente na da Maia,[1] e é por isso que ás vezes se intercallam nos seus primeiros compassos os afamados *desafios*, de que, mercê da brandura do rythmo, ninguem perde palavra.

A *Canninha verde* pode considerar-se o typo predominante da chorea movimentada, fraccionada em grupos, colleando em *8*.

O seu titulo não foi tomado ao acaso e remonta na origem — por mais estranho que isto pareça — á idade dos deuses.

Nas velhas mythologias da antiguidade oriental e classica, a canna representava um poder maravilhoso, foi sempre um instrumento de magia.

Apparece com este caracter nos poemas da India, no *Mahabhárata* e no *Ramáyana*, designada pelo vocabulo «ishika».

Ainda hoje, em Italia, a mesma crença subsiste na sua primitiva vitalidade.

Para matar uma serpente seria inefficaz um grosso cajado; mas bastará uma debil canna, sobretudo se fôr *verde*, para esmagar-lhe a columna vertebral.

Os fascinadores de tão venenoso reptil conseguem domal-o com os sons da flauta, — que foi primitivamente feita de canna, segundo o mytho grego de Pan.

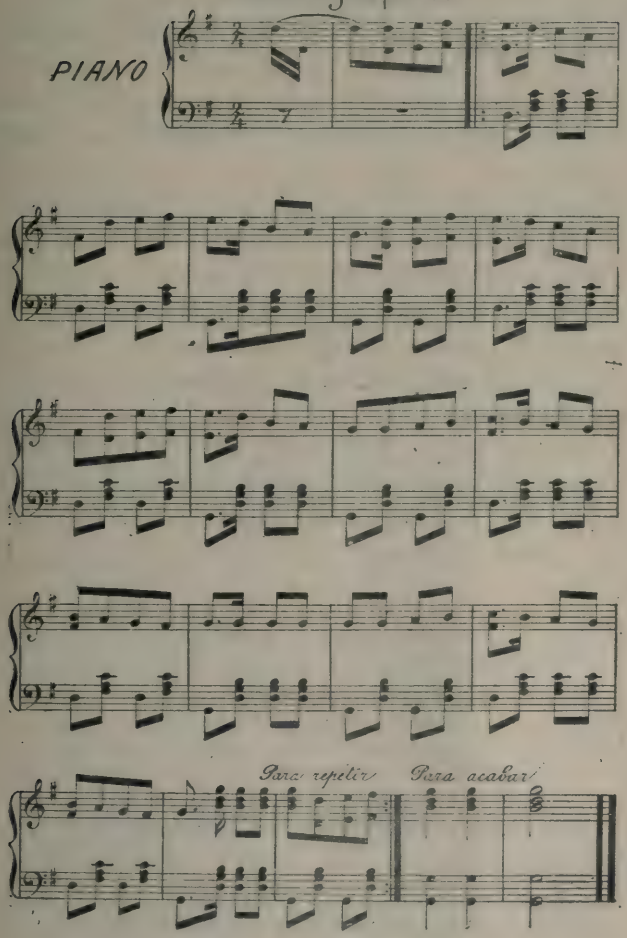
E' justamente n'este mytho que a significação amo-

---

[1] Referimo-nos apenas á *Chula* dança, e não á *Chula* «ordinario ou passe-calle», que é vivissima.

Canninha Verde

-Choreographica-



rosa da canna principia a firmar-se; depois, em Roma, surge reforçada n'um sentido phallico, como quando Priapo se nos mostra coroado de cannas verdes e quando Virgilio descreve Silvano revestido do mesmo symbolismo vegetal.

O mytho de Pan conta-se em poucas e singelas palavras, se quizermos reduzil-o á sua expressão mais simples.

Pan, enamorado da nympha Syrins, persegue-a correndo. Ella, espavorida e offegante, chega á margem d'um rio caudaloso: não o pode transpor, e terá que render-se. Invoca, n'esta angustiosa conjunctura, os deuses do Olympo, que lhe acodem solicitos transformando-a no caule flexivel mas resistente de uma branda canna verde.

Eis aqui a razão mythologica por que os cannaviaes nascem ainda hoje á beira d'agua, na margem dos rios, e por que uma antiga trova portugueza, copiada por Gil Vicente, diz:

Cannas do amor, cannas,
Cannas do amor.
Pelo longo de um rio,
Cannavial está florido,
Cannas do amor.

Pan, vendo subitamente contrariados seus desejos e esforços, desarreiga uma canna e faz d'ella flauta, a fim de sequer ao menos poder levar aos labios, no colloquio de um longo beijo, a esquiva nympha, cujo

appetecido corpo já não é mais que essa debil haste, ôcca e sonora.

Assim, pois, a mythologia hellenica relaciona com a paixão amorosa de Pan a vehemencia do desejo sensual, ardente de appetite, e é com este duplo caracter fundamental, mais ou menos desbotado, que a «canna verde» se conserva ainda hoje no cancioneiro erotico do Minho.

Ovidio, nas *Metamorphoses*, repete, com um intenso e romanesco brilho de pormenores, a fabula grega adaptada ao paganismo romano, como tantas outras.

Nos frescos montes Árcades, grão fama
Teve entre as Hamadryadẽs Nonácrias
A Náiade Syrins, Syrins a esquiva.
¡Quanto seguir de Sátyros protervos
Não burlou! Que de audacias namoradas
Dos mais Numes do campo, e das florestas!
Honrava nos costumes, no exercicio,
E na flor virginal a Ortygia deusa.
Em trajo venatorio era Diana:
A similhança os olhos enganára,
Se arcos diversos não tivessem ambas,
Syrins, um de marfim, Latónia, um de ouro;
E assim mesmo enganava. Ella, deixando
O sombrio Lyceu, de Pan foi vista,
De Pan c'roado do pinheiro agudo;
E o deus falou-lhe assim... Narrar faltava,
O que lhe disse o deus; que accésas preces
A Nympha repulsára; e qual fugira,
Por ásperos desvios não trilhados,
Com elle sempre após, até a margem
Do sereno Ladôn; que ali parando,

Pelo estorvo das ondas, deprecára
As liquidas irmãs, que a transformassem :
Faltava referir, que, em vez da Amada,
Crendo que já nas mãos a tinha presa,
Pan, sómente abraçou palustres cannas,
Que, em quanto suspirava, os ares n'ellas
Fizeram tenue som, quasi queixume ;
Que na arte nova, que na voz suave
Enlevando-se todo, o deus dissera :
«Taes colloquios sequer, terei, comtigo ;»
Que ás cannas desiguaes com céra unidas
Déra seu nome a Nympha.

A perseguição amorosa, açulada pela cegueira do furor lidibinoso, tanto ao vivo reproduzida n'esta fabula de Pan, transparece, portanto, se bem a procurarmos, na popularissima expressão *Canninha verde*, apparentemente banal.

Mas em algumas trovas a intenção aphrodisiaca é menos recatada, menos destingida pela acção do tempo, apparece ás claras, como por exemplo na seguinte quadra :

O' canna real das cannas,
O' canna d'entre os canaes,
Eu sósinho, tu sósinha,
Qual de nós valerá mais ?

E', manifestamente, uma allusão á lucta braço a

---

[1] Traducção de Antonio Feliciano de Castilho.

braço entre o amante e a amada, quando se encontram n'um logar ermo, e elle, abrazado em desejos sensuaes, se esforça por subjugal-a e possuil-a.

E' o deus Pan procurando captar nos braços a nympha Syrins.

Outra quadra que fala sem rebuço:

Eu pintei a canna verde,
Eu pintei a verde canna,
Eu pintei a canna verde
No travesseiro da cama.

Aqui, é Pan triumphante, victorioso, que não foi esbarrar n'um cannavial insensivel.

Ainda outra quadra que tambem fala claro, se bem que esteja adoçada por um euphemismo periphrastico:

Eu pintei a canna verde,
Eu pintei-a como quiz:
Eu pintei-a bem pintada
Na canna do teu nariz.

No mytho greco-romano o rio Ladôn, offerecendo um estorvo á defesa de Syrins e favorecendo os desejos de Pan, é o symbolo da animalidade torrencial, fremente, allucinada, que só pode ser vencida pelo concurso das divindades protectoras da nympha.

Esta idéa tropologica, fundada na relação de semelhança entre a vastidão da agua e uma illimitada febre de prazer, subsiste vagamente em algumas cantigas

da «Canninha verde», onde o «rio» é substituido pelo «mar», como um vestigio do mytho, que á primeira vista se não entende.

A canna verde no mar
Anda ao redor do vapor.
Inda está para nascer
Quem ha de ser meu amor.

A canna verde no mar
Bota raïzes na areia.
Sou leal a todo o mundo,
Todo o mundo me falseia.

A canna verde no mar
Navega n'um caracol.
Os homens são como a chuva,
As mulheres são como o sol.

A canna verde no mar
Navega, não vae ao fundo.
Inda que eu queira não posso
Tapar as boccas ao mundo.

A que vem, n'estas quadras, a idéa, deslocada, de — mar — em conjugação com o estribilho — canna verde? Não tem outra explicação admissivel senão a de ser uma vaga reminiscencia do mytho, que se conservou na tradição popular, e á qual os camponezes ligaram pensamentos de facil improvisação, que aliás não integram essa idéa.

Segundo as origens mythicas, *canna verde* é, pois, a creatura que se deseja e persegue apaixonadamente.

O povo do norte possue uma versão da lenda do cannavial, em que já não figuram personagens allegoricas, mas em que sobrevive um fundo de identidade tradicional, que tem por base o amor contrariado e desilludido.

Esta lenda foi recolhida por uma antiga escriptora portuense, D. Maria Peregrina de Sousa.

Origem do cannavial

PRINCEZA

Ávante, meu palafrem,
Que já pouco tens que andar;
O cavalleiro me espera,
Não me devo demorar.
Lá campea o torreão!...
Que bello é seu campear!
Ávante, pagem, ávante,
Vai a buzina tocar.

ATALAYA

Que buscaes, senhora, aqui,
Que assim fazeis buzinar?

PRINCEZA

Cavalleiro mora aqui;
Aqui deve de morar;

Corre fama que estas torres
As ganhou a batalhar.

ATALAYA

O cavalleiro está fóra,
Mas não deve de tardar;
Foi ao castello d'alem
Com dama linda casar.

PRINCEZA

O' malfadada Princeza!...
O' desgraçada sem par!
Que em desleal cavalleiro
Te quizeste confiar!...
E paços reaes deixaste
Para aqui vir acabar!

Palavras não eram ditas,
E a Princeza a expirar.
Grão tropel!... grande alarido!
E o cavalleiro a chegar.

CAVALLEIRO

A Princeza aqui sem vida!
Oh! desgosto de matar!
A alma tenho partida...
Vou de remorsos finar.
O' senhora, minha esposa,
Faz-nos ambos enterrar
N'uma só cova profunda
Junto da borda do mar.

Palavras não eram ditas,
Cavalleiro a expirar.

Foram os dous enterrados,
Com enterro de pasmar,
Em sepultara sósinha
Nas praias da beira-mar;
E sobre a campa chorou
A viuva a bom chorar.
Das cinzas assim regadas
Cannas se viram brotar;
Depois tristes ais soaram
Com seu triste balouçar,
E o amor atraiçoado,
E o remorso de matar,
O cannavial solitario
Ficou sempre a memorar.

N'esta versão, ha uma troca de papeis: Pan cede o logar á Princeza, e Syrins é substituida pelo Cavalleiro. Subsiste todavia a perseguição amorosa, porque a Princeza, cavalgando o seu melhor palafrem, corre em procura do amante infiel. Chega a vel-o, mas encontra-o manietado pelos laços conjugaes. Tambem o deus Pan viu a nympha Syrins converter-se em cannavial: um obstaculo invencivel. A idéa de — mar — reapparece na versão portugueza:

N'uma só cova profunda
Junto da borda do mar.

E assim como nas *Metamorphoses* o cannavial res-

ponde, em murmurios gementes, á flauta de Pan, o cannavial que nasce sobre os cadaveres dos dois amantes parece, na lenda das provincias septentrionaes glosar os queixumes da viuva lacrimosa:

Depois tristes ais soaram
Com seu triste balouçar.

E' o mesmo colloquio de amor e saudade em ambas as versões.

Hoje, porém, só restam no estribilho da *Canninha verde* tenues vestigios mythicos, empallidecidos pela devastação do tempo: este estribilho converteu-se n'um vehiculo musical que transporta alegremente as malicias equivocas, a doudice da esturdia, a critica dos costumes locaes, como stratificações sobrepostas á antiga idéa da animalidade estimulada e cobiçosa.

O' minha canninha verde,
Verde canna verduega.
Quando a noite está escura
Um abraço não se nega.

O' minha canninha verde,
Verde canna ricócó:
Eu sou filha da poeira,
Onde chego faço pó.

O' minha canninha verde,
O' minha saltacatrepa.
Estes rapazes d'agora
São levadinhos da bréca.

O' minha canninha verde,
Verde canna d'encannar.
Morreram as velhas todas,
Já não ha quem «talhe o ar».

E' este seguramente o estribilho minhôto de maior elasticidade para comportar os mais variados pensamentos, e por isso, talvez, tem resistido tenazmente á invasão das «modas» novas, que hoje se decoram, e ámanhã se esquecem.

Apoia-se n'uma tradição secular, e nenhuma outra se coaduna melhor, pela vivacidade da musica e pela variedade da lettra, á indole folgazã das canções do norte.

Saber dançar com primor a *Canna verde* é no Minho um titulo de ufania e um motivo de prosapia:

A Canna verde dançada,
Dançada parece bem.
P'ra dançar a Canna verde,
As filhas que meu pae tem.

Elogio em bocca propria, que a mesma popularidade d'este estribilho choreographico desculpa plenamente.

O *Malhão* é outra das modas mais antigas e vulgarizadas em todas as provincias do norte.

Um *couplet* que passou por certo palco de Lisboa dizia a seu respeito:

Eu sou Malhão, triste Malhão;
Eu sou do Porto natural.

Ha aqui duas inexactidões a corrigir: o *Malhão* nem é do Porto, nem é triste.

Canta-se nos arredores do Porto, e tambem muito longe do Porto.

Nem a musica nem a lettra exprimem um sentimento de oppressão ou magua.

Bem pelo contrario, liga-se a esta moda choreographica uma idéa de vida alegre e estroina, de amor e volubilidade, o que quer que seja de epopea galante de *D. Juan* campestre.

Suspeito que nascesse na provincia do Minho, porque a linguagem minhôta tem especial tendencia tanto para formar diminutivos como augmentativos.

Malhão é o malhador errante e namoradiço, bohemio e conquistador, que de povoação em povoação, de eira em eira, anda seduzindo as mulheres e acobertando os seus instinctos aventurosos sob o pretexto de trabalhar.

Hoje está aqui, ámanhã alem.

No cancioneiro de Coimbra, o malhão é tratado por ladrão: rouba a virgindade das donzellas e ainda depois de morto préga partidas.

O ladrão morreu;
Já lá vai p'r'o Pio
No meio do caminho
Deu um assobio.

Nas provincias do sul corresponde-lhe talvez o vocabulo — ganhão.

Não é um trabalhador convicto, que se exile como o *ratinho* da Beira, pela obrigação de ganhar a vida.

E' um emigrante voluntario, um trabalhador disfarçado, que estima mais as mulheres do que as searas.

Se ouve uma viola ou uma flauta, larga o malho, e põe-se a cantar e bailar.

De noite, em vez de dormir, passeia, ronda a porta das raparigas emquanto os paes dormem.

O' malhão, malhão,
Que vida é a tua!
Cantar e bailar,
Passear na rua.

As povoações enxotam-n'o como a um perigo, a um seductor que é preciso affastar para tranquillidade dos velhos e segurança das raparigas.

O' malhão, malhão,
Vai malhar se queres.
O mundo é largo,
Não faltam mulheres.

Por sua parte, as cachopas, despercebidas das ruins intenções que elle traz, deixam-se enfeitiçar pelo malhão, querem-n'o a seu lado:

O' malhão, malhão,
Vamos a malhar,
De dia ao sol,
De noite ao luar.

E ingenuamente o tomam a serio, imaginando n'elle um noivo, que julgam sinceramente apaixonado:

O' malhão, malhão,
O' malhão, ai, ai.
Queres casar comigo?
Pede-me a meu pai.

Vendo que elle não trata de santificar as suas relações amorosas, procuram enternecel-o pelo carinho e pela bondade:

O' malhão, malhão,
O' malhão, malhar.
Quem dá o coração,
Não tem mais que dar.

Mas o malhão faz ouvidos de mercador e então as raparigas, desesperadas, ameaçam matal-o ou matar-se.

O' malhão, malhão,
O' malhão, aqui.
Se matar, matei,
Se morrer, morri.

A experiencia dos velhos tem catalogado as especies de malhão mais perigosas, para aviso das raparigas incautas.

O peor malhão é o do Porto, porque aperfeiçoou a sua bossa nas tabernas e bordeis da cidade.

O' malhão, malhão,
O' malhão do Porto,
Não falo comtigo,
Tu és um garoto.

O da Foz do Douro tambem é temivel, insaciavel:

O' malhão, malhão,
O' malhão da Foz,
Meninas bonitas
São todas p'ra vós.

E o de Landim sabe dizer palavras muito doces, que são o mel com que elle apanha as raparigas:

O' malhão, malhão,
Malhão de Landim,
Tuas falas doces
Dão cabo de mim.

Mas os velhos perdem o tempo quando querem salvar as raparigas das garras do malhão.

A desgraça de tantas victimas devia servir de ensinamento e aviso a outras. Mas não acontece assim, porque o malhão é o eterno fascinador, o inextinguivel Tenorio dos campos.

Bem pelo contrario, no Minho, as victimas são como os carneiros de Panurgio: se uma salta ao abysmo, logo muitas outras a imitam.

O malhão não tem mais que armar-lhes o laço, fas-

cinal-as com o magnetismo dos olhos, arrastal-as com a doçura da palavra.

As cachopas borboleteiam á roda d'elle, e acabam por queimar as azas.

Depois, ceifada a ultima victima n'uma aldeia, o malhão, sem remorsos nem escrupulos, põe o malho ao hombro, mette-se ao caminho e lá vai, cantando, conquistar o feminino d'outra aldeia.

D. Juan rural, não pára nunca, nem se aborrece.

Se os ninhos, pequeninos templos de amor de familia, o recriminam, ao vel-o passar, dizendo-lhe:

O' malhão, malhão,
Que vida é a tua ?

elle responde encolhendo os hombros e sorrindo:

Cantar e bailar,
Passear na rua.

O malhão não tem ninho, não tem familia, não tem religião, nem moral.

Qualquer passarinho é mais sentimental e consciencioso do que elle.

E as raparigas, quando dançam o *Malhão velho* e o *Malhão novo* (porque a propria choreographia parece acompanhar a revivescencia d'este typo eterno) não se lembram de que estão bailando sobre um abysmo, porque ámanhã, ou no outro dia, póde o malhão chegar e fazer das suas.

A *Chula*, como já notei, é um estribilho choreographico que se ageita a cantar *ao desafio*, porque o seu andamento permitte *ralentar* a cadencia do passo.

Duas razões tenho eu para julgar que seja originariamente uma dança gallega: a sua relativa morosidade e o seu proprio titulo.

Não estou de accôrdo com os nossos diccionaristas que admittem uma substantivação do epitheto *chulo*, no sentido de indecente, grosseiro ou jocoso.

Esta dança não tem nada d'isso.

Em geral, no Minho, as attitudes e evoluções choreographicas não são lascivas, nem obscenas.

Creio antes que o vocabulo *Chula* haja vindo da Galliza, talvez como titulo originario e com a mesma significação amorosa que os hespanhoes lhe conservam.

A nossa *Chula* não tem lettra especial; por isso se presta aos torneios poeticos: foi para esse effeito adoptada e plenamente o satisfaz.

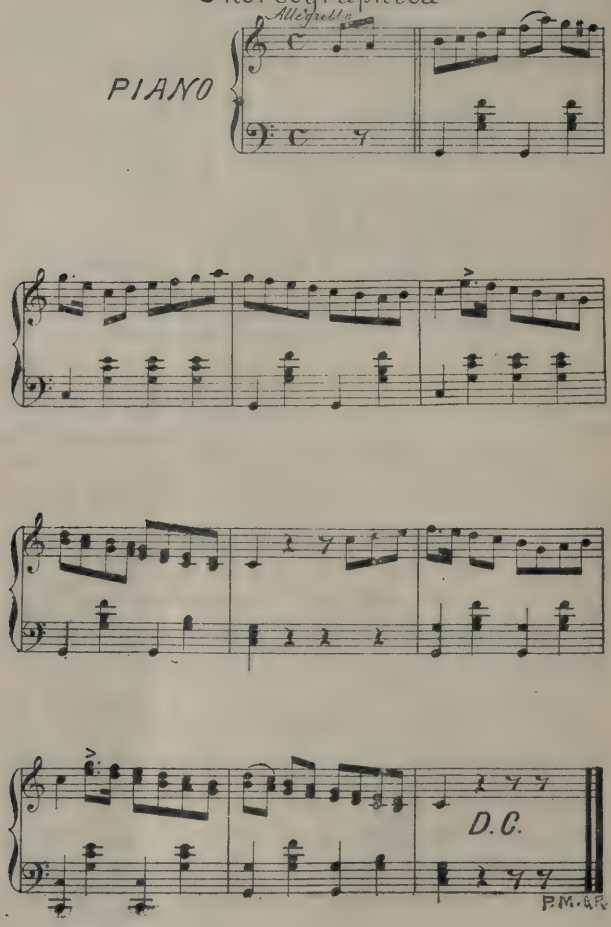
Por derivação formou-se o adjectivo *chuleiro, chuleira*. Diz-se «viola chuleira» para significar o zomzom monotono d'este instrumento quando se limita a acompanhar o canto.

Se effectivamente a *Chula* procede da Galliza, atravessou toda a provincia do Minho e chegou até aos arredores do Porto, onde alguns lhe chamam, n'um sentido ironico, o *Hymno da Maia*.

Quer isto dizer que tem ahi grande popularidade; que nenhuma outra terra a canta mais, nem melhor,

Chula

-Choreographica-



sendo, portanto, como que um hymno local, de que os maienses se ufanam patrioticamente.

Em algumas outras «modas» faz-se allusão á *Chula*, o que prova a sua mesma popularidade.

Assim, n'uma canção moderna, mas interessante, diz a primeira quadra:

— O' Julia, ó Julia, ó Julia!
— Que é? que é? que é?
— Se quizeres dançar a *Chula*,
Has de pôr aqui o pé.

O *Vira*, cuja adopção não é de remota data, deve o nome ao seu desenho choreographico.

N'esta dança, os parceiros procuram encontrar-se frente a frente, e toda a graça das evoluções está em saber evitar o encontro *virando* rapidamente as costas.

As cantigas repetem o verbo «virar» como se fossem glosas de um mote obrigado.

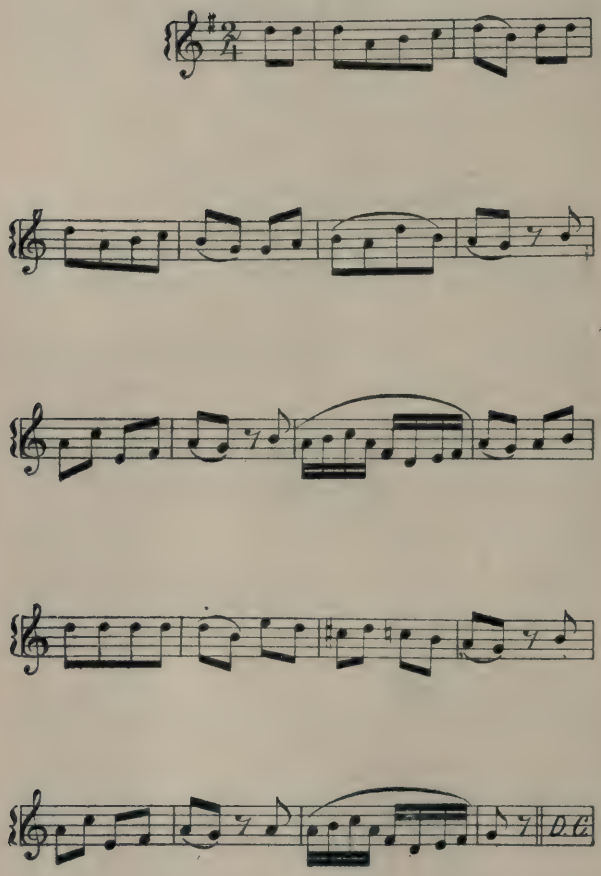
Assim, por exemplo:

Rapazes, virae, virae
As costas á viração,
Que lá vem os marujinhos
Virados ao alcatrão.

Rapazes, virae, virae
As costas á terra fria,
Que eu tambem me hei de virar
Para a tua freguezia.

O Penafiel

-Choreographica-



O *Penafiel* está hoje muito em voga no Minho.

Penafiel é, como se sabe, uma pequena cidade da provincia do Douro, onde se fabricam muitas albardas (para chamar burro a alguem offerece-se-lhe uma «casaca de Penafiel»); onde se realiza uma feira do S. Martinho, muito importante em transacções de gado cavallar; e onde ainda se conserva a tradição das antigas figurações apparatosas na procissão de *Corpus Christi.*

Uma das cantigas d'esta «moda choreographica» allude á famosa feira de 11 de novembro:

Adeus, ó Penafiel,
O' feira de S. Martinho.
P'r'o anno, se Deus quizer,
Vou lá comprar um burrinho.

Foi talvez um penafidelense que, por orgulho ou saudade, inventou esta moda, a que a imaginação popular successivamente addicionou novas quadras no mesmo sentido de ausencia e recordação.

Outra cantiga diz:

Adeus, ó Penafiel;
As costas te vou virando.
A sahida vai á vela,
A entrada não sei quando.

As *Marrafas* teem uma lettra á semelhança de amphiguri, bem travada no encadeamento das quadras, mas vasia de sentido:

Marrafinhas de Lisboa,
Creadas ao pé do rio.
Agua ao melro mólha o bico,
Dormem dois por'môr do frio.

Marrafinhas de Lisboa,
Mandei-as fazer de bronze.
Deu o tranglomango n'ellas,
Já não tenho senão onze.

D'essas onze que ellas eram,
Mandei-as lavar os pés.
Deu o tranglomango n'ellas,
Já não tenho senão dez.

D'essas dez que ellas eram,
Mandei-as de esmola ao pobre.
Deu o tranglomango n'ellas,
Já não tenho senão nove.

D'essas nove que ellas eram,
Mandei-as fazer biscoito.
Deu o tranglomango n'ellas,
Já não tenho senão oito.

D'essas oito que ellas eram,
Mandei-as fazer moléte.[1]
Deu o tranglomango n'ellas,
Já não tenho senão sete.

---

[1] Dá-se o nome de *moléte*, no norte do paiz, ao pão alvo e leve, feito de trigo. Os francezes dizem n'este mesmo sentido «pain mollet». Talvez que a expressão ficasse no Minho desde o tempo da invasão de Soult.

D'essas sete que ellas eram,
Mandei-as cantar os *Reis*.[1]
Deu o tranglomango n'ellas,
Já não tenho senão seis.

D'essas seis que ellas eram,
Mandei-as comprar um brinco.
Deu o tranglomango n'ellas,
Já não tenho senão cinco.

D'essas cinco que ellas eram,
Mandei-as fazer um prato.
Deu o tranglomango n'ellas,
Já não tenho senão quatro.

D'essas quatro que ellas eram,
Mandei-as ir ao Gerez.
Deu o tranglomango n'ellas,
Já não tenho senão trez.

D'essas trez que ellas eram,
Mandei-as varrer as ruas.
Deu o tranglomango n'ellas,
Já não tenho senão duas.

D'essas duas que ellas eram,
Mandei-as olhar p'r'a lua.
Deu o tranglomango n'ellas,
Já não tenho senão uma.

---

[1] Os Reis Magos, a 6 de janeiro.

D'essa uma que ella era,
Mandei-a fazer a ceia.
Deu o tranglomango n'ella,
Já não tenho senão meia.

Na expressão — Marrafinhas de Lisboa — está inconscientemente conservada uma lembrança historica, porque foi o dançarino Marrafi que na capital poz em moda as madeixas de cabello pendentes á testa.

Passou-se isto na ultima década do seculo XVIII.

Haveria na lettra da canção algum proposito de troça aos lisboêtas por terem copiado e seguido o exemplo do dançarino italiano?

Se assim fosse, esta canção teria já mais de um seculo. Creio, porém, que a sua origem seja menos antiga, comquanto muitas pessoas me dissessem que a conheciam desde não poucos annos.

Ha outras muitas choreographicas; algumas d'ellas são meio dançadas e meio representadas.

Estas constituem ordinariamente a distracção das creanças nas tardes dos dias santificados.

Tal o caso da «moda» que se intitula *Mariquinhas como passou?*

Admitte varias cantigas, mas tem um *couplet* obrigado, em que a mimica entra como elemento gracioso.

E' uma ronda singela, de caracter infantil.

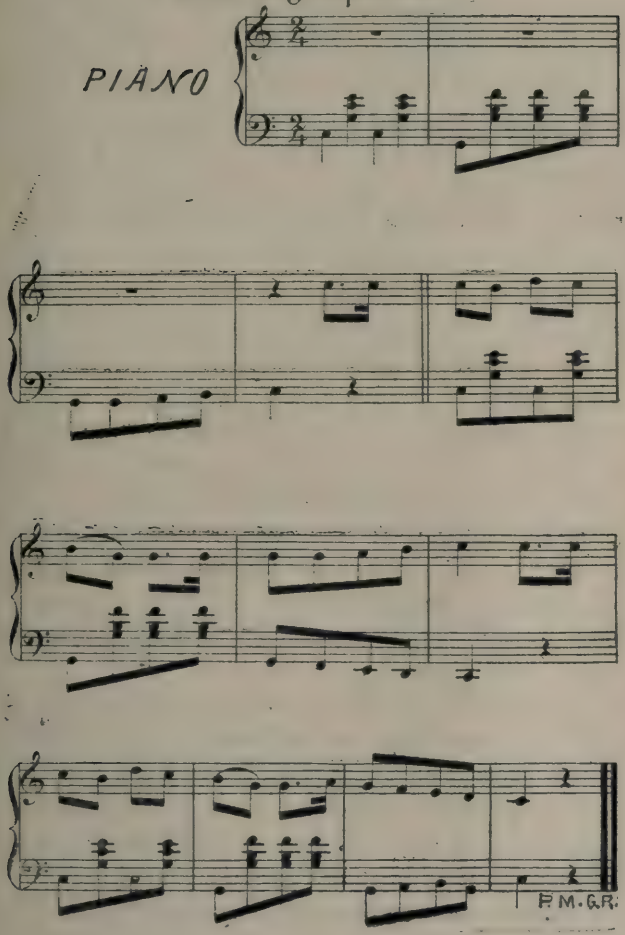
O *couplet,* dialogado, tem pausas, que são preenchidas por apêrtos de mão para a direita e para a esquerda, em forma de cumprimento ceremonioso.

Figuremos a dança, para melhor a dar a conhecer.

As Marrafas

—Choreographica—

PIANO



Uma voz entoa qualquer quadra:

O' que pinheiro tão alto!
Quem lhe ha de colhêr a rama?
E' uma menina do Porto,
Que se chama Mariana.

E todos, em côro, cantam gesticulando:

— Mariquinhas como passou?
— Olé! como tem passado?
— Eu passo bem e você? } Bis
— Passo bem, muito obrigado.

Os apêrtos de mão correspondem ás perguntas e respostas.

Em conclusão: as danças do Minho são acompanhadas de canto, e animadas por um rythmo vivaz, muito rapido, que denota robustez e saude.

Apenas uma ou outra tende a afrouxar o passo, como a *Chula*, talvez obedecendo a uma suggestão que veio de longe; e algumas vezes para se adaptar a organizações mais debeis, de creanças tamaninas, como na *Mariquinhas*.

A influencia urbana, o exemplo das cidades, pretende descaracterisar as danças aldeãs do norte.

As raparigas do campo, n'um intuito vaidoso de aristocratização, dançam a polka ou a valsa, sobretudo quando as ouvem tocar por uma philarmonica ou n'um piano.

Simples espirito de imitação, aliás tão pouco feliz

como a dos trajes citadinos, que chega a produzir effeitos grotescos.

A acção resistente das danças populares clama e protesta contra a invasão do «urbanismo».

Uma camponeza dançando a valsa desfigura-se tanto como a dama que se propõe dançar a *Canninha verde.*

As excepções são rarissimas.

Não foi em vão que a sabedoria das nações dictou este proverbio: «O que o berço dá a tumba o leva».

IV

Trabalhos e folgas

O symbolismo biblico começa, a meu vèr, na lenda do Eden e vai até á linguagem parabolica de Christo.

Algumas das mais bellas allegorias dos dois *Testamentos* carecem ainda hoje de uma exegése segura e incontroversa: por exemplo, o *Apocalypse*, do «discipulo amado» e os *Canticos* de Salomão.

Quanto á tradição do Eden, se bem attentarmos n'ella, descobriremos facilmente, através da sua urdidura metaphórica, as origens da relação existente entre a fecundidade da Terra e o trabalho do homem pela agricultura.

O Paraiso Terreal, onde o primeiro casal humano teve o seu *habitat*, é um symbolo altamente poetico, profundamente philosophico, como só o poderia crear

a imaginação brilhante de um poeta do Oriente — berço da luz.

Toda a esplendida paizagem do Eden, esse «logar de delicias», exprime a opulencia da primeira vegetação da Terra virgem. As arvores bracejam frondes colossaes, architectam abobadas gigantescas; enormes rendas de parietarias enlaçam-se bamboando de tronco a tronco; as flores esmaltam copiosamente a verdura opulenta como estrellas perfumadas; as aves garganteam divinas melodias, e a agua, mãe da fecundidade, alimenta quatro rios caudaes que brotam de uma nascente commum.

E' a Terra tal como Deus a creou, farta, bella, habitavel, sabiamente temperada de calor e humidade, apta a florescer e a produzir incessantemente.

Os olhos do primeiro homem e da sua companheira enlevaram-se n'este espectaculo grandioso, cheio de luz e harmonia, de côr e variedade, palpitante de energia e pujança, vibrante de vitalidade juvenil. Era um arroubo, um deslumbramento, um sonho. Nem Adão nem Eva sentiam necessidade de alimentar-se, de colhêr os pomos das arvores, de beber a agua dos rios. A sua vida physiologica estava em suspensão, n'uma inconsciencia deleitosa, como acontece nas grandes commoções da alegria humana. Os instinctos sexuaes, subjugados pela espiritualidade do extasi, não tinham despertado ainda.

Mas, decorridos talvez seculos que pareceram instantes, a Terra falou aos dois progenitores da humanidade pela bocca da serpente — o animal que melhor

podia symbolisar uma intima identificação com o solo productivo, porque, sendo um reptil, rastejava, colleando, sobre elle.

E a serpente disse ao primeiro homem e á primeira mulher:

— Aqui tendes a Terra tal como Deus a creou, formosa e fecunda, immenso laboratorio de acções e reacções eternas, onde a lei do trabalho faz gravitar os astros, ondular os oceanos, fluir e refluir as marés, rondar os ventos, circular o sangue, turbilhonar a seiva. Vistes já os lindos pomos que a Terra produz, a agua crystallina que a sulca e réga, as arvores frondentes que a ensombram e enriquecem. Pois bem! todos os annos se repetirá deante de vossos olhos este espectaculo maravilhoso: as arvores hão de reverdercer depois de terem desfolhado, os fructos hão de renascer depois de terem apodrecido, as flores hão de voltar depois de fenecerem mirradas. Mas para que isso aconteça, e torneis a possuir a felicidade do Eden, haveis de cultivar a Terra dia a dia, cavando-a, lavrando-a e semeando-a, auxiliando os germes e renovos como se fossem creanças, colhendo depois os productos das searas, os pomos das arvores, e pelo vosso trabalho levando-os a fornecerem-vos os alimentos de que precisaes para amparar a vossa vida, sem o que morrereis de inanição, porque tudo quanto Deus creou ha de ter um fim como teve um principio, só Elle não teve principio nem terá fim.

E a mulher, pela sua fraqueza ingénita, foi a pri-

meira das duas creaturas que tremeu em face das responsabilidades do futuro.

Por isso se diz symbolicamente que a serpente tentou Eva, e que foi Eva que tentou Adão.

Ouvindo a voz imperiosa da Terra, a mulher tremeu porque julgou perdida toda a ventura que tinha gosado, e chorando enfraqueceu o animo do seu companheiro, que hesitante e timido perguntou á Terra:

— Mas como poderei eu discriminar e extrair de tão complicada vegetação as substancias que alimentam a vida? Que processos empregarei? Que trabalhos hei de realizar?

E a Terra respondeu silvando:

— Estuda-me e estuda-te, se queres prolongar a existencia que a omnipotencia de Deus te concedeu. Por ventura ensinei eu as alimarias, desde o corpulento pachiderme até ao rasteiro verme, a procurarem o sustento de que precisam? Não. Deus foi magnanimamente generoso comtigo: deu-te mais intelligencia do que aos outros animaes todos. Trabalha e raciocina, reflecte e perscruta, porque dentro da Terra está enthesourado tudo o que é necessario para viveres, tu e as gerações que hão de descender de ti.

Então, a fim de readquirir o Paraiso que Deus lhe entremostrára no extasi dos primeiros dias da creação, o homem, auxiliado pela mulher, começou a cultivar a Terra ao acaso, a sondar a utilidade dos fructos e das plantas, a empregar tentativas e a repetir ensaios para conhecer todas as vantagens praticas da vegetação e da cultura.

E foi assim que pisando a uva chegou a fazer o vinho; que moendo o milho, o trigo, e o centeio, conseguiu fabricar o pão.

Mas, condemnado pela Terra ao trabalho de cada dia, tem de «crear» cada anno, com o auxilio d'ella, as suas colheitas e riqueza.

Só Deus creou de uma vez para toda a eternidade.

A uva ha de ir ao lagar para ser vinho; o milho ou o trigo ha de ir á eira, ao moinho e ao fôrno para ser pão; a azeitona ha de ir ao engenho para ser azeite; o linho ha de ir á agua, ao sol e ao tear para ser roupa.

A vinha requer a cava, a redra, o adubo, a enxertia, a mergulhia, a poda, a limpeza, a empa, a vindima e a pisa.

O milho pede que lhe estrumem e lavrem a Terra antes de semeal-o; depois, que lh'a decruem, lh'a sachem, lh'a arrendem; e, já creado, que o mondem, o ceifem, o esfolhem, o séquem, o malhem e o limpem.

Só quando realizadas todas estas successivas operações consente que o seu grão seja pulverizado na moenga.

O trigo e o centeio não são farinha sem ter dado que fazer ao semeador, ao ceifão, ao malhador e ao moleiro.

O linho não se deixa esfiar sem que o arranquem, o ripem, o molhem, o assoalhem, o triturem, o espadelem, o assedem e estriguem.

Todas as arvores fructiferas são como corpos huma-

nos que, para ganhar vigor, obrigam a cuidados e tratamento.

Pelo enxerto melhora-se-lhes a casta, avigora-se-lhes a vida, activa-se-lhes a producção.

Com a poda, a limpeza e a réga reforça-se-lhes a saude e retempera-se-lhes a robustez.

A propria Terra, tão válida e fecunda, reclama que o arado a revolva e esperte, que a enxada a recomponha e ageite, que a estrumação a alimente e engorde, que a humidade a dessedente e lubrifique, que o sol a aqueça e alegre, que o pousio a deixe descançar e restabelecer-se.

Os vegetaes teem inimigos e doenças como os homens; inimigos que são parasitas, insectos ou fungos; doenças que vem do ar ou da terra.

Enfermam, descoram, atrophiam-se; e succumbem se a mão do homem lhes não acode a tempo com a defesa ou o remedio.

Ás vezes, a doença é de morte, e então o camponez chora a arvore perdida como se fosse um filho seu, uma pessoa de familia.

O cerne das arvores, antes de ser tábua, fasquia ou acha, faz cantar a serra, assobiar a plaina, ranger o machado.

Alguns fructos, como a castanha e a azeitona, não se deixam conquistar pelo homem sem que o varejo os despegue dos ramos, e os chofre no chão.

O morango, para ser colhido, obriga o horticultor a andar de rastos ou, pelo menos, curvado.

A pera, a maçã, a laranja, a cereja, o melloso figo,

o saccharino medronho, o avelludado pêcego, a ameixa e a nespera obrigam o homem a trepar, n'um acrobatismo grimpante, para se deixarem colhêr.

A abobora, a melancia, o melão e a batata pesam como pedras sobre o hombro do carregador musculoso.

Os trabalhos do camponez são, portanto, duros, incessantes, e tão antigos como o mundo: foram-lhe impostos pelas condições organicas da propria Terra.

Por serem contemporaneos do primeiro homem quiz a Biblia explical-os pela tentação da serpente no Paraiso Terreal.

A palavra — tentação — pode, comtudo, acceitar-se como legitima, se a tomarmos no sentido de deslumbramento que fascina, de ambição ou cobiça suscitada pelos proventos da agricultura, que foi a primeira fonte de riqueza posta pelo Creador ante os olhos do homem. E a «condemnação á morte,» em castigo do «peccado original», significa certamente que jamais a humanidade deve ensoberbecer-se com as riquezas da Terra, pois que para ella são ephemeras, visto que nasceu mortal.

Todos os asperos serviços da lavoura, todos os rudes cuidados da vida agricola os encara stoicamente o camponez do norte cantando.

A canção é o jovial Cyreneu da sua cruz pesada.

Por esse Minho dentro não se passa um dia sem que se oiça cantar no céo e na terra, os passaros e os homens.

Não só nos campos, mas até nas estradas ou nas

ruelas das povoações, canta o carreiro que as transita, cantam as rodas do carro que elle conduz, cantam as creanças que vão á fonte, cantam os romeiros e os cegos que passam, canta o vendilhão ambulante quando apregôa.

Dou, por curiosidade, o pregão musical de um sardinheiro minhôto:

«O' povo! ó povo!

«Chegaram agora frescas como agua; tem palmo e terça, fóra a cabeça.

«O' raparigas! são como trutas.

«Trazei o prato e a prateira, e o dinheiro na algibeira.

«O' raparigas! ó raparigas! ella hoje é grande e grauda; é do tamanho do rabo da minha burra.

(*Contando as sardinhas*). «Uma e esta duas, e esta trez. Vae p'r'o Gerez ou adeus até outra vez. E esta quatro, e vae p'r'o prato. E esta cinco, ó meu brinco. E esta seis, vou cantar os *Reis*. E esta sete, da farinha triga se faz o moléte. E esta oito, da farinha triga se faz o biscoito.»

Nas folgas do trabalho, a canção não só acompanha a dança, mas tambem as galhofas que o amenizam ou rematam.

É certo que este reverso comico da faina agricola tende a declinar, porque os lavradores começaram a pagar em dinheiro os serviços que d'antes remuneravam com um bôdo.

Nas malhadas de centeio, quando pouco falta para concluir a malha, ha ainda em algumas povoações o costume de simular que os trabalhadores querem capturar o proprietario, como refens do bôdo.

E, largando os mangoaes, correm para elle cantando:

Santa Maria d'Entre-os-Arcos,
Ai-la-ri-la-ri-lo-lela,
Companheira de S. Roque,
Vinde acudir aos soldados,
Ai-la-ri

Santa Maria d'Entre-os-Arcos é a pipa de vinho; os soldados são os malhadores, exercito de Céres.

Preso ficticiamente o proprietario, os malhadores atam-lhe os pés e as mãos com vergas de centeio, e conduzem-n'o para o meio da eira cantando:

Santa Maria d'Entre-os-Arcos,
Ai-la-ri,
Companheira de S. Roque,
Vinde acudir a este homem,
Ai-la-ri,
Que vai condemnado á morte.

O lavrador, para resgatar-se, declara dar fiador idoneo: manda vir um cantaro de vinho.

Então, a alegria recresce. Improvisa-se uma procissão grotesca, com um pallio formado por um lençol

suspenso de quatro mangoaes. Sob o pallio agrupam-se trez rapazes, dos mais endiabrados do rancho. E marcham todos para a cosinha, onde as moçoilas fregonas os enfarruscam com as mãos, que préviamente encarvoaram na palheira do forno. Este acto significa a resistencia d'ellas á invasão da cosinha. Mas os invasores triumpham, e apprehendem, como despojos opimos, as panellas e alguidares em que a merenda foi cosinhada.

O repasto é conduzido para o meio da eira, e rapazes e raparigas, fraternizando depois da batalha, cantam em côro:

Viva o dono da malhada,
Ai-la-ri.
Que ella bem malhada fica;
Que nos deu o pão da caixa,
Ai-la-ri,
A mail-o vinho da pipa.

Viva o dono da malhada,
Ai-la-ri,
Mil annos e mail-um dia;
Que traz hoje em sua casa,
Ai-la-ri,
Gente com muita alegria.

Noss'amo tem uma vacca,
Ai-la-ri.
Tambem tem um bezerrinho.

A vacca chama-se «Ande uba»,
Ai-la-ri.
O bezerro «Ande-o-binho». [1]

A vacca é a uva, de que nasceu um bezerro, o vinho. *Ande* é o verbo andar, n'um sentido imperativo: corra o vinho, com a mesma ligeireza com que o bezerro costuma correr.

Depois do bôdo, vão os trabalhadores malhar ainda o ultimo «quarto» de centeio; mas então já todas as galhofas e folias são permittidas, a patuscada doideja em maliciosas travessuras e retine em gargalhadas estridentes.

Malhado o ultimo «quarto», rapazes e raparigas partem de mangoal ao hombro, marchando e cantando pela frescura da noite, alegres e lépidos como se não pesasse sobre todos um dia inteiro de violento trabalho, passado ao sol ardente, na eira esbrazeada.

O amor pode retardar na marcha algum par feliz, o feno do campo pode guardar segredos da pelle tisnada; mas o exercito de Céres avança com a noite, porque ao romper da manhã deve começar outra malhada, e os dois retardatarios não faltarão tambem.

O gallo canta saudando a hora d'alva, e regulando os compassos do amor.

E' elle que mede o tempo aos namorados; elle o seu relogio e o seu metrónomo.

---

[1] *Binho* — deturpação minhôta de vinho; como *uba* de uva.

Diz uma trova:

Canta o gallo, que é de noite
Relogio dos namorados.
Vamo-nos d'aqui embora,
Não nos achem descuidados. [1]

Das cinco para as cinco e meia da manhã já o pardal esvoaça sobre as eiras e parece cumprimentar chilreando, por solidariedade de instinctos, o malhador que chegou atrazado.

Nas malhas de centeio, como nas do milho e do trigo, a força dos camponezes, homens e mulheres, converte em realidade um prodigio mythologico: o do pulso de Hercules manejando a clava.

Pode com propriedade dizer-se que o colyseu dos athletas aldeões é o recinto da eira. Ali, a lucta, em vez de ser um divertimento sanguinario como foi nos circos de Roma, produz um trabalho necessario e util, a debulha do grão que o moinho ha de farinar depois.

O manejo, o impulso e o rythmo do mangoal exigem que os braços tenham musculos de ferro; reque-

---

[1] No cancioneiro gallego é tambem o gallo o despertador dos namorados:

— O galo canta co o dia,
Erguete meu ben e vaite;
— Como me hei d'ir miña vida,
Como me hei d'ir e deixarte?

rem uma solidez e rijeza verdadeiramente herculeas.

Este instrumento de malhar compõe-se de duas varas, uma das quaes é o pirtigo, que joga articulado n'outra, mais alta, chamada mango ou mangoeira.

Empunhada ás mãos ambas a haste da mangoeira, os braços do malhador imprimem-lhe o jacto de força preciso para que o pirtigo, zunindo, vá desfechar um golpe certeiro sobre as espigas do milho, do centeio ou do trigo, e faça saltar o grão debulhado.

A camponeza collabora esforçadamente com o homem nos rudes trabalhos da eira, os mais violentos de todos os trabalhos agricolas.

Ella estende as espigas com os dentes do ancinho, ella malha com o mangoal, ella ajunta os graeiros com o rodo, ella limpa-os da moinha atirando-os ao ar com a pá ou desempoando-os com um panno, ella carrega ao hombro os cêstos que vão levar a colheita ao celleiro, e é ella ainda, quasi sempre ella, que faz a jornada do moinho com os taleigos á cabeça.

Nas provincias do norte, nem a rotina nem o terreno consentem a introducção das machinas agricolas: da charrua Dombasle, Brabant ou Vernette; do semeador Empire, das debulhadoras a vapor tão usadas no sul.

Apenas tem sido adoptados alguns poucos exemplares de joeiras mechanicas ou *tararas* para a limpeza do grão, se bem que o antigo processo de o ventilar na eira, com o auxilio da pá ou do panno, floresça contumaz e tradicional.

E' por isto, certamente, que o canto subsiste. Toda

a machina produz força e ruido. O canto é a voz da machina-homem e da machina-mulher; elle substitue o silvo da chaminé, o som das engrenagens e dos volantes.

Quem trabalha é quem canta, o homem ou a machina; tal a razão por que nas provincias septentrionaes ouvimos cantar sempre o homem-machina.

As tarefas da ceifa e da eira são as que mais queimam e tisnam e empoeiram a mulher do norte.

Duas trovas o dizem:

Chamaste-me trigueirinha:
Isto é do pó da eira.
Tu me verás no domingo
Como a rosa na roseira.

Vós chamaes-me trigueirinha,
Eu do sangue não o sou.
Isto é de andar nas ceifas;
Foi o sol que me queimou.

Ordinariamente, o homem das cidades desdenha, com repugnancia, o bronzeado das morenas do campo. Elle está habituado á brancura e pallidez, filha da sombra; ao setim da cutis lactea, que o resguardo domestico e os cosmeticos de toucador alizam e clarificam.

Por isso, desprazem-lhe as faces crestadas, os bra-

ços negros e nodosos, o calcanhar rachado da mulher aldeã.

Mas a verdade é que a camponeza foi creada para o camponez, tambem torrado pelo sol como ella, tambem curtido pela aspereza da lavoura, tambem igualmente calejado pelo uso incessante dos grosseiros instrumentos agricolas.

Desde que nasceu, o camponez não viu outra especie de mulher, nem mais branca, nem mais clara. Sua mãe era trigueira como a pimenta. As outras mulheres da aldeia eram como sua mãe. Aquella de que elle na mocidade se enamorou podia cantar ufana como as outras:

Chamaste-me trigueirinha,
Eu não me escandalizei.
Trigueirinha é a pimenta
E vai á mesa do rei.

Elle mesmo, vendo-se mais nos outros homens do que no espelho, tem a certeza de que ha de ser trigueiro como elles, porque se entrega aos mesmos trabalhos, e soffre os mesmos rigores do ar e do sol.

Assim, pois, elle, um Vulcano tisnado, mereceu, harmoniosamente, as boas graças de uma Venus morena, que lhe retrucou n'uma retribuição de galanteria:

Anda cá, meu preto, preto,
Meu queimadinho do sol.
Quanto mais preto mais firme,
Quanto mais firme melhor. [1]

A côr da face morde de emulação as mulheres da cidade: a menos branca rala-se de inveja por ver que outras o são mais.

No campo, esta rivalidade não se conhece, não existe.

As camponezas, como as searas, teem todas a mesma côr.

O sol cresta umas e outras.

A mulher ou a filha do lavrador rico trabalha e queima-se tanto como as suas jornaleiras e, em casa, na eira ou no campo, o seu trajo não as esmaga pela superioridade.

Na romaria, sim, porque é então que ella ostenta todo o ouro que possue, as suas grandes arrecadas, os seus grossos cordões, os seus esmaltados anneis.

No tocante ao sumptuario, o aldeão, creado em plena natureza, estima principalmente o mais puro e o mais precioso metal que a natureza produz: o ouro.

---

[1] Dadas as mesmas condições de raça, de clima e de vida, tambem o cancioneiro gallego preconiza o moreno:

Moreniño, moreniño,
Moreno como unha mora,
Non sei que tén o moreno
Que a todo o mundo namora.

Aprecia a moeda corrente apenas como um vehiculo posto ao serviço da posse do ouro. O papel-moeda, o papel titulo ou cheque, o papel lettra de cambio não se mostra nem areja, não sae da arca, é uma riqueza que não faz vista.

Mas o ouro, filho da terra, exhibe-se como ella, deslumbra os olhos, palpita ao sol, pendura-se das orelhas, enrosca-se no pescoço, serpeja nos dedos e nos pulsos, valoriza o corpo, apregôa o dote. E no campo tudo vive ao ar livre: o homem, a ave, o insecto, a planta, o amor, a saude, a alegria, a canção e a riqueza. A propriedade ou é terra ou é ouro; se é terra, pompeia no outono; se é ouro, estadeia-se na romaria. E o ouro e a terra marcam os dois limites da ambição do camponez. Depois d'isto só a posse do céo, a presença de Deus na bemaventurança, entre córos de seraphins alados.

Logo em seguida á lide da eira a que, n'uma escala descendente, mais põe em evidencia a robustez da mulher do norte, é a da fornada do pão.

Feita a amassadura, que já de per si moe os braços, começa o trabalho da cozedura, que obriga a maior esforço ainda.

As chammas do forno aquecem violentamente o ar, e espadanam linguas de fogo que vem crestar a face da forneira, como as labaredas de um incendio recortadas pelo vento.

Lá dentro a temperatura do rubro dá a impressão de uma forja de cyclopes ou da cratera do Vezuvio em actividade.

A lenha estala, e espirra faiscas de ouro, que lucilam apenas um momento.

De pé, n'uma attitude erecta cheia de vigor e até de elegancia, a forneira padeja as brôas para dentro do forno, acamando-as com a pá, recalcando e compondo as brazas, ageitando a lenha que se retorce e desloca no brazido.

Em Lisboa todo o trabalho da fornada é executado por homens, ordinariamente mocetões da Beira, fortes como castellos.

A mulher do Minho pode tanto como qualquer d'elles.

Está habituada ao sol do campo e da eira; não estranha por isso o calor asphyxiante do forno.

E, afogueada das faces, com a pelle sudaminada de camarinhas de suor, ella não duvida expor-se ás correntes de ar, vir á porta falar a uma visinha, enxotar as gallinhas que entraram na horta ou deitar a lavagem ao cevado, que está grunhindo faminto.

A fornada é um dos poucos trabalhos da vida campestre, que se desempenham sem o auxilio do canto. Apenas se escuta a vòz da lenha estalando ou rechinando. Dir-se-ia que a camponeza guarda então respeito ao fogo, e lhe cede a palavra, ou que as canções se recusam a cruzar uma temperatura ardente com receio de crestarem as azas sonoras.

E' ao ar livre que, principalmente, a voz humana adeja no campo. Ella não quer prisões nem peas: sobe como a cotovia quando se escuta a si mesma ou como o guincho quando presente a aproximação da calma.

Antigamente as esfolhadas do milho davam ensejo a um dos mais bellos orpheons da musica aldeã.

Na serenidade resoante da noite, as cachopas, sentadas em linha, esfolhando as espigas, mandavam para o azul do céo ou para a claridade do luar, um côro doce e unisono, que se esfiava em canções, e subia, e pairava alto, e depois se esfarrapava como nuvem ao vento, indo cada floco de canto cahir ao longe, a grande distancia, na encosta dos montes e no concavo dos valles, accordando as aldeias e o coração dos rapazes.

Assim avisados, acorriam ao chamariz da esfolhada os serãodeiros galantes. Vinham *embuçados,* [1] trazendo um lençol por manto, que tambem lhes servia de caraça. Ria contente a raparigada, quando via approximarem-se pausadamente os phantasmas brancos, em cujo vulto muitas d'ellas reconheceriam talvez os seus mais apaixonados rentões. — E' Fulano. — Não é. — Quem será? — Não pode ser outro senão elle. E os mascarados, disfarçando a voz e o gesto, *intrigavam,* jogavam facécias e remoques, até que finalmente se desembuçavam, indo cada um sentar-se no chão a par da sua namorada.

A epoca das esfolhadas punha sempre em alvoroço os rapazes e raparigas, porque trazia uma serie de noites divertidas e amorosas.

Algumas cantigas dão testemunho d'esse prurido de

---

[1] Nos arredores do Porto, os rapazes vestem camisas de mulher. A esta folia dá-se o nome de *encamisada*.

enthusiasmo, que era, para a mocidade, um dos maiores attractivos do periodo annual das colheitas.

Tomára já que viesse
O tempo que está p'ra vir:
O tempo das esfolhadas,
Para eu me divertir.

Fui ao serão do visinho,
Esfolhei duas espigas.
Não fui para o ajudar,
Fui p'ra vêr as raparigas.

Durante a esfolhada, os namorados trocavam-se brindes e dádivas, que ou eram uma declaração de amor novo ou uma confirmação de antigo affecto.

Tomára já que viesse
O tempo das esfolhadas:
Que me dão as raparigas
Quatro castanhas assadas.

A rapariga, cujas canções não haviam encontrado écco no coração d'um rapaz, e que tinha de retirar-se sem algum presentinho mimoso, lastimava-se da sua infelicidade:

Eu vim a esta esfolhada,
Nenhum rapaz me deu nozes.
A culpa só eu a tive
Em soltar as minhas vozes.

Quer dizer que trabalhou para o vento e cantou para o diabo.

Durante a esfolhada, um episodio hilariante explodia: qualquer rapaz, achando o *milho-rei*, a maçaroca de milho vermelho, conquistava por esse facto o direito de abraçar a sua parceira, e ella fingia querer esquivar-se, gulosa aliás do abraço, que por costume era lei.

No fim da esfolhada, o lavrador, proprietario ou caseiro, offerecia a merenda, que, seguida de descantes e danças, era a chave de ouro do serão.

Hoje está semi-apagada tão pittoresca folia. Este livro tem por ventura o unico merecimento de fixar a memoria de tradições moribundas. Actualmente, já a esfolhada não é uma tarefa gratuita, em que os moradores do mesmo logar se auxiliavam mutuamente. Gratuita era, mas em todo o caso dispendiosa por causa da merenda.

Agora os proprietarios dão o milho a esfolhar, tantos réis cada cesto d'espigas, regulando em grão cada cesto dois alqueires.

A odyssea do milho, mais descolorida já, mas não despoetizada ainda pelas machinas agricolas, sorri folgazã como a do linho, a partir da sementeira, porque no meio dos milharaes e dos linhares recentemente semeados, é uso arvorar-se um ramo de castanheiro, de salgueiro ou de oliveira, mosqueado de boninas, como um padrão florido do inicio da cultura, destinado a chamar para ella as bençans do céo.

A's vezes dá-se primeiro o ramo «a beijar» ao gado,

que o esponta com os dentes, e o bafeja e ensal va be neficamente.

Crê-se que a cultura crescerá tanto como esse ramo assim abençoado.

Quanto ao linho, a folia começa logo na arrancada — *arrincada* dizem os minhôtos — que tem seus laivos, muito claros, de festa pagã.

Rapazes e raparigas collocam-se em fileira cerrada, cada sexo á sua banda, como nas contradanças escocezas de salão. Parte de cada flanco da linha uma rapariga e avança para a seara; simultaneamente a imita e segue um rapaz. Começam na furia de arrancar a planta. Elle procura approximar-se da cachopa, e ella evital-o. As evoluções são rapidas e cavillosas. Mas vence por fim a astucia. Encontram-se. Elle quer abraçal-a. Ella simula defender-se. Luctam, e na lucta rebolam no chão, já abraçados, ao som de risadas que estalam. E' o que se chama «talhar uma camisa», denominação apropriada, porque no solo fica desenhado e medido o vulto de cada corpo, ou de ambos juntos.

Depois de arrancado, limpa-se da baganha o linho; chama-se a isto ripal-o.

E, logo em seguida, vão leval o ao rio para o demolhar. Conduzem-n'o sobre um carro, coroado por flores. Rapazes e raparigas acompanham-n'o cantando, como n'um cortejo triumphal.

Seguem-se outros tramites, até que chega a noite da espadelada, operação que tem por fim estomentar o linho.

E' este um dos mais lindos e animados serões do norte.

As raparigas enfileiram-se no chão, tendo deante de si um cortiço ou uma tabua e armam-se da competente espadela — uma especie de larga espátula de pau.

Dentro do cortiço ou na algibeira guardam prendas e logros para os *embuçados* que hão de vir.

Chega um, dirige-se á rapariga que lhe apraz, e pede que lhe manifeste o seu agrado ou desdem. Ella sacca, em resposta, um punhado de tojo? Isso vale tanto como confessar que já reconheceu o rapaz, e que elle lhe desagrada. Dá-lhe uma noz, amendoa ou raminho de flores? Quer dizer que não repelle o moço, e elle senta-se logo a seu lado.

As moças da espadelada
Já me deram seu raminho.
E agora adeus, cachopas,
Que se me acabou o linho.

Os despeitados vingam-se dirigindo chascos ás raparigas, para ferir especialmente uma:

As moças da espadelada
Todas trazem fralda rôta.
Se trabalharem com gosto,
Dou-lhe uma nova de estôpa.

As moças da espadelada
Hão de estafar as guellas.
Eu não vim cá para as vêr,
Mas só para escarnecel-as.

Tive um fraco pensamento
Em vir vêr a minha amada
Não n'a vi, adeus, ó gentes
Que estaes n'esta espadelada.

E retiram-se raivosos contra os preferidos. Já não tomam parte na espadelada, põem-se ao largo, á espera do fim. E no retorno dos felizes saem-lhes ao encontro provocantes: travam-se de razões, erguem os varapaus, jogam bordoadas uns aos outros, desancam-se á valentona, brutalmente.

Algumas raparigas abdicam n'essa noite a liberdade e independencia do coração, ficam escravas do voto amoroso que juraram.

O meu pae me aconselhava,
Eu lhe dou muitos louvores:
Que fugisse á espadelada,
Que é a perdição dos amores.

Ellas lá sabem por que o dizem.

E os tomentos do linho, pegados á saia, lembram-lhe a sua escravidão:

Minha mãe bem m'o dizia,
E tinha bons pensamentos:
Que não fosse á espadelada,
Que me enchia de tomentos.

Estomentado o linho, segue-se a ceia, que é grosseira mas farta:

O' moças da espadelada,
Trabalhae, tende cuidado.
Se quereis comer sardinha
Da de rabo arrebitado.

E, depois da ceia, começa o bailarico:

O' moças da espadelada,
Penteae a vossa trança.
Os tocadores são bons,
Logo prepara-se a dança.

Findo o serão, as raparigas, que toda a noite cantaram, partem cantando, sem preoccupação alguma pelo espinhaço dos seus escolhidos, que os rivaes estão deslombando a essa hora. A's vezes passam perto dos gladiadores, ouvem zunir, embater os cacêtes. E seguem caminho rindo e cantando. A' sua porta despede-se uma, mais adeante despede-se outra. E assim, successivamente, vão ficando em casa as canções e as raparigas.

Um dos piques que mais relevo dão aos serões é o cantar ao desafio, um duello de improvisos entre uma cachopa e um moço, que teem bossa de repentistas.

Correspondem a esta forma de «dizer» as «tenções» litterarias dos poetas palacianos, os certames sobre assumptos galantes nas «côrtes de amor», ainda redivivos no seculo XIX por occasião da porfia romantica entre «a rosa branca e a rosa encarnada».

Tal é a continuidade da tradição sustentada pelo lyrismo do povo e dos cancioneiros.

No «desafio» minhôto (desgarrada é o synonymo usado no sul) o auditorio escuta muito attento, commenta as réplicas mais chistosas e aceradas rindo ou rosnando.

No começo, o combate é sempre generoso, uma troca de cumprimentos apenas.

Eu venho aqui de bem longe
A' fama do teu cantar.
Disseram-me que eras mestre,
E venho-me examinar.

Prosegue, por via de regra, n'um sentido amoroso e galante.

A RAPARIGA

Fala baixo, não accordes
O meu pai que está a dormir.
Se não vens p'r'a minha terra,
Um dia p'r'a tua hei de ir.

O RAPAZ

Não se me dá que elle accorde,
Nem que aqui me veja estar;
Que eu já o tenho por sogro,
E alguem o pode jurar.

A RAPARIGA

Não ha quem tal cousa jure
Sem saber a geração.
Senhores, que aqui estão á roda,
Digam sua opinião.

O RAPAZ

Minha geração é boa,
De gente de Portugal.
Os senhores que estão á roda
Falem todos em geral.

As trovas revelam ordinariamente espontaneidade de improvisação, mas o verso raras vezes deixa de ser defeituoso. E de quando em quando ha quebra de sentido, desconnexão de pensamento. Todavia o auditorio, tão ignorante como os cantadores, attende unicamente á promptidão da réplica.

A fim de prolongar o desafio, recorrem os dois émulos á referencia de costumes e habitos da vida campestre, figurando scenas em que um e outro intervenham, como n'este exemplo, obrigado ao thema da *Canninha verde :*

ELLE

Entre cannas e canninhas,
Agua deve de nascer.
Menina que está na fonte,
Dê-me agua, quero beber.

ELLA

Dar agua a um tal senhor?
Nossa Senhora da Guia!
Diga-me lá, rei das cannas,
Se aqui vem por minha via.

ELLE

Por sua via não venho,
Para falar a verdade.
Venho passar o meu tempo
Na forma da mocidade.

Ha occasiões em que o combate se irrita e azéda, com um forte travo de desdem, até de desprezo.

ELLA

Indo pela rua abaixo
Olhei para traz e vi
Um lettreiro que dizia:
«Amor não sou para ti».

ELLE

Eu, como sabia ler,
Tirei aquelle por outro:
«Se tu não és para mim,
«Não sou para ti tão pouco».

Quando a animosidade attinge um alto grau de tensão, rebenta o insulto, quasi tão bravo como nas «cantigas a atirar» do sul.

Cala-te ahi, bocca aberta,
Que não sabes responder.
A'manhã por estas horas
Levas o burro a beber.

Mas tudo acaba em bem, sem que os cantadores ou os seus partidarios passem a vias de facto.

Nas provincias do norte, a canção jámais faz correr sangue; o varapau, sim, quando a rivalidade, entre pessoas ou povoações, o pimponea no ar.

Em todas as aldeias septentrionaes, o lavadouro — rio, prêsa ou riacho—é um viveiro de canções e de... maledicencias.

Ali se descose, na lingua das lavadeiras, a vida de toda a gente; ali, emquanto se bate ou ensabôa a roupa, se enxovalha a reputação do proximo.

Ai la ri ló lé,
Bem te vi estar
A' beira do rio
A ensaboar.

—Pois é como vos digo, cachopas, que já a Rosa da Ramada me jurou, faz dous annos pela Santa Eufemia, que o Joaquim Russo lhe disséra que o Antonio Canastreiro ouvira dizer á Maria Pratas que a Thomazia da Portella era namorada do Roque ferrador.

— Credo! Cruzes, mulher! Que perdição de cachopa, e tão cheia de «não presta», benza-a Deus! Namorar um homem casado!

E logo outra voz philosophando sentenciosa:

Menina, não se namore
D'homem casado, que é perigo;
Namore-se de um solteiro,
Que possa casar comsigo.

— Serão vozes do mundo... diz hypocritamente uma velha gaiteira para atiçar a lingua do mulherio.

Castigam-lhe a intenção com um golpe de ironia certeiro:

— Tire-se lá, ti'Angelica! O mundo que fala é porque tem razões de queixa. Em vocemecê não põe elle a bôcca; só córta onde acha pôdre.

— Em mim como houvera de pôl-a, anjo bento!

E uma cachopa gaiata joga ao ar esta cantiga trocista:

A uma velha, muito velha,
Mais velha que o meu chapéo,
Falaram-lhe em casamento,
Ergueu as mãos para o céo.

— O maldito Bérzebú! brame a «tia Angelica» reprehendendo enraivecida. Com essa tua canna rachada não deixas falar quem fala. Cal'-te lá, cachopa de mil diabos!

A canção alegre serve para tudo no Minho, — até para embrulhar a maledicencia do lavadouro.

Nas officinas das grandes cidades a disciplina não deixa cantar os operarios: por isso, talvez, é que elles recorrem ao expedien e da *gréve*, do comicio, e da revolta como desabafo.

Muitas vezes tenho pensado n'uma coisa. E vem a ser que os typographos, se lhes consentissem o canto durante o trabalho, seriam os mais chistosos piadistas entre os melhores improvisadores.

Contou-me um official do exercito que nas marchas

por estradas da provincia é permittido que os soldados cantem, e que os do norte são os que mais se avantajam na abundancia e graça das cantigas.

Do Mondego para cima a canção anima o trabalho e preenche a folga.

Ella pousa sobre a charrua, paira sobre o mangoal, volita em torno da foicinha como as lindas borboletas brancas tão vulgares no campo.

E, quando os braços descançam, ella estala na dança como um repique de alleluia; ella galvaniza as tardes longamente mortas do domingo e do dia santo; ella rege o passo dos romeiros entre turbilhões de pó; ella é o monologo espontaneo de todos os ocios, o «falar só» de cada camponez, a voz communicativa do silencio das almas rudes e simples.

Canção do norte, canção alegre, que desopprimes e desabafas, tu vales tanto como um exorcismo seguro para repellir o trasgo da melancolia; como a droga efficaz para desopilar o pesadume da figadeira. És um copo de vinho confortante, que não custa dinheiro, e que se bebe no ar. Tu mesma o dizes espanejando-te ao sol:

Quero cantar, ser alegre,
Que a tristeza não faz bem.
Inda não vi a tristeza
Dar de comer a ninguem.

Hei de cantar, hei de rir,
Hei de me pôr mais alegre.
Hei de mandar a tristeza
Para o diabo que a leve.

V

Peregrinações e romarias

A devoção, na classe rustica do norte, é fervorosa, mas ingenua e cega.

Não sabe discriminar entre a superstição e a orthodoxia, entre o maravilhoso e o dogma : as almas rudes teem necessidade de crêr, porque esse é o primitivo estado psychico do homem.

Só a sciencia desenvolve o raciocinio, só o raciocinio traz a duvida. Duvidar presuppõe critica, discernimento, gymnastica intellectual.

A creança, que representa o retrocesso temporario da vida humana ao primeiro periodo da humanidade, crê em tudo, até no inverosímil.

O aldeão é uma creança grande.

Confunde algumas vezes Deus com o diabo; isto é, attribue-lhe egual omnipotencia no bem e no mal.

Por isso cria para seu uso um Deus ao mesmo passo misericordioso e clemente, vingativo e flagellador.

E para render-lhe louvores ou applacar-lhe as iras serve-se principalmente de duas armas piedosas: a promessa e a oração.

A promessa é o dinheiro, a cera em vela ou em figura, o azeite para a lampada, a *mortalha*, a trança de cabello cortada, a romagem, o retábulo commemorativo do milagre e o percurso de joelhos á roda do templo ou do altar.

A oração ou é rezada ou cantada.

Nos votos collectivos, como as procissões de penitencia, as preces, as ladainhas, as *novenas* e as peregrinações, o canto desfere as suas azas e derrama no ar uma terna uncção religiosa, que profundamente commove pela doçura e pela humildade.

E' sempre a doença que origina as mais ardentes devoções do camponez: a doença da Terra ou do corpo humano.

Se está enferma a Terra, se pede sol ou reclama chuva, a povoação invoca, no interesse geral, a clemencia do céo; então, as suas orações são canticos em commum.

Se se trata apenas da vida de uma pessoa, ha só um momento em que interveem as vozes de toda a povoação: é quando sae o Viatico para ir sacramentar o doente.

De noite ou de dia, homens e mulheres acompanham

Nosso Pae, mas de noite só os homens cantam o *Bemdito;* de dia, cantam-n'o em côro as mulheres e os homens.

Na occasião em que o Viatico se approxima da casa do enfermo, o *Bemdito* cede a vez á *Gloria in excelsis*, cujas ultimas notas teem como presagio uma alta importancia.

Se terminaram justamente á porta da casa, crê-se que o doente morrerá; se findaram antes, poderá escapar ainda.

Cada vez que sae Nosso Pai, toda a aldeia toma parte no cortejo e no canto, porque o Santissimo, para que o doente não morra, nunca deverá voltar á egreja pelas mesmas ruas por que foi: como as ruas são ordinariamente poucas, este duplo itinerario absorve-as todas, o cortejo vae encorporando, pessoa a pessoa, a população inteira.

O transito do Sagrado Viatico produz um dos mais bellos cantos religiosos das povoações ruraes.

O *Bemdito* ou a *Gloria*, entoados em côro por dezenas de vozes, accordam, em quem os ouve, sobretudo a distancia, uma suave commoção de fé christã.

Esse canto traz, é certo, a idéa de morte proxima; lembra a agonia do moribundo.

E comtudo dulcifica mais do que esmaga. Não chega a ser triste, muito menos terrifico, porque sôa como um appêllo á bondade infinita de Deus no julgamento de uma alma; — tem o que quer que seja de esperança e confiança, de serenidade e resignação, de paz e conformidade.

Depois do *Bemdito* é certamente a *Ladainha* o canto religioso que produz maior impressão.

Como tem por fim glorificar a mais pura das mulheres, a Virgem Immaculada, parece sobresaír melhor, tornar-se mais poetico e emotivo, nas bôcas femininas.

Encanta ouvil-o timbrado harmoniosamente, n'uma altivola massa coral, por um numeroso grupo de mulheres, e distinguir as vozes das raparigas, frescas e vibrantes, sobrenadando, na agudeza crystallina do som a todas as outras vozes que as acompanham concordes.

As peregrinações constituem uma fórma de culto modernamente adoptada em Portugal. E' ainda a devoção a Maria Santissima que as promove e agrupa. O canto torna se a alma d'essas peregrinações mariaes, é a expressão eloquente da fé das multidões, porque o canto orpheónico parece ser uma unica voz que fala em nome de todas.

A mais imponente peregrinação que o nosso paiz tem presenciado foi a do Sameiro em 12 de junho de 1904.

Este anno era o quinquagesimo depois da definição dogmatica da Immaculada Conceição da Virgem Santissima. Bem se lhe pode chamar, pois, o das *bôdas de ouro* da pureza originaria de Maria com a Egreja Catholica. E tão notavel anniversario teve em Portugal uma estrondosa e condigna commemoração, que partiu da espontaneidade torrencial dos espiritos crentes, da

harmonia unisona de corações fervorosamente religiosos, piamente abalisados em sua fé christã.

Na pompa das manifestações commemorativas precedeu todas as outras terras do paiz a christianissima cidade de Braga, séde do primaz das Hespanhas, e insigne por suas antigas e assignaladas devoções.

O objectivo d'esta peregrinação caudal, como outra se não vira ainda, foi o alto do Sameiro, que, na mesma cordilheira do Bom Jesus do Monte, sobranceia o valle do Éste, a capital do Minho, e um horizonte tão vasto e accidentado, que a vista humana se perde n'elle absorta e confusa.

Como na cidade franceza de Puy, uma estatua da Virgem parece ascender ao céo soerguida em triumpho na chapada do monte por um grupo de anjos, e este foi o inicio de todos os pensamentos grandiosos que o amor a Maria Santissima ali tem plantado de anno para anno, cada vez com maior fervor de fé e brilho de florescencia.

Em 1861, por uma tarde de setembro, dois sacerdotes bracarenses, o padre Martinho Pereira da Silva e o padre Manuel Antunes dos Reis, discorriam sem norte pelo aspero matagal que então era o Sameiro, certamente inspirados pela Divina Providencia, pois que nem a subida, nem a braveza do monte pareciam convidativas para uma excursão de recreio.

Quanto mais avançavam serra acima tanto mais o céo parecia descer sobre elles, e entremostrar-lhes seus eternos resplendores cada vez mais proximos e mais vivos.

A terra dilatava-se ante seus olhos como n'um panorama infinito.

No fundo do valle do Éste a cidade de Braga, mosqueada de casario, semelhante á pelle de um leopardo, espalmada no chão, [c cuja cauda se alongasse para oriente; ao norte, as corcôvas gigantescas do Suajo e do Gerez; a suéste o môrro da Citania e mais para além, a perder-se de vista, a *silhouette* cinzenta do Marão; na linha do occidente, a claridade alegre das povoações maritimas, Villa do Conde, Povoa de Varzim, Espozende, depois a mancha azul do oceano que as banha; a nordéste, o vetusto castello de Lanhoso; entre sul e léste, para lá da Falperra, Guimarães, a cidade e os seus arredores fertilissimos, com o monte da Penha a campear sobre elles, povoado de monumentos religiosos; ao sul, Santo Thyrso com uma fita de prata, o Ave, a rutilar-lhe no diadema florente; mais ao longe, para sudoéste, vagos contornos do bairro da Lapa na cidade do Porto, chegando a ver-se faiscar o sol nas cupulas das claraboias; uma nesga da margem esquerda do Douro na altura dos Carvalhos: montanhas enormes e áridas, n'um longo recorte de cordilheiras; valles cortados a pique; ruinas de cividades extinctas; santuarios como o de Santa Luzia, Pilar, Porto d'Ave, Abbadia, Bom Jesus de Barrosas, Santa Quiteria de Pombeiro; ermidas e capellinhas alvejando solitarias; enormes rochas de granito penduradas nos declives, como se ameaçassem imminente despenho: um horizonte mais amplo e imponente que o do Bom Jesus do Monte, posto que menos

brando e matizado; principalmente a magestade da natureza alpestre na ossatura gigantesca de protuberancias cyclopicas.

Todas estas saliencias penhascosas, todos estes alterosos lotes de serrania, dispostos em largo amphytheatro, afiguravam-se aos olhos do pensador christão outros tantos degraus de uma nova escada de Jacob, por onde a alma queria subir a procurar, n'uma ardente sède de ideal religioso, a maior belleza do céo, a mais perfeita, a mais pura, a mais intangivel de todas as bellezas creadas.

E então lembrou ao padre Martinho o culto de Maria Santissima, a Immaculada.

Erigir no alto do Sameiro uma estatua da Virgem, offerecer-lhe ali um throno colossal, que podia ter por lampadarios a luz da aurora, do meio-dia e do occaso, ser tão vasto como o alcance do mais agudo olhar, tão visinho dos povos distantes que elles de sua mesma casa lograssem contemplal-o,— tal foi desde essa hora o pensamento dominante, talvez unico, do padre Martinho Pereira da Silva.

Esta idéa, apostolada com devotado amor e infatigavel diligencia, encontrou logo proselytos, auxiliares enthusiastas.

Em junho de 1863 era collocada a primeira pedra do monumento; em agosto de 1869, ascendia a estatua ao seu pedestal; em 1873, tambem por estimulo do padre Martinho, iniciava-se a construcção de uma capella, que estava concluida em 1880; — e assim, n'um lapso de dezesete annos apenas, duplicava-se no

meiro o culto da Virgem Sem Macula, adorada na estatua e na capella; a magestade divina de Maria enchia de resplendores a altura da montanha e a largueza do horizonte.

O pensamento inicial creára tão fundas raizes, e tão solidos liames, que derrubada pela tempestade uma estatua, logo outra a substituiu; e que a primitiva capella parecia já mesquinha em confronto com a planta do novo templo, ainda agora incompleto, mas já apparatoso.

As peregrinações collectivas ao monte Sameiro datam de 1871.

Sessenta mil pessoas constituiram a que se realizou no dia 25 de junho d'aquelle anno.

Entre a multidão dos peregrinos contava se monsenhor Oreglia de Santo Stéfano, nuncio em Lisboa.

O padre Carlos Rademaker prégou no alto da montanha.

Seguiram-se outras peregrinações, chegando a haver mais de uma em cada anno; no de 1880, quatro; no de 1881, dez; no de 1882, sete.

Os peregrinos entoavam, como ainda hoje, canticos piedosos: uns afinados com arte em lyras cultas, e d'estes dera primacial exemplo Almeida Braga; outros, singelos e espontaneos, quasi rudes, nascidos da inspiração popular.

O Hymno da Immaculada Conceição do Monte Sameiro generalizou-se no ouvido e na memoria do povo bracarense. Não tem valia litteraria, mas, em compensação, é muito musical, facilmente cantavel. Este

hymno, depois de se referir á definição do dogma, celébra a fundação d'aquelle novo santuario, dizendo:

Do Sameiro nas bellas alturas
Magestoso, elevado padrão
Annuncia ás idades futuras
De Maria a feliz Conceição.

Salvé monte mil vezes famoso
Entre os montes do bom Portugal!
Em teu cimo já brilha vistoso
Da ventura e da paz o signal.

Chegou, finalmente, o momento em que não tardariam a completar-se cincoenta annos sobre a definição dogmatica da Conceição Immaculada. Entrou o mez de junho de 1904, e, para celebração das «bodas de ouro» ou «do meio seculo», quiz a cidade de Braga realizar, com largo pregão, a maior de todas as peregrinações ao Sameiro, não apenas emanada do concelho, do districto, da provincia ou do arcebispado, mas uma peregrinação geral, composta de elementos nacionaes sem distincção de classes, nem limite de circumscripções administrativas ou ecclesiasticas.

A cidade de Braga engalanou-se em jubilo para receber os peregrinos. O dinheiro acudiu de toda a parte, correndo generosamente para a montanha sagrada, e concorrendo em barda para o seu grande triumpho religioso. Uma corôa de ouro, com primoroso lavor, foi expressamente burilada para cingir a fronte da

Virgem no templo do Sameiro. O Summo Pontifice Pio X delegou a sua auctoridade apostolica em monsenhor José Macchi, actual nuncio em Portugal, para o effeito

Ornamentações no Campo de Sant'Anna

da coroação. O cardeal patriarcha de Lisboa, o arcebispo d'Evora, os bispos do Algarve, de Beja, de Bragança, de Coimbra, da Guarda, de Lamego, de Portale-

gre, do Porto e de Vizeu abalaram das suas dioceses em direcção a Braga. A onda dos romeiros, que entravam na cidade cantando a *Ave Maria*, engrossava de hora em hora, golphava em jorros successivos, como innumeravel e pacifica invasão de crentes e devotos.

Não havia hoteis, nem albergues devolutos ou disponiveis. Disputava-se por alto preço a commodidade, o descanço d'algumas horas de somno. Ainda assim, muitos forasteiros dormiram ao ar livre na Arcada do Campo de Sant'Anna. E os templos ficaram abertos de noite para recolher os peregrinos que não puderam encontrar pousada. Pernoitando ao relento ou dormindo em aspera cama, privados dos commodos indispensaveis, não se lhes ouvia um queixume nem reclamação. Todas as contrariedades moléstas eram soffridas com animo não só resignado, mas sinceramente alegre. A alma, desprezando o corpo, esperava com impaciencia o momento feliz em que a peregrinação devia partir, por um longo caminho, que se torce em voltas e escalona em acclives, para o alto do Sameiro.

O dia de domingo 12 de junho amanheceu ameno e claro. As vesperas estiveram chuvosas, a ponto que a procissão nocturna, que devia sahir na sexta feira, só pôde realizar-se no sabbado.

A's quatro horas da madrugada, um despertador invisivel, mas ingente, pareceu repetir a todas os ouvidos as memoraveis palavras de Christo: *Surge et ambula*. Escutando-o, todos os corações se ergueram, todos os corpos se reanimaram. E logo em seguida, os boqueirões das ruas, os recintos das praças, os an-

dares e ventanas dos predios responderam por muitas vozes ao chamamento geral com uma cédula de presença talhada no famoso hemistichio de Virgilio: *Me,*

Ornamentações na rua do Souto

me adsum. «Peregrinos do Sameiro, eis-me aqui prompto para ser do vosso numero.»

O sol, desanuveado, açacalava os seus primeiros raios matutinos, e promettia esplendores.

A alegria da multidão tornou-se rapidamente communicativa e electrica.

O mau tempo passára, finalmente; o estio portuguez retomava o seu logar no kalendario entre uma pagina de saphyra e uma pagina de ouro.

Em torno da velha cathedral bracarense começaram a coordenar-se os individuos e as corporações, os bairros e as aldeias, com enthusiasmo, mas sem tumulto. Organizava-se o nucleo do cortejo por secções e categorias. Um unanime instincto de ordem disciplinava admiravelmente a turba enorme e compacta.

Sete horas em ponto, a vanguarda da peregrinação avançava.

Nas ruas do transito, cujos adornos, especialmente os candelabros com globos de vidro branco ou córado, refulgiam sob a luz matinal, os espectadores dividiam-se em duas extensas alas, que se continuavam ininterruptamente desde a sé até ao Sameiro pela estrada do Senhor do Monte.

Não houve a minima falha de cordura e respeito; um improperio, uma chufa, um conflicto qualquer.

Nas janellas, revestidas de colgaduras brilhantes, agglomeravam-se muitas damas e creanças, bem como os velhos, os paralyticos, todos os inválidos que mitigavam com a vista o desgosto de uma quietação forçada.

O aroma das plantas e flores, esmagadas no chão por milhares de transeuntes, exhalava-se intenso no ar, como se vaporasse d'uma distillação recente.

E os primeiros canticos dos peregrinos rolaram na

atmosphera, santificaram de candura biblica a serenidade rutila d'aquella manhã abençoada.

O longo desfile do cortejo principiou a desenrolar-se

A banda da officina de S. José em transito

solemnemente da rua da Sé para a de D. Frei Caetano Brandão e d'esta para a rua Nova de Sousa.

As bandas de musica, os collegios de Campolide, do

Espirito Santo e de S. Fiel, as associações operarias, as irmandades e confrarias, os centros do Apostolado da Oração e outros circulos catholicos, os contingentes parochiaes do arcebispado, os alumnos do seminario diocesano e do lyceu central, o cabido, os prelados, a camara municipal, o governador civil, as auctoridades militares e judiciaes, os forasteiros das provincias e de Lisboa, dos de melhor sangue e mais alto nome, finalmente uma longa cauda de povo formavam o extenso e luzido prestito, mole gigantesca de classes sociaes que se deslocava cadenciadamente ao som de hymnos sacros e de canticos de devoção.

Os parochianos da freguezia suburbana de S. Martinho de Dume conduziam cestinhos com fructas, dôces, aves, roscas de pão de ló, e ovos, para serem arrematados em proveito do santuario.

A variedade das physionomias e dos trajes, as côres diversas dos estandartes que a maior parte das corporações arvoravam, a multidão diluviosa dos peregrinos, de todas as procedencias, idades e condições, e a sua attitude de respeitosa humildade, produziam um espectaculo maravilhoso, sublime, estupendamente grande e inegualavel.

Eram trezentas mil pessoas, quando menos, alistadas voluntariamente como servos obedientes de Maria Santissima, eram os legionarios, pacificos mas impávidos, do exercito infinito da Fé.

Uma só voz de commando, apenas um grito imperioso, bastaria para levar submissamente ao sacrificio das proprias vidas toda essa alluvião solidaria de cren-

tes, que se deixariam morrer entoando a *Ave Maria* com a heroicidade dos primeiros christãos nas catacumbas de Roma.

Passagem da peregrinação na rua de S. Victor

Não era o fanatismo cego e brutal dos inquisidores d'outr'ora, que accendiam as fogueiras e aparafuzavam os pôtros, não era a intolerancia que perseguia e as-

sassinava em nome de Deus: era, pelo contrario, o sentimento religioso na expressão mais pura e etherea da anagogia christã, erguendo os olhos, n'um doce extasi de ineffavel ternura espiritual, para a suprema fonte de consolações divinas, Arca da Alliança, Espelho de Justiça e Porta do Céo.

Por isso essa procissão desmesurada não era funebre como a dos autos-de-fé, mas jucunda, variegada e brilhante como um triumpho incruento, onde não havia victimas nem algozes, mas apenas crentes e correligionarios.

Tinha, no relogio dos seculos, soado, finalmente, a hora da verdadeira fraternidade christã pela perfeita concordancia na doutrina primaria, em que o christianismo assenta o seu fundamento: a origem divina do Redemptor pela immaculada pureza de Maria Santissima.

Em 1854 falou em Roma a voz infallivel do Summo Pontifice.

Em 1904 falava, na peregrinação de Braga, a convicção das consciencias no reconhecimento publico da verdade dogmatica.

Trezentas mil pessoas levaram em apothéose o dogma até ao alto do Sameiro.

N'essa hora as cinzas de Pio IX, na basilica do Vaticano, deviam sentir-se acariciadas pelas bençans do céo.

A *Ave-Maria*, entoada por milhares de vozes, era o depoimento sincero e convicto de outras tantas almas.

Batiam onze horas da manhã quando o cortejo che-

gava ao seu destino, o alto da montanha, onde estava levantado o altar para a missa campal.

Descerrada no pavilhão a imagem da Virgem, uma

Sahida da Pro·issão da Egreja do Sameiro

ovação estrondosa irrompeu simultaneamente de todas as boccas, subindo dos corações aos labios, e partindo de todos os labios ao encontro dos eccos das mais

profundas quebradas e sonoras cavidades das cordilheiras longinquas.

O cardeal-patriarcha, escolhido para celebrante, subiu os degraus do altar.

E logo toda a multidão emmudeceu instantaneamente, como se obedecesse á suspensão de uma batuta invisivel.

A serenidade da natureza só era comparavel n'esse momento á dos espiritos, traduzida n'um silencio e recolhimento alados, que subiam para Deus.

Não se enxergava o vôo d'uma ave no céo, nem se ouvia o fremito das respirações na montanha.

Finda a missa, a devoção dos peregrinos explodiu, já humanizada e expansiva, em muitos canticos religiosos, o *Terço*, a *Ave-Maria*, e a *Virgem Pura* — especie de jaculatoria abundante de consonancias vulgares:

Do divino seu Menino
Toda a graça Ella nos dá;
Mãe piedosa, carinhosa,
Nos olhando sempre está.

Aos pedidos dos queridos
Abre o terno Coração;
Ao gemido do Affligido
Ella é toda compaixão.

Infelizmente, o cancioneiro d'esta grandiosa solemnidade carecia de elevação e merito, se exceptuarmos

os antigos versos de Mendes Leal, inspirados nas «apparições» de Lourdes.

E, comtudo, os «Canticos do Peregrino» foram préviamente approvados pela auctoridade ecclesiastica, o que revela inopia de gosto litterario no actual successor de Frei Bartholomeu dos Martyres.

A peregrinação espraiada no alto do Sameiro

Era hora e meia da tarde quando o Nuncio Apostolico, rodeado por todos os arcebispos e bispos, paramentados de capa magna e alva rendilhada, com báculo e mitra, se abeirou do altar.

Uma dignidade da sé bracarense leu o rescripto pontificio, que concedeu a auctorização solicitada pelo arcebispo primaz para as festas jubilares, e em se-

guida o bispo-conde proferiu, com palavras de quente eloquencia, uma saudação á Virgem.

Depois, o Nuncio entoou a *Regina Cœli* e, tomando nas suas mãos a corôa de ouro, subiu alguns degraus, para ir collocal-a na fronte pulchra da Rainha dos Anjos.

No momento da coroação, um temporal de alegria exultante soprou desencadeado sobre o planalto do Sameiro, sacudiu as cumiadas das serras circumjacentes, estrugiu nos valles intermedios.

Acachoavam no ar vozes festivas, acclamações jubilosas; ondulavam os estandartes, os lenços e os chapéos agitados por mãos convulsas.

Girandolas de foguetes cruzavam seus fogos no espaço, ribombando ao largo em repercussões simultaneas e tonitroantes.

Tudo parecia glorificar a Mãe de Deus n'aquelle instante que valeu seculos e se escoou rapidamente como todas as commoções profundas.

As primeiras notas do *Te-Deum laudamus* mal puderam ser ouvidas, mas a breve trecho milhares de vozes facilmente se apropriaram do rythmo.

E, concluido este canto lithurgico, a imagem da Virgem do Sameiro foi conduzida, processionalmente, do pavilhão para o santuario, n'uma geral effusão de ternura saudosa, o que quer que fosse de um — adeus — expresso em orações, canticos e lagrimas.

Pouco depois, a multidão jorrava montanha abaixo, dispartindo em numerosos grupos, e muitos olhos, embaciados de pranto, choravam já a ausencia do

mais bello e surprehendente espectaculo que os velhos não tinham visto ainda e os novos não poderão esquecer jámais.

O cortejo dos prelados no planalto da montanha

Todos os annos, regularmente, no ultimo domingo d'agosto, vão peregrinos ao Sameiro levar offerendas á Virgem.

A devoção de cada um expande-se em ladainhas e lôas durante a marcha e a romaria, consoante a maior ou menor facilidade de improvisação popular.

Colhemos, no proprio local do santuario, estas rudes quadras aldeãs, cantadas pelos romeiros:

Senhora do Sameiro,
Aqui vos trazemos
Estes romeirinhos [1]
Que vos prometemos.

Senhora do Sameiro,
O vosso poder!
Que «déstes» saude
A quem 'stava a morrer!

Senhora do Sameiro,
Que estaes na capella,
Nós imos embora
E vós ficaes n'ella!

Entre a peregrinação jubilar ao Sameiro em Braga e a peregrinação á Penha em Guimarães medeou em 1904 outra, se bem que menos pomposa, e quasi até humilde, tambem altamente expressiva de uma sincera espontaneidade de fé vivissima.

Quero referir-me á da Assumpção, em Monte Cor-

[1] Allusão ás creanças.

dova, junto á villa de Santo Thyrso, que é uma antesala do Minho.

Realizou-se no dia 14 de agosto.

Monumento á Virgem no Sameiro

O santuario de Monte Cordova nasceu singelo e pobre. Não pode, portanto, rivalizar em esplendores de culto com os do Sameiro e da Penha. Consta de

uma pequena capella, que tem adjacentes a sacristia e a casa do ermitão, por igual acanhadas. Está situado a mais de meia encosta do monte, e avista um ameno e espairecido trato de terras, a cumiada do Marão, o viso do Sameiro, toda a villa de Santo Thyrso na planicie, o rio Ave, Famalicão, Villa do Conde com o seu aqueducto, um retalho de oceano, o porto de Leixões e os campanarios da Lapa, no Porto.

Nenhuma tradição devota se prendia a Monte Cordova antes da fundação do santuario: nem gruta, nem apparição, nem fonte milagrosa, nenhum prodigio, emfim, o valorizava piedosamente até então.

Houve sim a idéa germinada desde 1896, de collocar ali um templosinho dedicado á Virgem, e esta iniciativa achou tão prompto e favoravel acolhimento, que a 15 de agosto de 1901 foi a imagem de Nossa Senhora da Assumpção conduzida da villa para a montanha, n'uma procissão de triumpho.

O esculptor João d'Affonseca Lapa, de Villa Nova de Gaya, produzira uma encantadora imagem, e o pintor Diogo Sampaio, residente no Porto, completára, com grande felicidade, a obra do esculptor.

A Virgem de Monte Cordova affasta-se do typo hebraico, que resalta nitidamente do retrato composto por S. Lucas, [1] segundo a copia existente na Collegiada de Guimarães. Essa é morena, d'olhos grandes

---

[1] Este retrato existe na basilica de Santa Maria Maior, em Roma.

e verdes, longos supercilios, nariz rectilineo, bocca fina e breve, fazendo a sua physionomia lembrar os mesmos caracteres ethnographicos colhidos modernamente por James Tissot na Palestina e reproduzidos nas esplendidas aguarellas da *Vie de Jésus Christ*. Esta é branca como a cecém, os seus olhos castanhos afogam-se n'uma doçura de piedade, e os cabellos são louros cendrados. Perdoa-se tanto ao esculptor como ao pintor a phantasia de uma Virgem portugueza — typo de belleza meridional — pela expressão sublime de pureza intacta que resalta do olhar enternecido e, sobretudo, pela tonalidade casta da carne, semelhante a uma impolluta flôr de innocencia e candura.

A sua tunica branca, o seu manto azul orlado de um leve ramusculo de ouro, a nuvem ascendente e os anjos suspensos que ou apontam para as alturas ou desparzem flores campestres, intégram o conspecto d'esta bella imagem, que tanto enleva os olhos e a alma.

Estamos ali, em verdade, deante da «assumpção» da Virgem immaculada, cuja modestia se não deixa compenetrar da grandeza do seu triumpho. A Mãe de Deus sóbe para o céo com a mesma doce humildade com que transitou na terra: é bem, e sempre, «a escrava do Senhor, cheia de graça, bemdita entre as mulheres». A morte parece não haver tocado a sua carne, porque nenhuma corrupção podia attingir um corpo preservado de toda a mancha, nem mesmo a corrupção do tumulo. A imagem de Monte Cordova antecipa a definição dogmatica da assumpção corporea de

Maria, tão enthusiasticamente defendida pelo eloquente arcebispo d'Evora no sermão das festas jubilares de Braga.

Para ir adorar esta imagem adoravel não ha estrada macia, senão carreiros escabrosos, atalhos ingremes, pedregulhos que rolam debaixo dos pés, charcos que é preciso transpôr de um salto. E' caminho de cabras monte acima, com pouca sombra de arvoredo, e muita urze bravia. Junto á ermida falta o terreiro dos grandes santuarios, falta a albergaria ou alpendre para os romeiros, falta o abrigo de arvores seculares. O sol, no verão, cai forte no monte; a chuva e o vendaval fustigam-n'o no inverno, Pois todos os descommodos da encosta e da intemperie vencem-n'os resolutamente os devotos, em pequenos grupos, todo o anno, ou nas pregrinações geraes, como as de 1902, 1903, e n'esta de 1904, que foi a mais numerosa de todas.

Compunham-n'a as irmandades com as suas bandeiras, o clero da villa, os operarios do Centro Catholico, as zeladoras do Coração de Jesus, meninas de familias distinctas e raparigas de obscuro nascimento, cantando, ao som de algumas philarmonicas, toadas unisonas, que subiam na resonancia do monte como a exhalação de um incenso de vozes nos ductos de um thuribulo de harmonia.

Foi escripta pelo sr. Ernesto Guimarães a linda musica de um d'esses canticos, que tanto fez realçar a singela lettra que lhe apropriei:

Cantico á Virgem

O' que belleza tamanha
Na montanha resplandece!
E' astro, sol, luz divina
Que ilumina e que enriquece.

E' a Virgem Nossa Senhora
Que lá mora em seu altar,
Dentro de branca ermidinha
Caiadinha de luar.

Côro

E' Maria, a Mãe de Deus,
Que dos céos nos vê e fala.
Ajuntae-vos, peregrinos,
Cantae hymnos p'ra louval-a.

Sim! é Maria a mais pura
Creatura, a mais formosa;
Que foi gerada assim bella
D'uma estrella e d'uma rosa.

Da nossa villa defronte
Sobre o monte, eterna e boa,
Em redor protege as serras,
Nossas terras abençôa.

CÔRO

E' Maria, a Mãe de Deus,
Etc.

Entre canticos e palmas
Nossas almas uma a uma
Leva-as para o firmamento
Como o vento leva a pluma.

Felizes te seguiremos,
Viveremos no Senhor,
Cantando, ó Virgem Maria,
Noite e dia em teu louvor.

CÔRO

E' Maria, a Mãe de Deus,
Etc.

Houve em toda esta peregrinação apenas a magnificencia da simplicidade, quero dizer, a riqueza do sentimento, quando se impõe pelo brilho da sua mesma energia e abundancia.

A corôa que os córos femininos levaram á Virgem de Monte Cordova não era de ouro burilado, nem tinha reluzentes cravejamentos de pedras preciosas.

Fôra unicamente entretecida de flores, e condizia na alegre rusticidade das boninas, que lhe bordavam

Cantico á Virgem

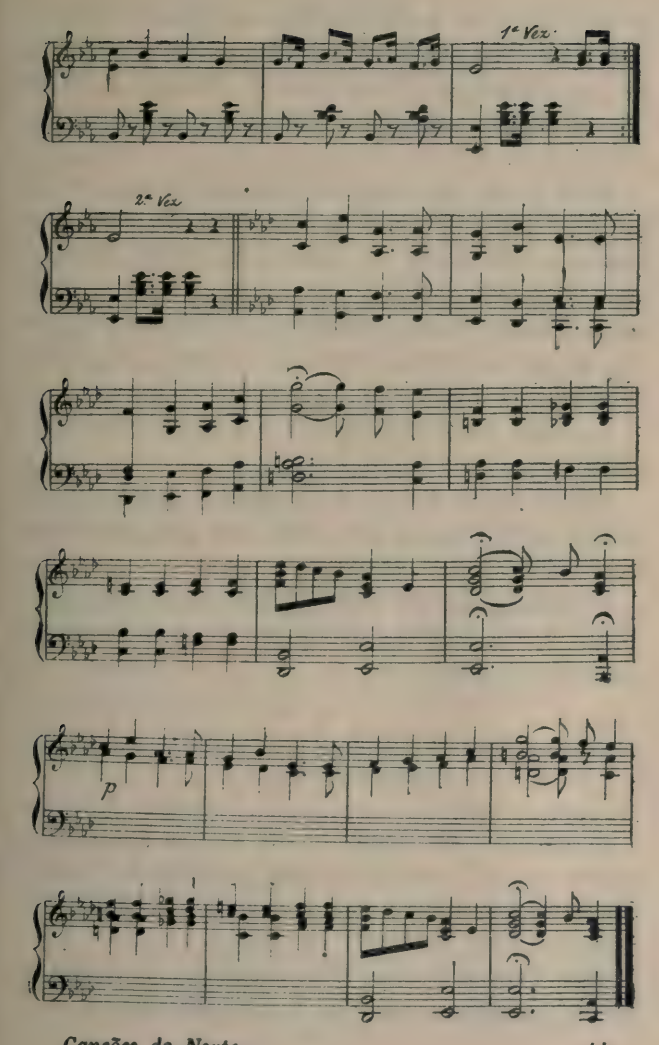
Musica de: Ernesto Guimarães

Lettra de: Olberto Pimentel

Andante

PIANO

p


1ª Vez
2ª Vez
p

o contorno, com o perfil fragoso do monte, com a pobre ermidinha branca e solitaria, e com o proprio altar da Senhora, onde a falta de recamos e adornos era largamente supprida pela suave belleza da imagem.

Toda a villa de Santo Thyrso illuminou na véspera as suas casas. Esta idéa, felizmente suscitada, realizou-se n'uma porfia de promptas adhesões, que excedeu toda a espectativa. Em alguns predios, a illuminação foi apparatosa, e n'outros, mais pobres, não deixou de brilhar por de traz de cada vidraça uma luzinha modesta.

As ruas estiveram animadas e concorridas até á meia noite.

Poucas horas depois, mal rompia a manhã, já a população thyrsense se preparava para vêr passar a peregrinação ou para tomar parte n'ella.

Perguntava-se aos velhos se teriam forças para subir o monte. E elles respondiam n'um remoçamento de coragem juvenil:

A Senhora da Assumpção
P'ra cima dá-nos a mão.

A exemplo de Braga, quiz a cidade de Guimarães commemorar o quinquagesimo anniversario do grande facto religioso de 1854 com uma peregrinação extraordinaria ao santuario da Penha.

Este santuario eleva-se ao nascente da cidade, sobre a cumiada da serra de Santa Catharina.

Ali, dentro de uma gruta aberta pela natureza nos rochedos que servem de alicerce á estatua de Pio IX, foi collocada no dia 19 de julho de 1893 a imagem de Nossa Senhora de Lourdes, esculpida em marmore de Carrara.[1]

O monte da Penha defronta com o do Sameiro, e assim, por uma harmoniosa correspondencia de situação geographica e symbolismo religioso, ficaram os dois montes conjugados no mesmo pensamento de pregoar e glorificar a Immaculada Conceição de Maria.

Dir-se-iam duas atalayas da fé cruzando, no espaço, os seus intensos reverberos, cuja irradiação illumina a figura de Pio IX, que com a mão direita abençôa o mundo, e com a esquerda patentea a Bulla que proclamou a definição do dogma.

No topo da Penha ouve-se a voz do Pontifice e a propria revelação da Virgem a Bernadette Soubirous. No alto do Sameiro já o dogma está definido e proclamado, è já uma crença incontestavel e triumphante, uma verdade reconhecida pela Egreja e pelas christandades do mundo inteiro.

De modo que estes dois montes, separados apenas pelo intervallo d'algumas léguas, são como duas estrophes do mesmo poema, dois accordes da mesma harpa, tangida pelos quatro ventos do céo em honra da Mãe de Deus humanado.

---

[1] O santuario completar-se-ha por um templo, cuja primeira pedra foi lançada em 8 de setembro de 1895, e que está ainda em construcção.

As peregrinações annuaes ao Santuario da Penha começaram no dia 8 de setembro de 1893. Logo por essa occasião foi cantado um hymno, lettra do padre Campo Santo, natural de Guimarães, musica de Giuseppi Gessi, italiano de nação.

Entre votos, preces, hymnos,
Guimarães hoje se empenha
Em dar á Virgem da Penha
Tributos de devoção.
Acolhe os teus peregrinos,
Virgem das margens do Gave,
Avè, ó Flôr de Lourdes, Avè,
O' Virgem da Conceição.

.....

Que bem ficas a nascente,
O' Mãe de quem Deus nasceu!
Assim brilhe sem poente
O teu Sol ao povo teu!
Alta ficas na montanha,
Que houvera de ser peanha
Fõrmada de corações.
Tens ao pé, e te apregôa
Pio, que em tua corôa
Poz o melhor dos florões.

A peregrinação jubilar realizou-se no dia 15 d'agosto de 1904, foi solemnizada com ruidosos festejos na cidade, e precedida por uma procissão que na véspera de tarde sahiu da Real Collegiada da Oliveira.

No figurado d'esta procissão, muito numeroso e brilhante, comprehendiam-se os quatro grandes devotos de Maria: S. Bernardo, S. Domingos, S. Boaventura, e a humilde Bernardette Soubirous.

Trinta virgens, vestidas de branco, com açucenas soerguidas entre as mãos, entoavam canticos á Virgem:

O' Mãe d'esperança pura,
Sois a nossa protecção.
Reinae, ó Mãe de ternura,
Sobre o nosso coração.

A peregrinação, composta de milhares de pessoas, conduziu uma corôa de ouro, e ouviu missa campal celebrada na gruta de Lourdes.

O povo reeditava as mesmas canções religiosas que tinham sido adoptadas na peregrinação de Braga, e a cidade de Guimarães exultava na realização d'essa apotheóse tão pomposa como patriotica, por nenhum desgosto perturbada.

Os camponezes do concelho, quando retiravam da cidade para as suas freguezias, evocavam da memoria os canticos que tinham ouvido, e com devota alegria os iam repetindo em côro ao longo da placidez dormente das estradas.

A canção do norte, ainda que exprima o sentimento religioso, não se deixa embaciar de lagrimas, nem torturar em gemidos.

Se, como vimos, as grandes peregrinações do Minho teem tido por objecto a Virgem Santissima, tambem e

maior parte das grandes romarias d'esta provincia são realizadas em honra do mesmo culto.

Ha santuarios famosos pela devoção que inspiram, pelos numerosos romeiros que todos os annos attraem.

O da Penêda, no concelho dos Arcos de Val-de-Vez, é um dos mais sumptuosos pelo seu portico, escadorios, estatuas, capellas e mosteiro, bem como pelas suas lendas galantemente piedosas.

Na fraga da Nevea succedeu, segundo a tradição, um caso semelhante ao de Fuas Roupinho no rochedo da Nazareth.

Uma pastorinha errante, confundida pelo nevoeiro, approximou-se d'aquella alcantilada fraga; e reconhecendo o perigo invocou fervorosamente o auxilio da Senhora. Emquanto rezava, ficou suspensa; depois resvalou ao fundo do precipicio com tanta suavidade, que não soffreu lesão alguma. Em memoria d'este milagre, cortou as tranças do cabello, e offereceu-as á Virgem como penhor de gratidão.

De outra fraga se diz que Maria Santissima, tomando o disfarce de pegureira, vinha ali pôr as suas meadinhas a córar.

Durante todo o mez de setembro os romeiros entram no Santuario cantando litanias, o *Terço*, ou trovas de uma rusticidade quasi infantil, como esta:

A Senhora da Penêda
Tão alta que se foi pôr,
Entre cotes e penedos,
Carvalhinhos ao redor!

Se dos Arcos de Val-de-Vez obliquamos para o litoral, depara-se-nos em Vianna a vivacissima devoção da Senhora d'Agonia, no seu elegante templosinho, de garbosa torre, dominando o vasto campo onde se faz a feira e o mar que ali perto recebe o curso rutilante do Lima.

Vianna é um esplendor de belleza. Não ha terra em Portugal que tenha mais lindas aguas e mais bellos campos.

Como cidade, possue monumentos que falam do passado; exhibe progressos que fazem honra ao presente.

A romagem da Agonia reune em Vianna a flor das cachopas do districto, as esbeltas camponezas da Areosa, de Meadella e de Santa Martha, com os seus claros trajes garridos, que ellas proprias fabricam em teares manuaes.

Tudo ali respira alegria n'esses bons dias de agosto que as festas preenchem de diversões e folganças.

Se bem que os romeiros do Minho repitam certo numero de cantigas em diversos santuarios da Virgem, cuja invocação alteram de logar para logar, destacaremos do cancioneiro da Agonia algumas que foram recolhidas da tradição oral:

A Senhora da Agonia
Tem telhadinho de vidro,
Que lhe deu um marinheiro
Que se viu no mar perdido.

O' Senhora da Agonia,
Mandae tocar a alvorada,
Que se vai o *trez* [1] embora
A'manhã de madrugada.

A Senhora da Agonia
Está muito agoniada:
Perdeu o seu pente d'ouro
Com que se ella penteava.

Eu venho da romaria
Da Senhora da Agonia;
E agora, que estou santo,
Dá-me um abraço, Maria.

Vai gente de longe para recrear os olhos no panorama resplendente d'uma cidade que parece sorrir; n'esse grande arraial onde a côr entorna ondas de luz sobre os romeiros, as canções, as choreas, as planicies, as aguas do rio e do oceano.

Atravessando da foz do Lima para suéste, vêmos ensombrar-se entre arvoredo, nas visinhanças de Villa Verde, o novo santuario de Nossa Senhora do Allivio, á margem da estrada que segue de Braga para o norte.

O terreiro do arraial, com sua copada deveza e amplos fornos, garante o recreio e commodidade dos romeiros.

---

[1] Allusão ao 3 de infantaria, aquartellado em Vianna, n'uma época em que este regimento sahiu temporariamente d'ali.

Ha duas romarias. Uma, a «do povo», realiza-se no sabbado e domingo seguintes ao dia da Natividade (8 de sembro). Outra, a «dos fidalgos», effectua-se oito dias depois, e é durante esta que se celebra a festa de egreja, com a respectiva procissão.

A' primeira concorre grande numero de pescadores da Povoa de Varzim, munidos de meadas de fio, as quaes, pelo contacto com a imagem de Nossa Senhora do Allivio, ficarão abençoadas, e hão de servir no futuro para fabricar as rêdes novas.

Ainda os póveiros alimentam outra crença piedosa, a de pedirem no santuario alguns pugilos de incenso com que, no regresso á Povoa, hão de thurificar as rêdes velhas.

São ternamente ingenuas as trovas com que os romeiros populares, acompanhando-se ao som de violas e cavaquinhos, se dirigem á Senhora do Allivio e ao seu Menino. Por exemplo:

Senhora do Allivio,
Que estaes tão contente,
Co'o vosso Menino
A rir-se p'r'a gente!

Senhora do Allivio,
Que estaes tão alegre,
Co'o vosso Menino
Branco como a neve!

Senhora do Allivio,
Que estaes tão vistosa,
Co'o vosso Menino
Branco como a rosa!

Senhora do Allivio,
Que estaes tão contente,
Peço-vos saude
P'ra quem 'stá doente.

Senhora do Allivio,
Nós vamos embora:
Lançae-nos a bençam
Pela porta fóra.

No concelho de Amares ergue-se o santuario de Nossa Senhora da Abbadia, celebre entre os mais celebres de toda a provincia.

Está situado em Bouro, no declive de uma ramificação da serra do Gerez.

A região é alpestre, severa: unicamente a vitaliza, de 10 a 15 d'agosto, o bulicio da romaria, o concurso dos romeiros.

Como no Bom Jesus do Monte, o santuario compõe-se de varias capellas e do templo; alem de alguns alpendres, com arcos de pedra, e sobre elles uma varanda coberta.

O frontispicio da egreja tem um estylo pesado, algum tanto duro. As duas torres são deprimidas, pouco elegantes. E' ao meio da fachada, dentro de um oratorio envidraçado, que está a imagem da Senhora: ali

mesmo, do alto, para que todos os romeiros o possam vêr de perto ou ao longe, celebra o sacerdote a missa no dia solemne da Assumpção — ultimo da romaria.

Assim se procede tambem no santuario das Necessidades, e no de Porto d'Ave.

O povo, ajoelhado no terreiro, e em todos os logares circumjacentes, assiste ao santo sacrificio, com a cabeça alta, os olhos pregados no oratorio, as mãos erguidas, n'um silencio reverente, quasi extatico.

Findo este acto religioso, toda a multidão immensa respira em liberdade, destroça em grupos desordenados, como um exercito sem disciplina.

O nome da Senhora é invocado em muitas cantigas n'um sentido exclusivamente religioso, que faz contraste com o tumulto mundano do arraial:

A Senhora da Abbadia
Anda no seu pinheiral
A apanhar as pinhas verdes
Para a noite de Natal.

A Senhora da Abbadia
Diz que m'ha de dar o dote.
Se m'o ha de dar na vida,
Dê-m'o na hora da morte.

A Senhora da Abbadia
Tem uma fita no braço,
Que lhe deram os anjinhos
A vinte e cinco de março. [1]

[1] Dia em que a Egreja celebra a festa da Annunciação.

A Senhora da Abbadia
Bota fitas a voar:
Vermelhinhas e branquinhas
Todas vão cahir ao mar.

Alguns romeiros repetem as estrophes ou o côro do Hymno de Nossa Senhora da Abbadia, que durante a novena costuma ser cantado a orgam:

No céo rainha sob'rana,
Não tens na terra igual.
Tudo o que vive te canta,
Do mundo no vendaval.

Côro

Virgem Santa da Abbadia,
Attende nossos clamores;
Do romeiro os passos guia,
Roga por nós peccadores.

(Repete-se no fim de cada quadra)

Do seio da Divindade,
Onde sempre resplandeces,
Rosa pura, immaculada,
Ouve, escuta nossas preces.

Entre os escolhos da vida
Leva o meu fragil batel:
Dá-lhe um abrigo seguro,
Um porto amigo e fiel.

No remanso d'estas fragas,
Escondida, ignorada,
Só os anjos e as aves
Sabiam tua pousada.

D'um piedoso eremita,
Que n'estes ermos vivia,
Galardoaste a virtude
Com prodigios d'alegria.

A luz brilhante nas trevas,
Oh! milagroso fanal!
Mostra aos santos cenobitas
Este bemdito local.

A fama dos teus milagres
Vôa até aos fins da terra.
Correi, correi, peregrinos,
Vinde orar á santa serra.

Aqui achareis allivio
Para as mais pungentes dôres:
O pranto muda-se em risos;
Duros espinhos em flores.

Agora, o reverso da medalha, estuando alegrias profanas, prazeres mundiaes.

O vinho espuma a jorros vertido das torneiras para as infusas, das infusas para os copos.

A dança escarva o chão, bate a poeira com as chinellinhas saltantes, os rapazes tomam afoutezas de satyros, apollegam as raparigas, abraçam-n'as, não sem que alguma voz os reprehenda n'um arranco de honestidade em perigo:

Minha Virgem da Abbadia,
Não vos venho pedir renda:
Venho pedir-vos juizo
E gente com quem me entenda.

Outra voz, mais doida, confessa a seducção da folia, o perigo dos contactos choreographicos; invoca, por descargo de consciencia, o auxilio de Nossa Senhora:

O' Senhora da Abbadia,
Vinde abaixo, dae-me a mão;
Que eu sou romeirinha nova,
Canço do meu coração.

Ao redor do santuario, e ao som farfalhante das phylarmonicas, passeiam, em voltas successivas, os bois ou os bezerros, que os lavradores ricos prometteram e que depois serão vendidos em hasta publica.

O povo agglomera-se para vêr o gado, em cujas pontas flammejam laços de fita e rocadas de flôres; quer saber a historia do milagre, ouvil-a, commental-a, distendel-a na tuba altivola da Fama; o povo não perde

nenhum dos mais intensos episodios do arraial, seja um voto, um descante, um bailarico ou uma desordem.

E emquanto ondula e trasborda o vae-vem cahotico da multidão no terreiro, talvez a uns duzentos metros do santuario, junto á *Lapinha*, onde, segundo a tradição, a imagem de Nossa Senhora appareceu, alguns romeiros solitarios, concentradamente silenciosos e recolhidos, lavam-se na agua da fonte milagrosa, ou bebem-n'a a soffregos tragos, animados pela esperança de curar suas enfermidades, cheios de fé e convicção devota.

N'essa mesma noite ou na manhã seguinte a debandada geral accorda a solidão dos caminhos ou das aldeias, atravessa as villas e cidades, cantando, bailando sempre, com o registo da Senhora nos chapéos, a cabaça a tiracollo, todos os grupos revoluteando dentro d'uma torva nuvem de pó branco; e aos postigos das choupanas, aos muros dos quintaes, ás janellas dos predios assomam cabeças curiosas, caras sorridentes, clamando n'uma saudação de confraternidade affectuosa:

—São os romeiros da Senhora da Abbadia.

São elles, sim, que depois de cinco dias de romagem voltam frescos e válidos como foram. Nem a voz amolleceu cançada, nem o repertorio das cantigas se exgotou. Veem d'uma romaria e vão... para outra. A cabaça pode ter-se esvaziado agora, mas logo, na primeira venda da estrada, em qualquer taberna das povoações, tornará a encher-se, e uma vez replecta todos os do rancho teem direito a beijar essa linda

menina bojuda, cujo sangue é vinho, e cuja alma é a alegria do povo.

Sobranceiro á Povoa de Lanhoso, projecta-se, junto ao ancestral castello desmantelado, o santuario de Nossa Senhora do Pilar, com a sua pittoresca avenida em zig-zag, orlada de arvores e capellinhas, e o seu bello panorama, que se rasga sobre uma ampla bacia de verdura, esmaltada de povoações, e esbarra ao longe com os cimos penhascosos das serras de S. Miguel e da Cabreira.

Pelas curvas d'essa extensa avenida serpenteia, a 29 de junho, a legião festiva dos romeiros.

Cinco kilometros a suéste da Povoa de Lanhoso, alcandora-se o santuario da Senhora do Porto d'Ave, sobre a margem direita d'este rio, com o templo a meia encosta, brotando do afloramento das rochas, e os seus escadorios, patamares e capellas ladeira arriba, até ao alto da colina, singular predicado que n'este santuario faz excepção a todos os outros.

Havia na egreja parochial de S. Miguel de Thaide uma imagem de Nossa Senhora muito deteriorada pela acção do tempo. Foi preciso substituil-a por outra. Mas um professor de instrucção primaria, Francisco de Magalhães Machado, pediu que lhe dessem a imagem antiga, e levou-a para sua casa, onde começou a veneral-a com grande devoção. Na presença dos alumnos, dirigia-lhe orações fervorosas, e o primeiro milagre attribuido a esta Senhora operou-se na pessoa de um dos rapazinhos da escola.

A fama de tão prodigioso successo logo se espalhou

na parochia, e seus arredores, chamando novos devotos: affluiram donativos, que permittiram edificar uma capellinha de pedra e cal; e a imagem da Senhora apareceu de um dia para outro retocada e perfeita sem que nenhum santeiro ou pintor lhe houvesse posto mão.

Isto acontecia ahi por 1734. Seis annos depois progredia a construcção de um amplo templo, que a piedade dos fieis custeava. Fizeram-se em seguida outras obras d'arte, que a pouco e pouco foram completando o santuario actual.

A romaria começa no dia 6 de setembro, chega ao apogeu do enthusiasmo no dia 7, que é o da procissão, das illuminações e do arraial, e termina no dia 8 com a festa de egreja.

Durante toda a noite de 7 para 8 as tocatas, descantes e danças populares rolam ondas de vida no pendor do santuario, mas especialmente effervescem no terreiro central, chamado do Corpo da Guarda, onde mais se concentram as barracas dos botequineiros, doceiros, ourives, quinquilheiros e capellistas, que dos principaes mercados do Minho concorrem a esta romaria.

O santuario de Nossa Senhora das Necessidades, concelho de Barcellos, proporciona ensejo para uma das mais ruidosas serenatas ao Divino.

A noite de 7 de setembro decorre ali na sadia pujança de rondas e cantares animadissimos.

O bom povo minhôto não a esquece nunca. Por isso diz uma trova:

O' Senhora do Amparo,
Santa de tantas bondades,
Vim fazer-vos romaria
E vou p'r'as Necessidades.

De manhã, depois de ouvida a missa, os romeiros principiam a dispersar-se em numero não inferior a oito ou dez mil.

Entre 6 e 8 de setembro, pela Natividade, nada menos de sete santuarios de Nossa Senhora abrem, na provincia do Minho, as suas portas aos romeiros e devotos.

De passagem, muitos d'elles fazem alto na floresta do Bom Jesus do Monte, em cujos terreiros acampam e accendem fogueiras para cosinhar o seu «caldo verde», como ali acontece, em mais larga escala, na grande romaria do Espirito Santo ou «dos caldinhos».

Tal é o periodo devotamente festivo «das sete Senhoras».

Temos, pois, visto como floresce, em toda esta provincia, o culto de Maria Santissima entre alegrias populares, ritornellos e danças, veladas e folguedos de arraial.

Sem embargo, não faltam romarias notaveis, que teem por mobil devoções diversas.

Citarei, além d'aquella do Espirito Santo no Bom Jesus do Monte, a do Senhor de Mattosinhos, já nas visinhanças da cidade do Porto, e a de S. Torcato nos suburbios de Guimarães.

Esta ultima romaria, que se effectua no primeiro

domingo de julho, e se chama «a grande»,[1] alvoroça todo o alto e baixo Minho, o Douro e até a Galliza: concorre a ella uma espantosa alluvião de gente, que vem dos districtos de Vianna, Braga e Porto, não faltando romeiros de Hespanha.

As esmolas, que por essa occasião entram no cofre da respectiva irmandade, são em numero avultado, attingem uma cifra importantissima: no anno de 1904 subiram a mais de 5:000$000 réis.

Com estes donativos está sendo construida uma grandiosa basilica, em estylo romano-bysantino, que deve ter um amplo zimborio, e duas torres em cujas linhas, rematando no vertice de pyramides, o estylo varia para a Renascença.

O projecto foi desenhado por um architecto allemão.

A fachada do novo templo não passa ainda da galeria que encima a cornija e deve servir de base ao frontão.

No interior falta construir a capella-mór.

Toda a egreja é de pedra, lavrada com notavel pericia por habeis canteiros minhôtos, que não receberam outra educação artistica senão a que provém de uma aptidão intuitiva.

Essa monumental construcção é já per si mesma uma escola de esculptores portuguezes: cada dia nasce ali um artista, espontaneamente.

Chega a ser prodigioso.

---

[1] A romaria que o povo chama «pequena», realiza-se no segundo domingo de maio.

O corpo de S. Torcato esteve primeiro n'uma pequena ermida, edificada sobre o mesmo logar em que elle appareceu.

Depois foi trasladado para o visinho mosteiro dos benedictinos, que tomou o nome do santo, e que Affonso Henriques doou mais tarde aos conegos regrantes de Santo Agostinho.

Ainda hoje o povo de Guimarães diz sempre — o mosteiro — quando quer falar do templo de S. Torcato.

Em março de 1825 começaram as obras da egreja actual, que nunca se completou, e que fica por detraz da que se está construindo agora.

Em julho de 1852 foi o venerando corpo transferido solemne e pomposamente para o altar-mór, e ahi tem permanecido dentro de uma urna envidraçada, sob um baldaquino ricamente trabalhado em castanho.

O cadaver, paramentado de vestes prelaticias, repousa em decubito dorsal com os joelhos erguidos: a cabeça, mitrada, apoia-se sobre um almadraque; nos labios, um *rictus* de serenidade beatifica.

S. Torcato era homem corpulento, de estatura grossa e elevada.

Conserva alguns dentes e todas as unhas.

Mumificado, carbonizado pela acção chimica dos vernizes, parece um «bispo negro» dormindo tranquillamente o eterno somno da morte, depois do martyrio.

Mas a sua corpulencia agigantada mostra bem que elle pertenceu ao numero d'esses prelados guerreiros

que fizeram rosto aos mouros na defesa da Cruz e cuja raça perdurou até ao fim da Idade-Media, assignalando-se ainda nas luctas contra o castelhano.

S. Torcato, com uma pequena hoste de vinte e sete companheiros christãos, saiu ao encontro, junto a Guimarães, do numeroso exercito de Musa, o implacavel emir africano.

A desproporção de forças era enorme e o exito da batalha certamente seria esmagador.

Mas nem S. Torcato nem os seus companheiros vacillaram no sacrificio das proprias vidas.

Queriam morrer heroicamente, offerecendo á religião do Crucificado a derradeira gotta de sangue.

Se era este um dever de todos os christãos, maiormente o devia ser para o bispo de Braga, [1] em cujo territorio os sarracenos haviam entrado semeando a morte e a destruição.

Torcato nascera em Toledo, no seculo VII, e descendia da nobre familia dos Torcatos romanos. Foi arcipreste na sé toledana, e depois bispo de Iria. As suas raras virtudes de prelado recommendavam-n'o para a diocese do Porto, vaga pelo obito do bispo Fruarico. Investido n'esta prelazia, honrou-a sobremodo, a tal ponto que, tendo ido assistir ao 16.º concilio, realizado em Toledo, causou ali o maior assombro pela sua sabedoria e eloquencia.

---

[1] Dos 64 bispos de Braga, S. Torcato foi o quadragesimo quinto. A serie dos arcebispos começou em S. Geraldo, anno 1099.

Faustino, bispo de Braga, voluntariamente resignou a cadeira primaz das Hespanhas, por entender que melhor que elle a occuparia o bispo do Porto. E assim foi resolvido pelo concilio, e confirmado pelo Santo Synodo.

Mas os portuenses não se conformaram com a perda do seu prelado, e para os acalmar decidiu-se que Torcato ficasse regendo simultaneamente a diocese do Porto e a de Braga.

Foi depois d'estes acontecimentos que os arabes mussulmanos invadiram a Hespanha, e que o virtuoso bispo de Braga julgou dever oppôr a fragil barreira do seu baculo á marcha sanguinaria de Musa.

A pequena hoste do bispo facilmente pôde ser trucidada pelo exercito sarraceno. Um golpe de cimitarra apanhou o prelado pelo pescoço, com tal violencia, que as vertebras cervicaes ficaram desarticuladas. Igual sorte teriam os outros defensores da Cruz, seus dedicados companheiros.

Os vencedores, em signal de desprezo, deixaram o cadaver de S. Torcato coberto de pedras, [1] e seguiram ávante.

---

[1] Era costume antigo para assignalar a sepultura dos réos que morriam lapidados. Por este meio se perpetuava a memoria aviltante da sua condemnação. Os lusitanos tiveram este costume, que depois se generalizou aos logares onde alguem apparecia morto, já n'um sentido piedoso e propiciatorio. Áquelles montões de pedras dava-se então o nome de Fieis de Deus ou Montes Gaudios. Em Lisboa, uma travessa do Bairro Alto conserva ainda o nome de — Fieis de Deus.

Mais tarde, certo monge benedictino de Guimarães viu irromper um clarão estranho do sitio onde o cadaver ficára. Guiado por este signal prodigioso, fo desbravar o matto, remover as pedras, com o auxilio do povo, e encontrou o corpo de S. Torcato revestido de uma samarra côr de telha, tendo ao lado um cajado tosco, symbolo da sua jurisdicção espiritual.

Tal é, em rapidos traços, a historia da vida e morte de S. Torcato.

Primeiro n'uma singela ermida, depois no mosteiro, que o imperador Fernando Magno doou em 1049 a Dona Mumadona, foi desde logo guardado com grande veneração o corpo do bispo de Braga e Porto.

El-rei D. Manuel ordenou que o cabido da real collegiada de Nossa Senhora da Oliveira arrecadasse aquelles venerandos restos mortaes na sua respectiva egreja.

Os conegos, com o Dom Prior á frente, sahiram, acompanhados de muitas danças e refestêlos, para ir dar cumprimento á carta regia.

Encontraram, porém, uma invencivel resistencia nos parochianos da freguezia de S. Torcato, que cerraram parede clamando:

—Morreremos todos, mas o Santo não sahirá do nosso poder.

E, firmes na sua fé e vontade, foram elles que venceram.

Em maio de 1637, o arcebispo de Braga D. Sebastião de Mattos de Noronha, imitando o que em 1579 tentou fazer o arcebispo D. Frei Agostinho de Jesus,

quiz, com luzida comitiva, ir examinar o corpo de S. Torcato.

Mal que o viram chegar, os habitantes da freguezia, suppondo que pretendia levar-lhes para Braga tão precioso deposito, começaram a tocar os sinos a rebate, e logo se juntou tanta gente, e tão enfurecida, que nem sequer consentiu que o arcebispo pudesse vêr o corpo do Santo.

Como vaga reminiscencia d'esse acontecimento ficou certamente na tradição dos romeiros a seguinte quadra:

S. Torcato, corpo santo,
Fechae a porta por dentro,
Que o Arcebispo de Braga
Quer o vosso rendimento.

Desejando ter maior confiança no futuro, os visinhos do logar fizeram, em seguida, um tumulo de pedra, com guardas de ferro, para dentro d'elle conservarem bem guardado S. Torcato.

Mas antes de fechado o tumulo, succedeu que o doutor Ruy Gomes Golias, mestre-escola da Real Collegiada, achou occasião de ir vêr o incorrupto cadaver e de lhe arrancar um tornozêlo, que, ainda com laivos de sangue, trouxe para Guimarães.

Esta reliquia, já depois de estar na cidade, foi processionalmente conduzida para a Real Collegiada, em cujo thesouro existe dentro de um relicario de prata dourada, com tampos de vidro.

A tradição diz que o doutor Ruy Gomes nunca mais

teve saude depois que praticou o roubo, e que em breve acabou miseravelmente.

De Guimarães ao templo de S. Torcato medeia a distancia de cinco kilometros.

A estrada colleia por entre duas filas de vastos campos de milho, e altas vinhas de enforcado a cavalleiro de grimpantes olmos.

Raros exemplares de oliveira apparecem de quando em quando, e todos elles rachiticos.

A principal riqueza agricola do Minho patenteia-se exuberantemente n'essa estrada: o vinho e o milho.

Em julho, por occasião da romagem, os milharaes e os pampanos verdejam as suas mais limpidas esmeraldas.

Os romeiros caminham folgazãos, cantando e dançando ao som da viola, por entre essas duas longas alas de verdura.

Algumas cantigas referem-se aos factos extraordinarios que acompanharam a apparição do corpo de S. Torcato, por exemplo á fonte, que, reputada milagroso, brotou n'esse mesmo local:

— S. Torcato, corpo santo,
Que daes a quem vos vem vêr?
— Aguinha da minha fonte
Para quem a quer beber.

Outras cantigas ficaram na memoria do povo desde as festas da trasladação em 1852:

No templo da Virgem
Torcato aprendeu
A lei do Senhor:
Por ella morreu.

Não faltam tambem cantigas de caracter profano, inspiradas pelo amor e pela alegria, apenas.

Chegam os romeiros ao templo, e tratam de ir rezar ao santo, cumprir ou fazer suas promessas, depôr ou prometter suas offerendas.

S. Torcato faz soar ao longe a fama secular dos seus milagres.

Um anno, certo estouvado rapaz de Guimarães, por nome Thomaz Valladares, tentou zombar da piedade dos romeiros, trepando acima do tumulo do santo, e começando d'ahi a fazer tregeitos e momices de escarneo.

Quando quiz descer, não pôde. Pediu soccorro, alarmou se o povo, acudiu toda a gente que estava dentro da egreja, e muita da que folgava fóra no terreiro.

Tocaram os sinos, chamou-se o parocho, entoaram-se preces, e o audacioso mancebo, lastimando-se arrependido, pôde finalmente descer, já crente na efficacia dos milagres de S. Torcato, como todos os outros romeiros.

Thomaz Valladares, depois d'isto, ordenou-se clerigo, e foi, até morrer, um dos mais fervorosos devotos do Santo.

O terreiro é uma vasta alamêda, com cinco coretos

para musica, bancos de pedra, e muitos fornos onde durante a romaria se cosinha de dia e noite.

A' volta ha alguns predios de bom aspecto, que servem de residencia a parochianos abastados, e ainda outros, de menor vulto, entre elles um onde se vendem vinhos e refrescos.

Do terreiro para o templo sóbe um escadorio de trez lanços, desenhado como o do Bom Jesus do Monte, com sua fonte a meio da parede que divide os degraus.

Nos recantos lateraes arredondam-se arvores copadas, cuja sombra appetece nas calmas ardentes de julho.

Um dos trechos mais pittorescos da estrada de Guimarães a S. Torcato é o da «ponte romana», aberta em dois arcos, que as parietarias enverdecem, e que os telhados de algumas casas e as ramas plumosas do arvoredo enscenam graciosamente n'um risonho aspecto de paizagem minhôta.

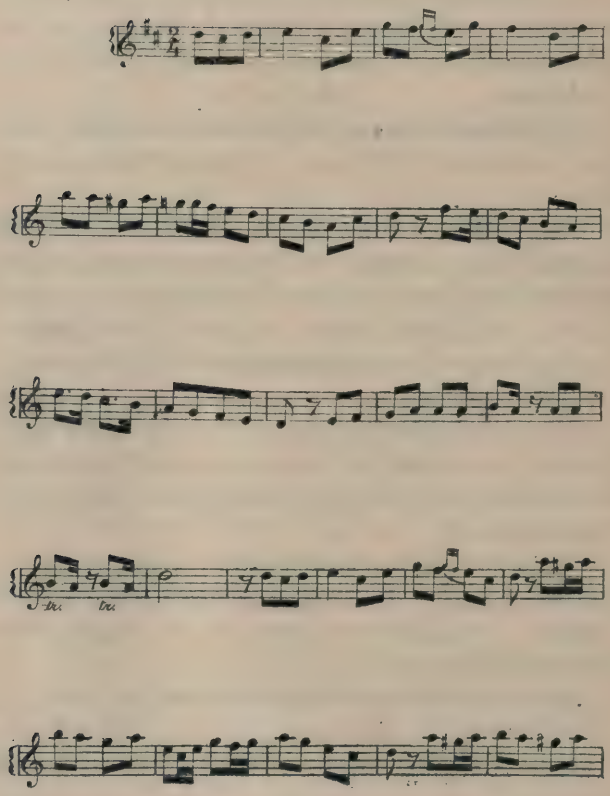
A fachada incompleta do novo santuario alveja n'uma brancura clarificante sobre a encosta de um monte, a cuja raiz se cava um largo valle onduloso de vagalhões de verdura.

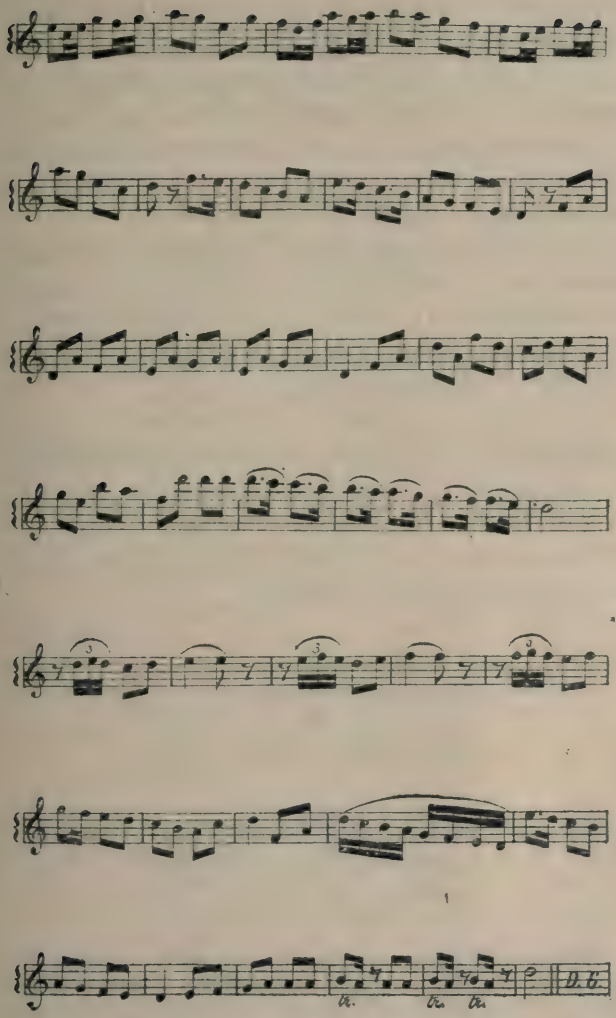
N'uma das alturas adjacentes, desafiando o vôo das aguias, ergue-se a Penha, santificada pelo culto da Virgem, que jámais se perde de vista desde Guimarães até S. Torcato.

N'estas e outras romarias do Minho as philarmonicas arrancam, de abalada, n'uma rópia brilhante, executando a galharda tocata, retininte de pimponice fes-

Chula

-Tocata de esturdia minhôta-




3
3
3
tr.
tr.
tr.
D.C.

tiva, a que dão o nome de *Chula*, e que deixa completamente derrotada a sua homonyma choreographica.

E', como já mais longe prevenimos, um vigoroso «ordinario», rompente e impulsivo, que parece arrastar, entre faiscações de sol e nuvens de poeira, as arvores, as pedras e os corações na cola de um andarilho aligero: o som.

Fóra do limite meridional da provincia do Minho, passado para o sul o rio Douro, mas ainda em territorio aonde chega a irradiação dos costumes minhôtos, as romarias são manifestamente influenciadas por essa irradiação scintillante e animadora.

Exemplifiquemos. Entre a cidade do Porto e a praia de Espinho, faz-se o arraial do Senhor da Pedra junto á sua capellinha, precedida d'um alpendre, que está cravada na areia, a dois passos do mar.

Algumas quadras populares pintam a situação pittoresca d'este pequenino templo:

— Meu rico Senhor da Pedra,
Vós que daes ao vosso povo?
— Areia p'ra passeiar,
Vinho maduro do Corvo. [1]

Quando o mar se alevanta,
As camarinhas [2] têm medo:
O Senhor da Pedra anda
De penedo p'ra penedo.

---

[1] Logar da freguezia de Arcozello, no concelho de Gaia.

[2] Fructos de certas plantas, redondinhos como contas de rezar.

Nos arredores do Porto é a romaria do Senhor da Pedra talvez aquella em que mais se dança e canta.

Tem um cancioneiro abundante, numeroso. Colhemos da tradição oral algumas trovas:

Fostes ao Senhor da Pedra,
Minha rosa Mariquinhas,
Nem por isso me trouxestes
Um ramo de camarinhas.

Hei de ir ao Senhor da Pedra,
Inda que me leve um verão,
Em manguinhas de camisa,
Co'o meu amor pela mão.

Divino Senhor da Pedra,
De lá venho a chorar,
Que me ficaram as contas
Em cima do seu altar.

Divino Senhor da Pedra,
Ajudae-me no cantar.
Minha mãe é pobresinha,
Não tem nada p'ra me dar.

Hei de ir ao Senhor da Pedra
Co'o meu machinho [1] traz traz,
Procurar as raparigas,
Para mim, que sou rapaz.

---

[1] Pequena viola; é o que em Lisboa se chama «cavaquinho».

Todo o concelho de Gaia, na margem esquerda do Douro, offerece romarias muito interessantes de originalidade local: por exempio, a da Senhora de Fontes, na freguezia de Serzedo, a que as mulheres recentemente paridas costumam ir pedir que lhes não falte o leite. E' n'esta romaria que, segundo a tradição, os rapazes e raparigas vão fazer a sua estreia amorosa «namorando» pela primeira vez. Mas tem ainda maior valor ethnologico a festa de S. Gonçalo, em Mafamude, feita pelos barqueiros, que entram na egreja cantando com o demais povo:

O Santo é nosso
E o corno é vosso.

A tradição das fogaças e fogaceiras, tão generalizada na Extremadura, especialmente no districto de Leiria, e cuja origem é já hoje difficil de averiguar, [1] pene-

[1] O artigo *Fogaça*, no *Elucidario* de Viterbo, mais complica do que esclarece esta origem. Eu continuo a crer *(Espelho de portuguezes*, vol. I, pag. 179) que ella se deve procurar no supposto milagre da festa de Pombal, em tempo de D. Maria Fogaça, e que d'esse facto viria o adoptarem os Fogaças, para o seu brazão; uma «fogaça» azul, gretada de prata; por timbre um feixe de lenha ardendo. Antes d'isso, a palavra existiria, mas sem valor lendario, apenas para significar uma especie de pão cozido no rescaldo da lareira; não como synonymo de offerenda devota. Parece-me que por mera casualidade se encontrou onomasticamente aquella especie de pão com o appellido de uma senhora piedosa, e que d'esta coincidencia procede toda a confusão em que se enreda Viterbo. O brazão e a offerenda, a meu vêr, commemoram o acontecimento de Pombal

trou na Beira, como se vê do poema *D. Jayme*, mas não avançou para entre Douro e Minho, porque n'este rumo apenas a encontramos, ao sul do Porto, na Villa da Feira, em dia de S. Sebastião, a 20 de janeiro.

D'ahi para o norte, na região banhada ao occidente pelo Oceano, as fogaças são substituidas pelas canções, que sobem ainda mais alto do que os vistosos cabazes com a sua «garganta de rosas», como disse Thomaz Ribeiro, e que para os alegres romeiros minhôtos são mais proficuo alimento do que os bôlos do sul cosinhados no fôrno de Pombal e de outras povoações da Extremadura.

Nem só de pão vive o homem, e o do Minho vive especialmente de brôa e canções — canções que são a brôa do espirito migada em versos e rimas.

VI

Noite de S. João

Os textos biblicos fornecem-nos apenas um fugaz relance biographico de João Baptista, o Precursor, pela sua intervenção pessoal na vida e doutrina de Jesus, que elle annunciara e reconhecera como o verdadeiro Messias.

Podemos extractar em muito poucas palavras a lição da Escriptura.

Chegou Isabel ao termo da gravidez, e deu á luz um filho varão.

E ouviram os seus visinhos e parentes que o Senhor a havia assignalado com a sua misericordia, o que foi para todos motivo de congratulação.

E aconteceu que ao oitavo dia vieram circumcidar

o menino, e lhe quizeram pôr o nome de seu pai Zacharias.

E respondendo sua mãe, disse: De nenhuma sorte; mas será chamado João.

E replicaram-lhe: Ninguem ha na tua geração que tenha esse nome.

E por acênos perguntaram ao pai do menino como queria que se elle chamasse.

E Zacharias, pedindo uma tabuinha, escreveu: João será o seu nome.

E isto o ouviram com assombro todos os circumstantes.

Mas Zacharias, illuminado pelo Espirito Santo, predissera: que em conformidade com o que os prophetas tinham promettido, o Senhor Deus de Israel ia enviar um Salvador ao seu povo, e que aquelle menino que ali estava recemnascido seria chamado o Propheta do Altissimo, pois fôra predestinado para lhe preparar o caminho.

Ora o menino, quanto foi crescendo, tanto se fortificou no espirito: e habitou no Deserto até ao dia em que se manifestou a Israel.

Nada mais se sabe com respeito ao nascimento e infancia de João.

Sua mãe e seu pai foram dois videntes: ella, Santa Isabel, teve a revelação da origem divina de Jesus quando disse a Maria de Judá: «Benta és tu entre as mulheres, e bento é o fructo do teu ventre»; elle, S. Zacharias, vaticinou o destino do Filho e testemunhava resolutamente por toda a parte o mysterio da

encarnação do Verbo, motivo por que os judeus o perseguiram e mataram.

João, seu filho, para não ter a mesma sorte, viveu retirado no Deserto da Judéa até aos trinta annos de idade, sem jámais se avistar com Jesus durante esse tempo todo.

Qual era a sua vida no Deserto?

Prégava, annunciando a vinda do Messias; cumpria a missão que lhe havia sido incumbida pelo Deus de Israel.

Os judeus, impressionados com a presença de um homem novo, que vivia na aspereza do Deserto, dentro de uma caverna escarpada, cingido nos rins por um cilicio, cobrindo-se apenas com uma pelle de camello e alimentando-se unicamente de mel silvestre e insectos, queriam reconhecer n'elle o Messias.

Mas João esquivava-se dizendo: «Eu na verdade vos baptizo em agua, mas virá outro mais forte do que eu, e a esse não sou digno de desatar a correia dos sapatos; elle vos baptizará em virtude do Espirito Santo, e no fogo».

Apparelhado assim o caminho do Senhor, veiu da Galiléa Jesus ter com João ao Deserto, para ser baptizado por elle.

E João escusava-se, dizendo: «Eu sou o que devo ser baptizado por ti, e és tu que vens a mim!»

E como Jesus insistisse, João obedeceu, baptizando Jesus no Jordão.

Depois d'isto, o Messias começou a desempenhar o seu ministerio. Tinha, approximadamente, a mesma

idade que João: trinta annos. E cada um dos dois ia baptizando os seus ouvintes e proselytos. Mas levantou-se uma questão entre os discipulos de um e outro, sobre qual dos dois devia ser preferido pela virtude de purificação que impunha no baptismo.

E João serenou os seus discipulos, dizendo lhes: «Eu não sou o Christo, mas fui mandado adeante d'elle. E' necessario que elle cresça, e que eu diminua. O que vem lá de cima é sobre todos. O que é da terra, da terra é, e da terra fala. Aquelle que Deus enviou, repete as palavras de Deus».

João estava tão certo de que Jesus era o enviado do Senhor, como sua mãe quando saudou em Maria a mais pura das mulheres, e como Zacharias quando testemunhava a encarnação do Verbo.

Succedeu que o tetracha da Galilea, Herodes Antipas, se apaixonou por sua cunhada Herodias, mulher de Filippe.

E João reprehendeu-o dizendo-lhe: «Não te é licito tomar a mulher de teu irmão.»

E Herodes, indignado de ouvil o, mandou-o metter n'um carcere.

E desejava ordenar que o matassem, mas temia a colera do povo, que o reputava um propheta.

Ora, entre o desejo e o temor, succedeu haver no paço do tetrarcha um banquete sumptuoso, durante o qual soaram musicas, danças e cantos, ao estylo oriental.

Salomé, filha de Herodias, honrou o festim executando maravilhosos volteios, que deslumbraram os

convidados, excitando-lhes um enthusiasmo louco.

O tetrarcha, para recompensar esta homenagem que o lisonjeou, e para corresponder á fascinação dos espectadores, prometteu conceder a Salomé tudo quanto ella lhe pedisse — ainda que fosse metade do seu reino.

Não tardou muito a resposta, porque o laço estava armado pela mão astuciosa de Herodias.

Salomé pediu a cabeça do Baptista. O tetrarcha sentiu-se constrangido; mas a sua palavra estava dada. Um guarda do palacio desceu ao carcere, decapitou o prisioneiro, e veio apresentar a Salomé o preço do seu triumpho.

Era a noite de 29 d'agosto do anno 32.

Depois, quando os ultimos eccos do banquete esmoreceram, começou para Herodes Antipas uma longa tortura de remorsos e pavores. Ouvindo, mais tarde, falar dos prodigios operados por Jesus, o tetrarcha exclamava n'uma perturbação allucinada: «De certo é João Baptista que resuscitou d'entre os mortos.»

Como foi que pôde rodear-se de ruidosos e desenvoltos festejos a memoria d'este austero Precursor, que viveu no Deserto uma vida de isenção e penitencia; que só falava para fazer reconhecer a identidade do Messias ou para moralizar os costumes? Como foi que o asceta, o solitario, o purificador, que sómente deixava a sua caverna para affirmar pelo apostolado a divindade de Jesus, e para conduzir á remissão dos peccados pela instituição do baptismo, como foi que o martyr, o prisioneiro, o decapitado, pôde transfor-

mar-se no santo aventuroso e folião, leviano e galhofeiro, patrono de esturdias e licenciosidades, tal como o kalendario popular o considera na tradição dos seculos?

E' que á volta das ceremonias lithurgicas com que a egreja celebra o anniversario do Precursor, vieram agrupar-se os vestigios de um mytho solar, pela coincidencia chronologica d'esse anniversario com o solsticio do verão.

A celebração d'este facto astronomico generalizou-se, em razão da sua origem árica, a todos os povos indo-europeus, e ainda aos semitas, que pelas emigrações levaram a corrente tradicional á Berberia:

Té os moiros na moirama
Festejam o S. João.

Comprehende-se facilmente o caracter naturalistico das primeiras religiões. O homem primitivo ficou assombrado com o aspecto grandioso da natureza que vivia e laborava em roda d'elle, impondo-lhe admiração e respeito, quasi temor. D'ahi o haver divinizado os grandes elementos da creação, especialmente a luz, representada pelos astros, e entre elles o sol, cujo brilho e calor espalhavam alegria, saude, coragem, e cuja ausencia acabrunhava e entristecia.

D'esse instinctivo processo de deificação nasceram os cultos astrolaticos, sobrepondo-se a todos elles os mythos solares.

Nos *Vedas*, o Deus-Sol, *Sourya*, é «o senhor de todos os thesouros»; a aurora é divinizada em *Ouschas* e os crepulos em *Açuins*, que são os *Dioscuros* da poesia grega.

Tamanha era a tristeza e desolação que o inverno trazia, n'um cyclo em que a vida do homem carecia ainda de commodidades e confortos, quanto o contentamento e jubilo que o regresso do estio diffundia no coração dos habitantes da terra.

Assim, obedecendo á necessidade de exprimir os seus pensamentos e impressões por fórmas concretas, os primeiros homens representaram o inverno em allegorizações zoologicas, uma Velha, um Javali, um Urso, um Porco, etc.

O symbolismo da «velhice» explica-se pela razão de que esta época da vida, com o abatimento e invalidez que lhe são proprios, corresponde ao inverno de cada anno.

Quanto aos animaes procurados, como expressão symbolica, fóra da especie humana, elles traziam comsigo a idéa de montaria, de perseguição venatoria, que correspondia á aversão pelo inverno; e para que esta idéa pudesse subsistir em relação ao Porco, animal domestico, açulavam-n'o primeiro com vozearias e clamores estimulantes.

Era o que acontecia em Braga na corrida ao Porco Preto, cuja significação allegorica fica desde já desvendada.

As épocas do anno propicias á alegria e saude, como tambem á fecundidade da terra, foram celebradas com

demonstrações de prazer por meio de ritos em que a persistencia do caracter naturalistico transparece da symbolica sobrevivente.

Quebrada a unidade dos mythos pela dissolução das religiões polytheistas, passaram para o christianismo manifestos vestigios dos cultos pagãos, que a tradição perpetúa na Serração da Velha, no Maio Menino, nos fogos, cavalgadas, correrias e rondas do S. João.

A tragicomedia de Gil Vicente, *Triumpho do inverno*, commemora litterariamente as origens mythicas do inverno e do verão collocados em antagonismo pelos effeitos diversos que produzem sobre a humanidade e a terra.

S. João, pelo synchronismo do seu nascimento com o solsticio do estio, ficou sempre exprimindo, n'um apparato pagão, esta relação astronomica, e representando mais alguma coisa do que a vida d'um santo conforme á mystica dos agiologios.

Elle é ainda, tanto ou quanto, um deus solar, um mytho syderal; elle é o Verão, que traz a luz, o calor, a alegria; que dá côr e viço á terra; elle é *S. João o Verde*, espelho da esmeralda dos campos; elle é, em pleno christianismo, pela força da tradição, o que quer que seja do Adonis grego, tão lindo que ainda depois de morto foi convertido em flor, ou de Mithra, culto que os piratas da Seleucia levaram para Roma, e que não são, um e outro, mais que representações solares.

Adonis, na mythologia hellenica, foi prostrado moralmente por um javali: o inverno.

S. João, decapitado ainda na mocidade, é, segundo a lenda, um ephebo seductor, que enamora as donzellas, as casadas e as viuvas, o que significa que a vitalidade que o sol espalha é geral e communicativa.

A identificação do anniversario do Baptista com os vestigios mythicos do fogo solar explica a concordancia dos festejos populares celebrados em sua honra: assim, a correria do Porto Preto era entre nós a correspondencia da *Cavalgada Furiosa;* a dança do Rei David faz lembrar a ronda do *Loup-Vert*, na Normandia; a procissão de Braga, com o *carro das hervas*, offerece uma equivalencia á *verte procession* de Châlons; o «feu de la Saint-Jean» em toda a França, incluindo Pariz até á época da Revolução, reproduz-se nas fogueiras e fogos de artificio ainda usados em toda a peninsula hispanica; e o cunho erotico das nossas trovas ao S. João condiz com a mythologia allemã, onde Wodan, o deus do Verão, era simultaneamente o deus do Amor.

A Egreja Catholica repelliu a principio as praticas e tradições gentilicas, conseguindo banir algumas. Mas conformou-se com as da noite de S. João, talvez por se prestarem a uma interpretação orthodoxa: João Baptista foi o Precursor do Messias, e portanto o nuncio do verdadeiro lume da fé e da luz redemptora das almas.

Elle mesmo dissera a respeito de Christo: «alimpará a sua eira, recolherá o trigo no seu celleiro, e *queimará as palhas em um fogo que nunca se acaba.*» Elle mesmo predisse que Jesus baptizaria na virtude

do Espirito Santo, e «em fogo», porque o baptismo christão é purificador como o fogo.

De modo que ou coincidindo com o solsticio do verão ou com a vinda do Messias, a claridade de um grande astro, Sol ou Christo, innunda de esplendores a figura do Precursor na tradição mythica ou no texto da Biblia.

Todo Portugal festeja S. João, desde o norte ao sul, desde o levante ao poente.

Os folgares e crendices da sua magica noite tanto são de entre o Douro e o Minho como de entre o Tejo e o Guadiana; tanto da orla do mar como da raia sècca; tanto das areias do Algarve como das serranias da Beira e Traz-os-Montes.

Mas nas provincias do norte, especialmente na do Minho, o S. João desencadeia um vendaval de alegria, uma doudice contagiosa, auctorizada desde seculos pelo direito consuetudinario, que é a lei mais querida e persistente do povo.

Estrallejam os busca-pés, estoiram as bombas, chiam e espirram as rodinhas e valverdes, falam os oraculos do coração, presagiam os augures do hymeneu, crepitam as fogueiras, zonzonam as violas, arquejam os harmonios, saracoteam-se as danças, e vôam na luz, palpitando, farrapos de canções, rubros e vivos como brazas adejantes.

Ah! as canções, as canções do S. João no norte!

São como um luar azul, muito azul, que se etheriza nas almas e nos labios. Teem uns leves toques de sonho, de vaga phantasia que se baloiça entre a Vida

dos Santos e o cancioneiro do amor; entre os milagres do agiologio e as galanterias da gente moça nas fontes, nas ruas, nas eiras e quintalejos.

Todo esse encantador poema de uma noite d'estio, cuja ultima estrophe é emperlada pelos bentos orvalhos da manhã, principia a desenrolar-se em Coimbra, ao clarão das fogueiras que os estudantes e as tricanas saltam cantando, emquanto as aguas do Mondego se espreguiçam voluptuosamente por entre areiaes dourados e sinceiraes viridentes.

Chega ao seu termo o anno lectivo, cessam os trabalhos escolares, e a approximação das férias grandes duplica a alegria dos rapazes. No peito das tricanas desabrocha talvez uma saudade, a pallida flôr da ausencia; mas a saudade, quando a esperança a illude, facilmente pode afogar uma lagrima n'uma trova.

De mais a mais, o S. João tem caracter local n'um burgo universitario, porque, segundo a lenda, elle proprio foi estudante, dos mais desleixados e foliões.

Perdia a capa no caminho das aulas, não para deixal-a nas mãos das raparigas como o casto José do Egypto, mas para que ellas lhe dessem outra mais nova e guapa:

S. João perdeu a capa
No caminho do estudo;
Ajuntem-se as moças todas,
Comprem-lhe uma de velludo.

Adormecia ás vezes no portico dos atheneus, mas a

ronda da policia não o incommodava, por ser um tunante privilegiado:

S. João adormeceu
Nas escadas do Collegio.
Deu a justiça com elle:
S. João tem privilegio.

Vivia como estudante sem olhar a preconceitos, nem conveniencias: por isso a musa popular não duvída chamar-lhe — garôto:

S. João era garôto,
Quando andava no estudo:
Comeu carne na Quaresma
E bacalhau no Entrudo.

Outra cantiga insiste no mesmo qualificativo, apontando o Baptista como um seductor irresistivel, que fascinava as moças nos chafarizes:

S. João por ser garôto
E' que faltou ao contracto:
Foi á fonte com trez moças,
A' vinda veio com quatro.

Todos estes predicados se coadunam logicamente

com as tradições da bohemia escolastica, e as fogueiras do S. João em Coimbra são como o clarão de uma apotheóse, em que os estudantes celebram, cantando e pulando, a lenda do maior fascinador que traçou capa e envenenou d'amavios a agua das fontes.

A galera empavezada do S. João do norte vae pelo Mondego abaixo receber as ruidosas homenagens da Figueira da Foz, prestadas pelos habitantes da cidade e pela alluvião dos forasteiros; mas como tão ladino Santo pode, na sua noite, ter o dom da ubiquidade, eil-o que, avançando sempre para o septentrião, surge ligeiro no Porto.

Depois, não parando nunca, elle quer desdobrar a alegria da sua noite por todo o Minho fóra, como um livro aberto ao luar, para ser lido pelos corações em flôr.

Eu sou de um tempo — o saudoso tempo da minha mocidade — em que o S. João do Porto se dividia em dois volumes: o do povo, nos campos de Cedofeita; o da burguezia, no arraial da Lapa.

Campos de Cedofeita, *campus ubi Troja fuit!* Todo o arrabalde d'aquelle nome era então um despovoado, hortas e pinheiraes apenas, a partir da quinta do Priorado e da pequenina egreja solitaria. Hoje é um vasto e sumptuoso bairro, o da Boavista, que se ligou a Cadouços, na Foz, pela tracção a vapor. Mas n'outro tempo, o povo do Porto ia ali festejar n'aquelle extenso alfoz a noite de S. João, fazer os seus descantes e bailaricos sobre a relva fresca, no escuro meigo dos pinheiros, que protegia o amor. Uma cantiga dizia:

Na noite de S. João
E' bem tolo quem se deita
Sem tomar as orvalhadas
Nos campos de Cedofeita.

Não havia tolos então... na classe popular, porque toda a miuçalha do Porto ali cahia n'aquella noite bemdita, e toda lá ficava á espreita do repontar da aurora, por amor das santas orvalhadas.

A burguezia, a pesada burguezia das Congostas, da rua de S. João, do Souto e da Banharia, da rua das Flores e da Feira de S. Bento subia pausadamente a rua das Hortas, em grupos de familias, ladeava pela rua oriental o Campo de Santo Ovidio, e ia dar fundo no largo da Lapa, onde sentada em bancos, que vinham da sacristia da egreja, esperava a hora de começar o fogo de artificio, obra prima de algum fogueteiro afamado.

Não havia ainda «pyrotechnicos», isto é, não estava ainda adoptada esta palavra. Tudo eram «fogueteiros», embora trabalhassem tambem em fogo arvorado; e havia tantos, que tomavam uma rua inteira, desde o Passeio das Virtudes até á muralha da rua da Restauração: a rua dos Fogueteiros, que era d'elles e do seu mester.

O frontispicio da egreja da Lapa costumava estar illuminado, tendo ao meio um painel em que S. João parecia viver sobre uma téla diorámica.

Dentro da alameda rechinavam, nas baiucas dos vendeiros, as «espetadas» e as postas de peixe frito

Era ahi propriamente o arraial, abundante da soldadesca do 18 de infantaria e das rameiras adjacentes ao quartel: porto sujo que a burguezia não abordava, porque se immobilizava honestamente no patim e escadorio do templo, para evitar a concomitancia escandalosa.

De vez em quando chegavam ranchadas, cantando, que vinham de fugida ou ainda iam para os campos de Cedofeita, mas queriam dar uma vista d'olhos ao arraial da Lapa.

Tenho as suas canções no ouvido, e não sei se no coração. Que bom prazer, cheio de simplicidade patriarchal, o de ouvil-as, muito repenicadas n'uma agudeza de trillo pela voz das raparigas, essas ladinas raparigas do Porto, operarias do Bomfim, regateiras do Anjo, *grisettes* das modistas da Praça Nova ou da rua de Santo Antonio!

E aquelle estribilho, cortante de vigor, com que ellas alternavam as trovas, não se me vae da memoria:

Orvalheiras, orvalheiras, orvalheiras,
Viva o rancho das mulheres solteiras.

Orvalhadas, orvalhadas, orvalhadas,
Viva o rancho das mulheres casadas.

Orvalhudas, orvalhudas, orvalhudas,
Viva o rancho das mulheres viuvas!

O que quer isto dizer? Nada. E' uma tolice como outra qualquer. Mas as canções populares são algumas vezes como as bolas de sabão: sopram-se, ellas ahi vão como aerostatos, doiram-se no ar e não levam nada dentro.

Uma só coisa em todos estes cantares se entendia muito bem: era que o povo estava alegre, em plena posse de uma das raras noites do anno que lhe pertencem, sem que ninguem lh'as dispute.

Aquella, de S. João, é sua, do povo, toda d'elle, e não sei ha quantos seculos a possue, mas já não são poucos.

E as noites d'alegria popular vão de principio a fim, sem solução de continuidade: o povo bebe o prazer como bebe o vinho: a longos tragos, não ás pinguinhas.

Essas noites não são como as nossas, as dos theatros e dos bailes, que ou acabam cedo ou principiam tarde.

N'aquelle tempo, o S. João do Porto era todo do occidente, para os lados do mar. Ao Passeio das Fontainhas, sobre o Douro, apenas iam os bairristas beber a agua da meia noite ou tomar as orvalhadas.

Hoje, que já não ha campos de Cedofeita, o povo anda em descantes pelas ruas, percorre as lindas «cascatas» engenhosas, e depois vae acampar nas Fontainhas, a comer pão quente, até que de madrugada se lava nos tanques, dispersando-se em seguida com os primeiros alvores da manhã.

Mas canta toda a noite, e o seu cantar é vivo, palpitante d'alacridade e desenfado.[1]

Eu ouvi uma vez o povo de Portalegre, no Alemtejo, durante uma noite de S. João. Ah! quanto me custou ouvil-o! O rythmo era vagaroso, monotono, tinha o que quer que fosse de melopea arabe. Deixei no livro *Viagens á roda do codigo administrativo* as impressões melancolicas d'essa noite, e até a musica das canções. De manhã, quando abri a janella, vi cinzas de fogueiras extinctas, mas dentro do coração não achei mais do que... a saudade rediviva do S. João do norte.

E comtudo tambem o Alemtejo tem o seu S. João,

---

[1] No momento de revêr as provas d'este capitulo, estou de passagem no Porto (junho de 1905). Hontem, noite de S. João, desfilavam, sob as janellas do meu *hotel*, na Batalha, ranchos innumeros de rapazes e raparigas cantando:

Bellas moças, lindas moças, ó mocinhas,
Z'ai vamos todos para as Fontainhas.

E appareceu uma nova glosa do *Vira*, musica e lettra, que se popularizou em poucas horas:

Agora viras tu,
Agora viro eu,
Agora viras tu,
Viras tu, mais eu.

que não é igual ao do Porto, nem ao de Braga, nem ao do Minho todo, mas faz lembrar ainda o do Deserto da Judea, com um surrão de pelle de camêllo, uma cinta de couro sobre os rins, alimentando-se de insectos e mel silvestre, todo occupado em prégar o baptismo da penitencia para remissão dos peccados. É um S. João pouco mais ou menos como os pastores transtaganos, de ceifões nos joelhos, parcimonioso nas falas, e triste nos cantares. O genio d'esta ou d'aquella provincia reflecte-se no culto dos santos: o *Flos Sanctorum* dá a cada um d'elles a sua feição propria, mas nem todas as regiões os vêem do mesmo modo, e d'ahi resulta haver um S. João mais alegre e sanguineo que todos os outros: é o S. João do norte.

Do Porto para cima, na corda do litoral, Foz, Mattosinhos, Leça, Villa do Conde, Povoa de Varzim, a noite de S. João accende rubores de incendio na praia, põe ondas vermelhas na superficie do Atlantico, e tece rêdes aereas de canções, cujas malhas vão passando de garganta em garganta n'uma urdidura de harmonia continua.

E' certo que S. Pedro é o patrono dos pescadores, porque teve uma barca no mar de Tiberiades, e agora a tem em Roma, desde que Jesus Christo lhe incumbiu a missão de ser o pastor das christandades. *Dixit ei: Pasce agnos meos.*

Mas não é menos certo que S. João, conforme a lenda, tambem foi marinheiro, e se liga por esse fio de tradição profana ás crendices piscatorias:

O' meu S. João Baptista,
O' meu lindo marinheiro,
Levae-me na vossa barca
Para o Rio de Janeiro.

O batel d'esse seductor marinheiro era o que as raparigas preferiam para embarcar, e elle não tinha pressa nenhuma de vêr fim ás aventuras da viagem.

S. João desembarcou
Com vinte e cinco donzellas.
Embarca, não desembarca,
S. João no meio d'ellas.

Nos seus templos da beira-mar, ainda hoje o Precursor acode amoravelmente á fadiga das lindas romeiras prestando-lhes o auxilio da sua mão, para que cheguem mais depressa:

S. João da beira-mar,
Dae-me a mão pela janella,
Que eu já venho cançadinha
De subir a vossa serra.

Os pescadores idosos podem gostar mais do seu velho S. Pedro, calvo e enrugado, como elles são. Mas o coração das raparigas foge para o Baptista, que é da idade d'ellas, como sempre novo, e que até no Deserto não se esquecia de alisar as madeixas do cabello:

S. Pedro era careca,
Pediu ao Senhor cabello.
O Senhor lhe perguntou:
— P'ra que quer's cabello, Pedro?

S. João, cabellos louros,
Penteados no Deserto:
Nunca vi rapaz tão novo
Amar com tanto affecto.

Em S. João da Foz do Douro — *noblesse oblige* — as fogueiras e as trovas não morrem senão pela manhã. Ou não se chamassem *samjoaneiras* as raparigas d'aquella praia: mulheres esbeltas, morenas, de olhos e cabellos negros. As loiras constituem uma excepção, porque o mar parece cioso do ouro das suas areias. Segundo o cancioneiro, são as *samjoaneiras* que brindam o Baptista com as pantalonas anchas, que elle veste por tafularia:

— O' meu S. João Baptista,
Quem vos deu as calças largas?
— Foram as samjoaneiras,
Co'o dinheiro das pescadas.

Mas é principalmente em Braga que o S. João do norte concentra a sua mais viva tradição pittoresca, desde uma longa antiguidade, que pelo menos attinge o seculo XVI.

O apparato d'outr'ora foi por certo mais pomposo em danças, pantomimas e figurados; mas ainda al-

guma cousa, picante de originalidade, subsiste como residuo historico.

N'esse tempo, desde a tarde de 23 de junho começavam a exhibir-se processionalmente nas ruas da cidade primaz as collectividades que tinham de intervir nos festejos. Sahiam as confrarias com os seus pendões e candeleiros, as artes e officios com os seus anadeis e estandartes, as invenções fabulosas, as cavalhadas allegoricas, as folias, chacotas e danças mirabolantes, que deviam comparecer na Praça do Pão á hora em que o alcaide mór recebia, como alferes, a bandeira da cidade.

Entre as exhibições choreographicas avultavam a dança da «Pella», em que duas mulheres, uma sobre os hombros da outra, equilibravam seus meneios, ambas ao mesmo tempo; e a «Mourisca», com o seu «rei» carnavalesco, composta de adolescentes que evolucionavam em manobras de guerreiros agarenos.[1]

Nas mais graciosas figurações do cortejo distinguiam-se a serpe, simulacro de uma cobra monstruosa, que um homem, occulto dentro d'ella, fazia mover e silvar; os cavallinhos fuscos, corceis de pasta, curveteando ás upas e galões; e a bandura, certame

---

[1] Estas danças eram um vestigio da occupação arabe, e portanto conhecidas em todo o paiz, mais talvez ao sul do que ao norte, onde apenas se exhibiam como excentricidade funambulesca, que jámais supplantou as choreas minhotas.

Venturino, na descripção da viagem do Cardeal Alexandrino a Lisboa em 1571, tambem fala da dança da Pella.

de cavalleiros que deviam romper obstaculos de madeira.

Tunas de gaiteiros, tamborileiros, atabaqueiros e outros instrumentistas populares, tomavam a seu cargo a execução de uma polyphonia tumultuaria, ensurdecedora.

Mas a todos os numeros do programma sobrelevava a corrida do «Porco Preto», que durou até ao seculo XVII.

O espectaculoso prestito, com o alferes da bandeira, vereadores e procurador do concelho, dirigia-se para o Monte de Santa Margarida, onde emprazava o porco, e, cumprida esta ceremonia, retrocedia até S. Sebastião das Carvalheiras, onde o mordomo da «Mourisca» era obrigado a offerecer um beberête.

No dia de S. João, pela manhã, sahia de novo o cortejo dirigindo-se á Deveza do Arcebispo, alem da ponte de Guimarães, e ahi era solto o porco, para ser monteado pelos cavalleiros.

Pode imaginar-se a quantos episodios hilariantes, trambolhões, cabriolas, assuadas, daria logar este ruidoso *steeple-chase*, tanto mais que os sapateiros tratavam de impedir que o porco fugisse para a cidade, porque, no caso de succeder assim, ficaria pertencendo aos moleiros, segundo a praxe.

Apprehendido e subjugado o porco, passeiavam-n'o em triumpho pelas ruas de Braga, com estroudosas galhofas, antes do holocausto final.

No seculo XVIII os antigos festejos do S. João de Braga, exceptuando a montaria, tiveram uma revives-

cencia brilhante, por estimulo do arcebispo D. José de Bragança, filho natural de el-rei D. Pedro II, e de alguns particulares abastados.

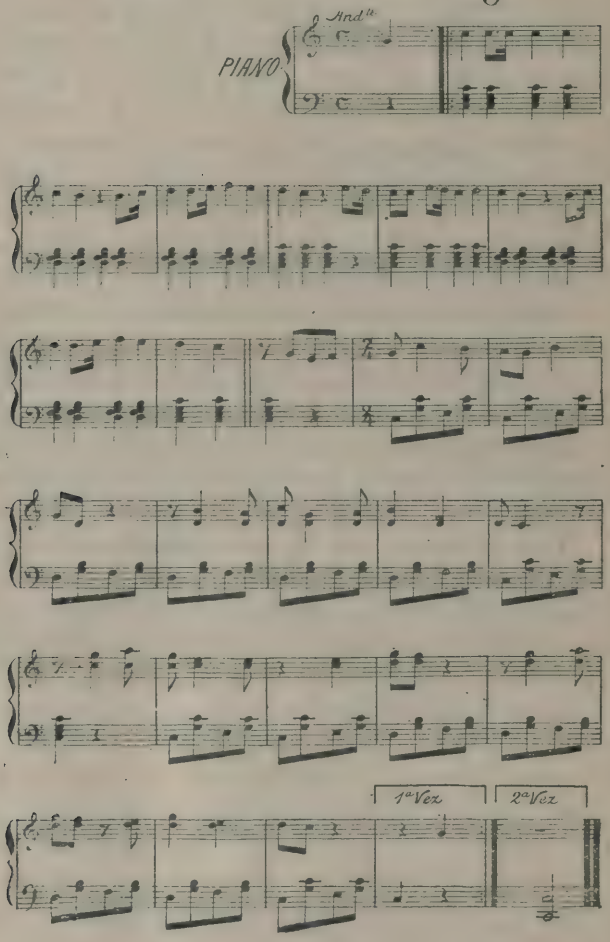
Houve annos em que a procissão ostentou grande luzimento mythologico-sacro, pois era composta de interessantes danças, divindades do Olympo, santos e potestades da Côrte Celeste, personagens biblicas, figuras de extravagante invenção, como por exemplo, as «amazonas», umas avantesmas paracéphalas, que faziam piruetas, davam saltos e moviam a disforme cabeça em difficultosas mesuras.

Quanto a danças, eram muito queridas do povo a das Ciganas bravas, especie de batuque sertanejo, que por vezes amachucava os espectadores; a da Pandalunga, dos Escarramanados, dos Instrumentos e dos Pastores, esta ultima constituida por uma dezena de bailarins com outros tantos macacos, figurados ao natural.

O christianismo e a mythologia baralhavam-se hybridamente na representação humana de S. Zacharias, Venus, Cupido, Santa Isabel, Herodes, córos de Virgens e Anjos, as Trez Graças e as Trez Parcas, Jupiter, Marte, o Menino Jesus, Neptuno, Baccho, S. Pedro, Sant'Iago, que sei eu! e, no couce da procissão, o Baptista, tanto em osso quanto lh'o permittia a leveza da sua pelliça do Deserto.

Toda esta abundante comparsaria desfilava a pé, cadenciadamente, ou enthronizada em carros sumptuosos, que rodavam com lentidão ao longo das ruas cobertas de toldos e alfombradas de rosmaninho.

O S. João de Braga



Hoje, o S. João de Braga conserva ainda, do antigo apparato, o Carro dos Pastores e a Dança do Rei David, que vem do seculo XVIII, e cuja notação mu-

Dança do Rei David

sical parece ter sido escripta por um frade agostinho do convento do Pópulo.

Alem d'estas exhibições ambulatorias, ha festejos

publicos localizados no Passeio do Campo de Sant'-Anna, tal como o certame de bandas regimentaes, e no arraial popular junto á capella de S. João da Ponte.

Aqui, a visinhança do rio Éste permitte representar-se a ceremonia do baptismo de Jesus no Jordão, facto que as trovas populares evocam, dizendo:

O' que lindo baptizado
Se fez no rio Jordão!
S. João baptizou Christo,
Christo baptizou João.

— D'onde vindes, S. João,
Que vindes tão orvalhado?
— Venho de baptizar Christo,
Tambem venho baptizado.

S. João é o Baptista,
Filho de Santa Isabel.
S. João baptizou Christo,
Poz-lhe o nome Manoel.

A corpulenta imagem de S. Christovam, que se venera na capella da Ponte, é collocada ao meio do rio em attitude de o atravessar a vau.

O povo dos arredores de Braga tem grande devoção com este Santo de estatura colossal, que é advogado contra o fastio, e cuja popularidade, sem deixar de se fazer sentir no sul, começa a ser intensa de Aveiro para cima.

S. Christovam occupa um logar assignalado na procissão aveirense de *Corpus Christi.* [1]

Antigamente tambem a sua imagem apparecia na

Capella de S. João da Ponte em Braga

procissão de *Corpus Christi* em Braga, sendo conduzida pelos lavradores da freguezia de Ferreiros, a

---

[1] De uma correspondencia de Aveiro, relativa á procissão do Corpo de Deus em 1904:

«A gigantesca imagem de S. Christovam attrae aqui gente de muitos concelhos, e com especialidade das povoações maritimas.

«A respeito do santo contam-se muitas lendas e, por uma das mais piedosas, os bemqueridos o tomaram por seu patrono.

quem, por este facto, o municipio concedia certos privilegios.

Continuando de Braga para o norte, a devoção por S. Christovam vae augmentando, pois que é rara a povoação importante de entre Cávado e Minho onde se lhe não renda culto fervoroso.

Na interessante matriz manuelina de Caminha, logo ao entrar a porta, depara-se-nos a descommunal imagem d'este Santo, o Atlante do christianismo, vestido com uma tunica vermelha, tendo o Menino Jesus assentado sobre o hombro esquerdo, as duas mãos abordoadas n'um cajado immenso.

Em todo o Alto Minho, como em Aveiro e como em Braga, S. Christovam é sempre o mesmo preconizado

---

«Além d'isso, muitas familias o tomam como advogado contra o fastio. Por isso trazem no dia de *Corpus Christi* alguma chouriça, presunto e toucinho, e principalmente bolos de milho, regueifas e pão de trigo. Estes comestiveis são tocados no rosto e no peito da imagem e, depois de lhes serem tirados alguns nacos, cortados á navalha, são entregues aos seus donos, que os levam para suas casas e tambem d'elles distribuem parte aos pobres, que estão á porta da egreja, onde está a imagem, e da qual é conduzida para a procissão.

«No dia de hoje, depois da missa, rezada pelo parocho, fazem-se trez quinhões d'esses nacos de comestiveis, cortados hontem ao pé da imagem de S. Christovam.

«Um quinhão é dado a quem levou a imagem; outro é para os presos e para os entrévados; e outro é para os pobres que hoje foram assistir á missa.

«E, por esta maneira, uma crença tão innocente e piedosa tambem concorre para a santa virtude da caridade.»

intercessor contra a inappetencia: o povo toca no seu corpo acepipes e guloseimas que depois ingere. [1]

Mas para os espiritos menos credulos ou supersticiosos, o simples nome de S. Christovam evoca a sua lenda, cheia de encanto e originalidade, e tanto basta para repararmos n'esta estranha figura de gigante christão.

Era um pobre rapaz de Canaan, muito atormentado de ambições, e por isso queria servir um grande senhor.

Foi seu primeiro amo um rei, que se temia do diabo.

Christovam reflectiu então que o diabo devia ser mais poderoso do que aquelle rei.

E deu-se logo ao trabalho de procurar o reino de Satanaz, mas, tendo-o encontrado, observou n'elle que o seu novo patrão se temia da cruz de Christo.

Portanto, reflectiu Christovam, Christo é ainda mais poderoso que o diabo.

E poz-se a caminho em procura de Jesus Christo.

Avistou-se com um eremita, que felizmente o aconselhou a fazer uma cousa que decerto o recommendaria á Providencia Divina.

—Tu és muito alto, Christovam, e podias por isso ser util aos que pretendem atravessar aquelle caudaloso rio em que tantas pessoas perecem afogadas.

---

[1] Na Villa da Feira (provincia do Douro) os fastientos comem regueifa (pão de trigo) molhada em vinho, deante da imagem do Santo.

— Ser util, como? perguntou Christovam ao eremita.

— Passando os viajantes sobre os teus hombros.

Carro dos pastores nas festas de S. João em Braga

O gigante não quiz ouvir mais, foi-se direito ao rio, construiu na ribeira uma cabana, e ali ficou esperando que viesse gente.

E toda quanta vinha a passava ás cavalleiras para a outra margem, ganhando pé com o auxilio do seu alto e forte cajado.

Certa occasião ouviu Christovam uma voz a chamal-o. Olhou, e não viu ninguem. Tornou a ouvir, e tornou a olhar, sem enxergar viv'alma. A' terceira vez que o chamaram, pôde descobrir um menino. Perguntou-lhe o que queria. E o menino respondeu: Que me passes para a outra banda.

Metteu-se Christovam á agua, muito folgado com a carga, por ser leve: o que poderia pesar um homemsinho d'aquelle tamanho? Mas nem sempre foi assim. A breve trecho a agua crescia, o menino pesava, Christovam via-se atrapalhado. Firmava o bordão, dava a custo uma passada, a corrente empurrava-o para traz. Elle esforçava-se de novo. Dava outra passada. E com muito trabalho, peor ou melhor, conseguiu pousar o menino são e salvo na outra margem.

— Safa! disse então Christovam. Tão pequenino, pesando tanto!

E o menino respondeu-lhe:

— E' que tu, bom homem, trouxeste sobre os teus hombros todo o mundo que meu Pae creou. Eu sou Jesus, filho de Deus; Jesus que tu querias encontrar. E eis-me aqui, porque te tornaste digno de mim praticando boas acções.

Sim, era um mundo, todo semeado de idéas generosas, de sentimentos humanitarios, mundo de paz, de caridade e misericordia; o mundo novo que Jesus Christo trouxe com a sua palavra e com o seu exem-

plo; era todo esse mundo a pesar sobre os hombros de Christovam, para a humanidade aprender que é facil, com a afouteza da bondade, vencer todas as difficuldades de um transito laborioso.

E, no arraial de S. João da Ponte, lá está Christovam com o menino aos hombros, o cajado nas mãos, a querer cortar a agua, dando uma lição de coragem e paciencia ao povo que o contempla boquiaberto.

E' por este e quejandos attractivos que o S. João de Braga continúa a ser o mais colorido e animado de todo o norte, passando a sua tradição, de paes a filhos, na fama das canções populares:

— O' meu S. João da Ponte,
Onde tendel-a morada?
— Da outra banda do rio,
Entre aquella ramalhada.

O' meu S. João da Ponte,
O' meu santo pequenino:
Quero-vos para padrinho
Do meu primeiro menino.

— O' meu S. João da Ponte,
Que tendes na mão fechada?
— A virtude das donzellas,
Que por Deus foi despachada.

Fui ao S. João a Braga
E vi tudo embandeirado.
Tudo isto são bandeiras
Que S. João tem ganhado.

Fui ao S. João a Braga,
De Braga fui ao Bomfim, [1]
E vi tudo embandeirado
Com bandeiras de setim.

Fui ao S. João a Braga
E toquei na portaria.
— Abre-me a porta, meu santo,
Que venho de romaria.

E como é do sitio de S. João da Ponte que parte a estrada para Guimarães pela serra da Falpêrra, uma cantiga, associando esta correlação topographica, diz nublosamente:

Que quereis ao S. João,
Que por elle perguntaes?
Procurae-o na Falpêrra,
A' vinda de Guimarães.

E talvez como vestigio onomastico do Monte de Santa Margarida, onde outr'ora os bracarenses iam emprazar o porco preto na vespera de S. João, diz outra cantiga do norte:

S. João adormeceu
Dentro da sua ermida.
Ninguem o foi accordar
Senão Santa Margarida.

---

[1] Bairro industrial do Porto, onde se festeja o S. João.

São principalmente as mulheres que se comprazem em cantar o S. João de Portugal, especialmente nas provincias septentrionaes.

Amor com amor se paga, e o Precursor é um santo não só amavel, mas tambem amoroso, ou, como já vimos n'um antigo folheto bracarense, é elle mesmo «um amor».

O S. João de brejeiro
Já passou a tratantinho.
Diz que se pella por moças,
D'aquellas que teem bucinho.

S. João p'ra vêr as moças
Fez uma fonte de prata.
As moças não vão á agua,
S. João todo se mata.

As mulheres, velhas ou moças, freiras ou seculares, pagam a S. João na mesma moeda, galanteria por galanteria, arrufo por arrufo, como no amor e no ciume:

As freiras cantam no côro,
As cachopas no serão,
Cantam as moças e as velhas
Na noite de S. João.

S. João adormeceu
Nas escadinhas do côro.
As freiras deram com elle,
Depenicaram-n'o todo.

São ellas, as mulheres, que por suas proprias mãos tecem a grinalda do Precursor, com as flôres por elle mesmo indicadas n'uma confidencia galante:

— O' meu S. João Baptista,
De que quereis a capella?
— De cravos ou rosas brancas,
E açucenas amarellas.

São ellas que lhe promettem e preparam as louçanias com que festivamente adornam o seu altar:

Prometti ao S. João
Uma delicada prenda:
Uma toalha de linho
Toda guarnecida a renda.

E' bem uma alfaia minhôta este mimo votivo, porque a linha de Guimarães, nas mãos das rendilheiras de Vianna, deve produzir uma linda trama, de um desenho sóbrio mas gracioso.

E' que as mulheres, especialmente as raparigas, sabem que a noite de S. João verte um orvalho de magia, que faz desabrochar as flôres do coração mais frio ou indifferente:

Orvalhos do S. João
São lagrimas das estrellas:
Amor chorado ás gottinhas
No coração das donzellas.

Na tradição popular, nenhum outro Santo sabe comprehender melhor o amor, e protegel-o. O proprio Baptista é, n'essa mesma tradição, uma especie de Cupido canonizado, travêsso e voluvel, como se tambem tivesse azas, e usasse uma venda nos olhos, para desculpar a sua falta de respeito pelas conveniencias da moral:

O' meu S. João Baptista,
Que fazeis ao que ganhaes?
Trazeis a mulher descalça
E nem sapatos lhe daes.

O dinheiro arde rapidamente na mão dos estroinas: por isso o Baptista anda sempre a tinir.

S. João quer fazer casa;
E' pobre, não tem dinheiro.
Fazei casa, S. João,
Que eu serei vosso pedreiro.

Na sua noite, elle proprio dá o exemplo do flaino vagueando ao relento de um lado para outro, apenas guiado pelo clarão das fogueiras:

— D'onde vindes, S. João,
Que vindes tão molhadinho?
— Venho de vér as fogueiras,
De colhêr o rosmaninho.

— D'onde vindes, S. João,
Que vindes tão molhadinho?
— Eu venho d'aquellas hortas,
De regar o cebolinho.

— D'onde vindes, S. João,
Pela calma, sem chapéo?
— Venho de vêr as fogueiras
Que me fizeram no céo.

O corpo do Precursor rescende a doces aromas, com que as arvores floridas, especialmente a laranjeira — a arvore das nupcias — se encarregam de perfumal-o:

S. João adormeceu
Debaixo da laranjeira.
Cahiu-lhe a flôr em cima,
S. João que tão bem cheira!

As outras arvores, que não podem ungil-o aromaticamente, dão-lhe uma prova de carinho, abrindo passagem aos seus romeiros:

Abaixae-vos, carvalheiras,
Com a rama para o chão:
Deixae passar os romeiros
Que vão para o S. João.

E, á volta do arraial, cada romeiro ha de trazer um S. Joãosinho de barro para dar aos seus amigos e parentes que não puderam acompanhal-os:

Se fordes ao S. João,
Trazei-me um S. Joãosinho.
Se não puderdes co'um grande,
Trazei-me um mais pequenino. [1]

Os rapazes pequenos armam em todo o norte do paiz vistosas cascatas, com moinhos de papelão, rios de vidro e pastores de barro, levantados sobre pedrinhas musgosas, as quaes fingem montanhas em cujo topo a imagem de S. João repousa sorrindo, n'um meio somno beatifico, encostado ao Cordeiro symbolico, a que uma cantiga allude:

O S. João chora, chora,
Lagrimas de prata fina,
Pois fugiu-lhe o Cordeirinho
Por aquella serra acima.

As cantilenas infantis cortam agudamente o ar n'uma furia de linguagem agaiatada:

Que é aquillo? que é aquillo? que é aquillo?
S. João a caçar um grillo.

Não é nada, não é nada, não é nada.
S. João a comer pescada.

---

[1] Variante de Traz-os-Montes:

Trazei o mais picochinho.

Rapapoula, rapapoula, rapapoula.
Feijão branco, arroz da caçoula.

Ala, ala, meus senhores, ala, ala.
S. João todo se regala.

Repenica, repenica, repenica.
S. João a suar em bica.

Apesar da provincia do Minho ter uma extensa orla de mar, povoada de pescadores, S. Pedro é menos festejado que S. João, e Santo Antonio ainda menos que S. Pedro.

E' que a S. Pedro falta a lenda de influxos maravilhosos, que populariza S. João; e Santo Antonio é um fidalgo, um Bulhões illustre, que pelo nascimento pertence a Lisboa.

S. João a 24,
S. Pedro a 29.
Santo Antonio é a 13,
Por ser o Santo mais nobre.

Cabe a Santo Antonio, não ha duvida, a primazia chronologica, mas o Baptista supplanta-o na generalização e vivacidade dos festejos.

Um é de Lisboa, e por isso Lisboa toma na sua noite uma feição especial de alegria popular, em grande parte alimentada pelos colonos do norte, os padeiros e as varinas. O outro, S. João, é de todo o reino, sem exclusivismos de provincia ou cidade, mas só de Coim-

bra para cima exerce mais funda e intensa influencia nos costumes do povo.

A imagem de Santo Antonio anicha-se dentro de algumas mercearias do Porto, e ostenta-se no dia da sua festa com cordões de ouro ao pescoço, entre cravos vermelhos e vélas de cêra, em pequeninos thronos improvisados.

S. João tem por dominios as ruas e os campos; a sua imagem não está dentro dos nichos, mas dentro dos corações. Impera ao ar livre, em toda a parte onde possam cahir as suas orvalhadas e accender-se as suas fogueiras. O seu cancioneiro fluctua aos quatro ventos do céo como um pavilhão triumphante, e desdobra-se em centenas de canções, ao passo que as trovas a Santo Antonio e S. Pedro, aliás oragos de numerosas freguezias, são em numero muito limitado.

Comtudo, o mesmo laço de relação syderal concateniza as trez festividades, que representam a mesma época e o mesmo phenomeno astronomico. Por isso tambem se accendem fogueiras em honra de Santo Antonio e S. Pedro, por isso a ambos elles se cantam tambem trovas joviaes, por isso a alegria popular se permitte liberdades a respeito de um e outro: S. Pedro é tratado por «careca» e Santo Antonio, segundo a lenda, doudeja partindo as bilhas ás raparigas, na fonte.

E' o calor do estio a aquecer os corações e a desassombral-os para a folia. E' o céo azul e dourado a reflectir-se nas almas. E' a seiva da terra a turbilhonar nas arvores e nos espiritos.

Mas S. João é de todos os trez Santos o que está mais proximo do solsticio do verão, e portanto o que astrolaticamente o caracteriza melhor.

A lenda do povo é inconsciente, mas tem uma razão de ser, como todas as lendas.

VII

O Natal

Nataes do Minho, eil-os que chegam branquinhos de neve, como se os moleiros do Suajo, do Gerez e da Cabreira, sacudindo o fato, os enfarinhassem de longe.

O frio é aspero, cresta a pelle e a terra, mas arde viva a chamma da lareira, e é um consolo o seu calor, uma alegria a sua luz.

Sobre a mesa refulge a consoada, ovos e mel, bacalhau e legumes, figos seccos e passas, altas canecas de vinho escorrendo rubis pelo vidrado bôjo.

No interior das casas uma doce atmosphera de paz e mansidão, um ar de festa patriarchal, sereno e santo.

Ha filhos prodigos na familia? Que voltem n'esta noite; serão recebidos e perdoados. Espera-os um logar e um talhér. O Natal conta com os ausentes para os absolver dos seus erros. Se fugir esta occasião, não

poderão voltar senão passado outro anno. Elles bem o sabem. Por isso se mettem ao caminho, pela neve, pelo frio, para chegarem na hora do perdão, que é a hora da consoada.

— Meu pai!

— Meu filho!

Entre estas duas phrases de reconciliação está o berço de Jesus, toda a divina misericordia do christianismo: perdoae e amae-vos.

Fóra da porta, sob o polvilho da neve, passam vozes cantando janeiras. E demoram-se saudando os que estão á mesa: cantiga a um, cantiga a outro. São janeireiros? Que entrem, que se sentem, que bebam. Póde vir entre elles um inimigo. E' o mesmo. A noite é de piedade e perdão. Jesus nasceu n'esta hora, e, na vida como na morte, ensinou o amor e a paz.

Nataes do Minho, eil-os que chegam branquinhos de neve, e trazem janeireiros, e trazem alegria, trazem amor e perdão.

Depois do solsticio do inverno, que precede o Natal, os dias começam a augmentar. Janeiro fóra teem os dias mais uma hora, diz o proverbio. O sol, demorando-se sobre o nosso horizonte, e crescendo apparentemente, inspíra maior confiança e gratidão aos camponezes, porque a vida do campo é a lavoura, e o sol é a alma da terra. Outro proverbio diz: «Depois que o Menino nasceu, tudo cresceu.» E' que se vai caminhando para a Primavera, em que a terra se cobre de flores e esperanças. E quando chega a Paschoa, celebrada depois da lua cheia do equinocio ver-

nal, um reanimador turbilhão de seiva principia a vitalizar as searas e as hortas.

O aldeão não deixa jámais de relacionar os factos agricolas com os phenomenos astronomicos.

Os factores solares que o elemento árico associou ao christianismo sentem-se ainda, como irradiação tradicional, na commemoração do Nascimento do Christo — do Christo que, segundo a linguagem dos prophetas, é o Oriente, um novo sol que illumina as consciencias pela moral pura que o seu exemplo e a sua palavra diffundem.

Nas festas do Natal ha, pois, um duplo instincto de poesia, a que veiu remotamente das cosmogonias orientaes pelo elemento ethnico, e a que veiu directamente do presépe de Bethlem pelo elemento canonico; n'outros termos, a poesia do Povo e a Poesia da Egreja.

A primeira trouxe aos descendentes dos árias, como destroços de um culto syderal, as superstições e as folias.

Assim, no Minho e em Traz-os-Montes, é costume queimar-se na vespera de Natal um madeiro, cujos carvões são guardados como preservativo contra as trovoadas. No Minho chama-se-lhe *galheiro;* em Traz-os-Montes *trafogueiro:* ambos correspondem á *bûche de Noël* em França, e ao symbolismo polytheista do fogo que renasce pela maior persistencia do sol no horizonte.

Com o caracter de folia conservamos ainda hoje os cantos e as tocatas; as assuadas com que os janei-

reiros se vingam das pessoas que lhes não dão esportula alguma; as consoadas e libações de «vinho quente»; o costume de andar agitando fachos pelas ruas, como na Ilha da Madeira; e já tivemos a procissão do «Bispo Innocente», que se realizava a 27 de dezembro, na qual um menino de côro, empunhando o báculo prelaticio, sahia apparatosamente da Sé de Lisboa e visitava as egrejas parochiaes da cidade.

Na Italia, especialmente em Palermo, a noite de Natal é consagrada ao prazer, á vagabundagem alegre nas ruas; com propriedade se lhe chama pois: *la nottata di Natale*, uma noitada de esturdia.

Em Hespanha as folias da *noche buena* permittem uma certa liberdade de trovas, que não só contendem ironicamente com os individuos, mas até com a propria solemnidade religiosa.

Podemos exemplificar com uma cantiga de Sevilha:

Esta noche nace el Niño,
És mentira que no nace,
Que esta es una ceremonia
Que todos los años se hace.

As commemorações da Egreja, se exceptuarmos talvez a «Missa do Gallo», que dá logar a abusos, revestem um caracter grave e, sem duvida, poetico, proprio a celebrar o nascimento do Redemptor da humanidade.

A influencia christã d'este grande anniversario es-

tendeu-se até á vida domestica, chegou ao interior de cada domicilio. Para commemorar o jubilo da Familia Sagrada reunem-se todas as familias que commungam na religião do Christo, e procuram estreitar os laços de parentesco pela effusão dos affectos mais ternos e carinhosos.

Este facto observa-se não só entre os povos catholicos, mas ainda entre os que são apenas christãos. Na Russia a noite de Natal generaliza uma congratulação amistosa, cheia de piedade e indulgencia, que Tolstoï poz bem em relevo na *Resurreição*.

Entre nós, uma das mais duradouras folias do Natal tem sido a dos janeireiros, que andam cantando por portas. A ella se referem os autos de Gil Vicente, Antonio Prestes e Chiado. Este uso nunca pôde ser reprimido completamente. Soropita informa que «na noite da véspera de janeiro e dos Reis, andarão cantando e tangendo pelas ruas, sem se temerem da justiça, por serem noites privilegiadas em que não correm o sino».

As janeiras foram banidas da capital, mas refugiaram-se na provincia, especialmente no Minho, onde encontraram apoio secular na disposição natural do povo para o canto.

O verso, essa floração espontanea de toda a alma minhôta, celébra o Natal do Christo nas «janeiras» e nas «reisadas».

Fóra d'isto, conserva-se ainda nas regiões septentrionaes do paiz o costume popular da consoada, que corresponde ao *rèveillon* dos francezes.

O bacalhau constitue a base succulenta da consoada: este uso do Minho é commum á Galliza.

Diz uma janeira gallega:

Déanol-o aguinaldo,
Anque sea pouco,
Un bon bacalao
E mais meta d'outro.

O mel faz as honras á doçaria: gasta-se nos *mexidos*, nas *rabanadas*, nos *sonhos*, no *vinho quente*, etc.

Lisboa consome no dia de Natal milhares de perús, por copia d'uma tradição ingleza, e saboreia na Epiphania o *Bolo-Rei*, que se liga ethnologicamente á *Galette des Rois* e ao *Roi de la fève*, costumes francezes.

Nas aldeias do norte o triumpho puritano do bacalhau, dos legumes, do mel, dos ovos e do assucar é ainda completo.

Mas nas cidades, Coimbra, Porto, Braga, o *Bolo-Rei* começa a penetrar por subserviencia á capital.

O periodo lithurgico do Natal alonga-se desde a novena do menino Jesus até á festa dos Reis Magos.

A novena faz-se nos templos e nos domicilios, já com uma cèrta feição de fraternal domesticidade, porque ou a celebram visinhos na sua parochia commum ou parentes e adherentes no mesmo lar de familia.

São cantadas lôas galantes ao Menino, convidando-o ternamente a vir salvar a humanidade:

O' infante suavissimo,
Vinde, vinde já ao mundo,
Tirar-nos do captiveiro,
D'aquelle abysmo profundo.

Entre duas velas de cêra, e duas jarras de flores artificiaes, o Menino, com um vestidinho de seda ou brocado, um resplandor de prata na cabeça, sorri na sua divina candura e bondade, accedendo ao convite que ha de importar o sacrificio da sua propria vida no madeiro do Calvario.

Este é o Menino Jesus das familias, nos altares lareiros.

O das egrejas está deitado sobre uma almofada branca, franjada de espiguilha de ouro, n'uma casta nudez virginal, com a madeixasinha revolta a aureolar-lhe a fronte, e a rosa de cada face a brilhar n'uma carnação luminosa.

Chegada a véspera de Natal, descerra-se nas casas abastadas o Presépe, com as suas figurinhas de barro, pastores que vão descendo a montanha para ir levar offerendas á lapinha de Bethlem, com os trez Reis Magos a cavallo, guiados pela estrella do Oriente, feita de papel dourado, e com a Virgem Maria e S. José ajoelhados deante do Menino recemnascido, dentro do pequenino estábulo onde jámais faltam o boi e o burro que a tradição rememora.

Por dezembro as noites são bravias e geladas em todo o norte do paiz. O vento ululante que vem das serras corta, retalha a pelle. A neve cae em flocos alastrando

nas cumiadas, nos telhados e nas ruas. Appetece o conchego do lar, o brazido da lareira. Mas na véspera de Natal, quando o sino repica annunciando a «Missa do Gallo», não se teme o vento, a chuva ou o nevão. O templo enche-se de fieis, e um frémito de alegria, aquecendo o sangue, rejuvenesce os corações, amacia a temperatura, aviventa a solidão tenebrosa enchendo a de vozes e claridades.

A deserta e caliginosa rua da provincia vive n'essa noite tanto para os que a transitam como para aquelles que a espreitam da janella através da vidraça.

Depois da missa sabe bem a consoada, que se estende a deshoras, porque em seguida ao banquete joga-se o *Rapa* a pinhões com as creanças n'uma infantilidade reciproca.

A paz das familias, tendo por base a harmonia affectiva das almas, ainda que para o conseguir seja preciso perdoar e esquecer, completa o encanto do festim domestico, envolvendo-se n'uma atmosphera de consolações dulcificantes, que faz lembrar o céo constellado de estrellas fixas, n'uma longa noite immensamente suave, sobre um grande mar suspenso em calmaria.

Ha impressões dos primeiros annos da vida que nunca mais se desluzem, antes parece terem ficado gravadas na memoria em lettras de fogo. Ainda hoje, depois de uma demorada aclimação em Lisboa, recordo saudosamente o Natal do norte com a mesma nitidez com que o descrevia em 1871 n'um poemasinho embebido em côr regional:

Na «noite de festa» [1]
Quem é que não gosta
De ter o Presépe melhor que um palmito,
E a mesa bem posta,
E a casa com luzes, e tudo bonito?

As noites do anno são todas as mesmas,
Mas esta! mas esta!
A noite de festa!
No grande palacio, no pobre casebre,
Em vindo este dia,
Transforma-se em febre
Tamanha alegria!

Deitou-se na mesa toalha lavada,
Bonita, nevada...
Que bem que ella fica!
A peça mais rica
De todo o bragal!
Toalha d'estôpa
Não é do Natal.

Tirou-se da cópa
A loiça mais fina.
Que não nos esqueça
Nenhuma travessa,
Nenhuma terrina!
E a prata! Esquecia...

---

[1] Os portuguezes do norte chamam á noite de Natal «noite de festa», como os hespanhoes lhe chamam «noche buena».

Se a prata esquecia, tolhia-se a obra
Faltar n'este dia!
Ha prata de sobra,
Tirae-a da arca,
Vereis como brilha!

Que mesa pomposa!
Que mesa casquilha!
Receio, se a veja,
Que morra d'inveja
Qualquer patriarcha!

E agora os pequenos armando o Presépe
Com fitas e flores!
Ha noite mais doce? que passe mais lesta?
Não ha, meus leitores.
A «noite de festa»!

Festa por excellencia, festa do amor de Deus e do amor de familia, festa da amizade reciproca e do respeito mutuo, festa do templo e do lar, festa do céo e da terra, tu alegras tanto os velhos como as creanças, tu és um poema sagrado que se purifica em todos os corações e canta em todas as vozes; que se identifica com todas as consciencias e sorri em todas as idades.

Na tua galeria de figuras humanas ha sempre um grupo de cabeças brancas, que foram destroncadas pelo tempo, e que jámais se esquecem: um avô, um pai, um professor, um amigo da casa, talvez mesmo um criado antigo. Queridos protectores da nossa inancia, vimol-os ainda acariciar-nos n'uma noite de Na-

tal, que foi a ultima; beijaram-nos, e esse beijo era o da despedida; cantaram comnosco uma trova deante do Presépe e ao passo que a nossa voz vibrava, a sua voz tremia. Pois bem! amigos qne não tornaes: as cabecitas loiras que então vos rodeavam, e se mexiam nervosamente como as dos passaros, começam já a escorrer neve, zimbros gelados do inverno da vida, que vem descendo, descendo, até se afundar na terra...

Subitamente, uma estrídula revoada de sons alegres parece tingir de clarões vermelhos o interior da nossa casa, e incendial-a em labaredas d'alegria.

Suspende-se, n'uma risonha surpresa, o banquete de familia. Os ouvidos escutam attentos, os olhos encontram-se n'uma tacita congratulação. E' que muitas vozes começaram a cantar ao fundo da escada as tonadilhas do Natal; mandam-nos em redondilhas populares a feliz noticia de que o Messias nasceu.

E' muito vulgar um villancico bem caracterisado tradicionalmente pela espontaneidade e singeleza dos cantares gallegos:

Lá na noite de Natal,
Noite de grande alegria,
Caminhava S. José
E mail-a Virgem Maria;
Caminhavam p'ra Belem,
Para lá chegar de dia.
Mas quando elles chegaram
Já meia noite seria.
Etc.

No cancioneiro da Galliza :

Esta noite de Nadal
Per ser noite d'alegria,
Camiñando vay Xosé
A mais a Virxen Maria.
Camiñan para Belen
Para xegaren de dia.
Quando a Belen xegáron
Toda a xente dormia.
Etc.

N'outras pastorelas do Natal sente-se já o artificio de uma glosa com pretensão litteraria, composta expressamente como pretexto ao peditorio; deve ter tido origem na Maia, esse alfôbre de bardos aldeões, d'onde provavelmente irradiaria para o Minho.

Por exemplo :

Vimos dar as boas festas
Com prazer e alegria :
Que nasceu o Deus menino
Da sempre Virgem Maria.

Vimos, ha poucos instantes,
Nascer da Virgem Maria
Um fructo puro e sem mancha,
Que nos causou alegria.

Só no seu ventre encarnou
O Messias humanado,
Que nos vem livrar a todos
Da origem do peccado.

Recebei esta noticia
Com amor e gratidão :
Que é nascido o Deus menino
Para nossa redempção.

Nós vamos tão boa nova
A todos dar em geral,
Pois veio emfim quem nos livra
Do peccado original.

E então, inflammado por estes rastilhos cantantes, o jubilo dos convivas explue em ingenuos rimances ao Menino, junto do Presépe, porque o Menino está nú e frio, precisa um enxovalinho que o agasalhe, que o vista de versos meigos, como se fossem roupinhas delicadas, faixas de linho macio, coeirinhos de cambraia branca :

Menino Jesus,
Tenho que vos dar.
Pelos vossos pés
Hei de começar.

O primeiro dado
Hão de ser sapatos.
Hemos de ir á feira
Compral-os baratos.

Já tendes sapatos,
Precisaes meiinhas :
Eu vol-as darei
De linhas bem finas.

Já tendes meiinhas,
Precisaes liguinhas.
Eu vol-as darei
De Salve Rainhas.

Já tendes liguinhas,
Precisaes camisa:
Eu vol-a darei
De cambraia fina.

Já tendes camisa,
Precisaes jaleque:
Eu vol-a darei
De panno de crépe.

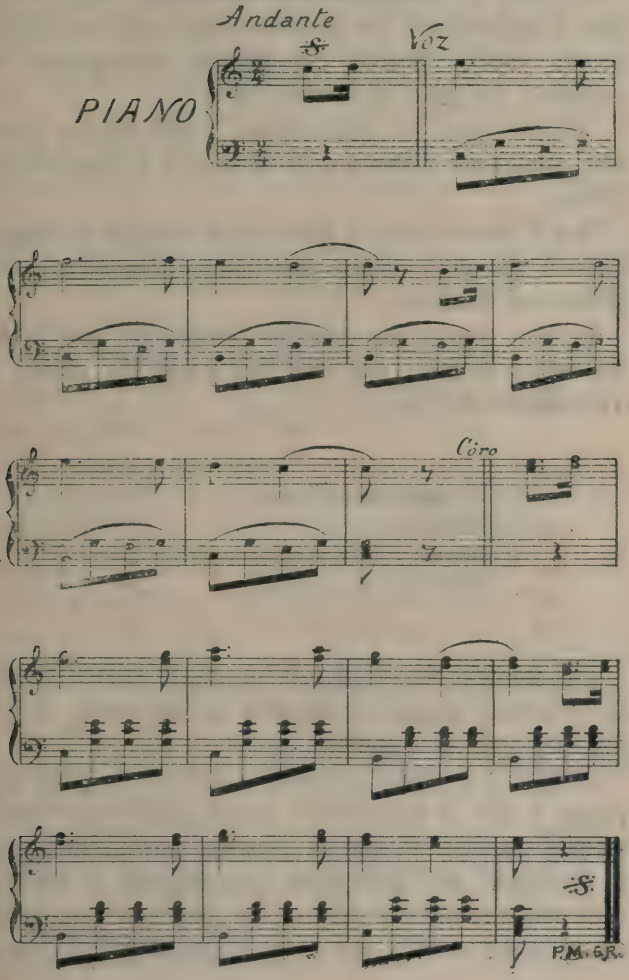
Já tendes jaleque,
Precisaes casaca:
Eu vol-a darei
De botões de prata.

Já tendes casaca,
Precisaes gravata:
Eu vol-a darei
De ouro e de prata.

Já tendes gravata,
Precisaes chapéo:
Menino Jesus,
Levae-me p'r'ó céo.

Menino Jesus,
Que mais te hei de dar?
Uma rica cama
Para te deitar.

As Janeiras



Deitado nas suas palhinhas miserrimas, o Menino Jesus parece ir acceitando, com um sorriso complacente, todo o enxovalinho que lhe offerecem, como um grande senhor muito humilde que poderia enroupar-se, se quizesse, nas mais opulentas alfaias.

Até os anjos da côrte celeste, a um simples aceno seu, acudiríam a toucal-o de auroras e a calçal-o d'estrellas.

Mas o Menino nasceu pobre para exemplo de humildade e abnegação, para ensinamento aos soberbos e poderosos da terra.

E' elle, com a sua doutrina igualitaria, que ha de vir vestir os nús; por isso uma copla lhe chama o «alfaiatinho do céo».

O' meu menino Jesus,
Alfaiatinho do céo,
Dae-me um dos vossos retalhos
Para fazer um mantéo.

Em algumas localidades do norte os cantos do Natal começam apenas na véspera de Anno Bom, e são propriamente as «janeiras».

Grupos populares percorrem as ruas, de porta em porta, a dar as boas-festas. Quasi sempre os instrumentos musicos de que se servem, para acompanhar a cantilena, não lisonjeiam grandemente o ouvido, nem pela sua mesma sonoridade, nem pela competencia de quem os toca. Nos grupos de garotio predomi-

nam os ferrinhos (ás vezes molhos de chaves; em gallego *ferreños*), os pandeiros e tambores. Tambem apparece a gaita-de-folles callaica, muito caracteristica do Natal: no figurado dos Presépes ha sempre um boneco representando esta especie de gaiteiro.

Mas entre familias burguezas conserva-se ainda o costume de se obsequiarem mutuamente, por ligações de amizade, com serenatas de boas-festas. N'este caso, a musica é préviamente ensaiada com cuidado e esmero, a harmonia bem concertada, e os instrumentos são os que costumam usar-se nas serenatas de qualquer outra época do anno.

Muito tempo antes começam os ensaios do acompanhamento e do canto, com o possivel segredo, para não prejudicar a «surpresa».

Na véspera de Anno Bom, pouco depois de anoitecer, o rancho sae para a rua, em silencio, e só á porta d'alguma familia, conhecida ou amiga, é que faz ouvir as suas trovas. Os donos das casas quasi sempre conhecem as vozes dos «janeireiros» que vem obsequial-os; mas ainda que não as conheçam, já sabem que são pessoas da sua igualha, quando não sejam da sua intimidade. Mandam-n'os entrar, subir, offerecem-lhes vinho fino e doces, o que tiverem de melhor n'essa occasião. E não raro succede improvisar-se um animado serão de dança, depois das «janeiras».

A cantilena dos «janeireiros» obedece a normas tradicionaes, que não se recommendam pelo merito litterario, nem até ás vezes pela correcção grammatical.

Primeiro exemplo:

As janeiras não se cantam
Nem aos reis, nem aos coroados ;
Mas nós vimol-as cantar
Por ser annos melhorados.

Gosae sim, senhores, sempre
Mil prazeres venturosos,
Que os bons annos principiem
A fazer-vos mais ditosos.

Os bons annos só se cantam
A quem contra o tempo rude,
Como vós, numéra os passos
Pelos passos da virtude.

Bons annos, felizes annos
Aqui vos vimos cantar :
Se o céo cumprir nossos votos,
Muitos haveis de contar.

Outro exemplo :

Felizes festas, alegres,
Filhos de Eva e Adão :
Que ao Menino Deus nascido
Se fez a circumcisão.

De oito dias recebeu
A sua circumcisão,
E depois entregue foi
Aos braços de Simeão.

A sua circumcisão
Para todos foi victoria:
Que por Elle são abertas
As portas da eterna gloria.

Cantemos hymnos de graças
Com prazer em seu louvor;
Que já no mundo é nado
O nosso mediador.

Por isso felizes festas
Cantemos com alegria
Ao Menino Deus nascido
Da sempre Virgem Maria.

Ainda ha outros typos tradicionaes, segundo as localidades.

Depois de cantadas estas lôas, n'um tom grave e serio, costumam os «janeireiros» dirigir, com liberdade, cantigas especiaes ás pessoas da casa, uma por uma.

E' o que elles chamam «as despedidas».

Vou deitar as despedidas,
A todos peço perdão,
Para ir a outra parte
Decantar a oração.

Vou deitar as despedidas,
Quero deitar e não posso:
Tenho o meu coração preso
Com fios de ouro ao vosso.

Vou deitar as despedidas
Por cima d'uma cebôla :
Viva o patrão d'esta casa
E mais a sua senhora.

Viva o senhor F...
Quando véste o seu collete
Põe-se no meio da sala
E parece um ramalhete.

Viva a senhora F...
Que é perfeitinha em tudo.
Tem a bocca pequenina,
Os beicinhos de velludo.

Viva a senhora F...
Raminho de perfeição :
Se ha de pôr os pés na rua,
Ponha-os no meu coração.

Viva a senhora F...
Noventa annos e um dia,
Que é a mais linda flor
Que appar'ceu na freguezia.

Viva o senhor F...
Raminho de bem querer :
Quando se chega á janella
Até as pedras faz tremer.

Viva o senhor F...
Quando põe o seu chapéo,
No meio da sua sala,
Parece um anjo do céo.

Viva a senhora F...
Raminho de salsa crua:
Quande se põe á janella
Allumia toda a rua.

Viva o senhor F...
Os annos que elle quizer.
Viva tambem uma rosa
Que Deus lhe deu por mulher.

Tambem viva p'ra que viva,
Viva a folha do codêço;
Vivam os outros senhores
Que por nome não conheço.

Os «janeireiros» populares cantam por especulação, para receber uma gorgêta, como o antigo jogral.

Algumas vezes, ou porque os donos da casa sejam somiticos ou porque os ranchos de cantores já sejam muitos, é o silencio, e não a gorgêta, que responde á cantoria.

N'este caso os «janeireiros» principiam a impacientar-se, e fazem-se lembrados:

Ora venha se ha de vir,
Não nos 'steja a dilatar,
Que somos de muito longe,
Temos muito para andar.

Ora venha se ha de vir,
Venha com desembaraço:
Aqui está á sua porta
O nosso moço do sacco.

Mas a gorgêta não vem, e então os «janeireiros» rompem n'uma assuada, clamando estridorosamente:

Esta casa cheira a unto.
Aqui mora algum defunto

Esta casa cheira a breu.
Aqui mora algum judeu.

Esta casa é tão alta,
Forrada de papelão.
O senhor que n'ella mora
É um grande velhacão.

Esta casa é tão alta,
Forrada de panno crú.
O senhor que n'ella móra
Tem um buraco no ...

Os «janeireiros» gosam de completa impunidade no exercicio d'esta vingança clamorosa. Ninguem se julga offendido pelos seus chascos e motejos, que tambem são tradicionaes, decalcados sobre um *cliché* de velhos tempos, fazendo lembrar as «sirventes». Pelo contrario, é motivo para risota o ouvil-os; pode dizer-se que se alguem fica maguado, não são os que recusaram a esmola, mas os que deixaram de recebel-a. Quasi sempre, em todos os casos da vida, a maledicencia não significa outra cousa mais que despeito invejoso.

No dia de Anno Bom costuma haver jantar solemne em cada familia.

O perú do sul é substituido pela gallinha, sempre a melhor gallinha da capoeira, e pelo «arroz do forno», esse saboroso arroz que parece laminado de ouro.

Fazem-se alguns presentes, especialmente de pratos de doce, e, entre o povo, de rosarios de pinhões. Mas esta tradição, que já os romanos cultivaram com o nome de «estreas», a que correspondem as *étrennes* dos francezes e as «brôas» da capital, é mais seguida no sul que no norte do paiz.

Fomos nós, os portuguezes, que, com outros costumes do Natal, as cantilenas e os autos, a levamos ao Brazil.

Um negociante, de nome Elias Antonio Lopes, deu a D. João VI o palacio de S. Christovam como presente de Anno Bom.

Nas egrejas, o Menino Jesus já está a pé, sobre o altar, com um vestidinho curto, de cambraia ou seda, e ao som do orgão ou da gaita-de-folles, quando não é ao som de ambos, dá-o o parocho a beijar aos fieis, em rodadas successivas.

Os ultimos cantos do Natal são os dos Reis, em que se observam as mesmas praxes das «janeiras», com a differença de que a lettra das cantilenas é differente.

. . .

O' da casa, ó nobre gente;
Escutae e ouvireis
Esta tão nobre cantiga,
Que se canta pelos Reis.

São chegados os trez Reis
Da parte do Oriente,
P'ra adorar o Deus Menino,
Alto Deus Omnipotente. [1]

Os trez Reis, como eram santos,
Uma estrella os foi guiar;
Em cima de uma cabana
A estrella se foi pousar.

A cabana era pequena,
Não cabiam todos trez;
P'ra adorar, pois, o Menino
Foram um por cada vez.

E cada um lhe offereceu
Ouro fino, mirra e incenso;
Mas Elle nada precisa
Porque é um Deus immenso.

Gloria aqui seja a Deus Padre
E a Deus Filho tambem.
Gloria seja ao Espirito Santo,
Para todo sempre, amen.

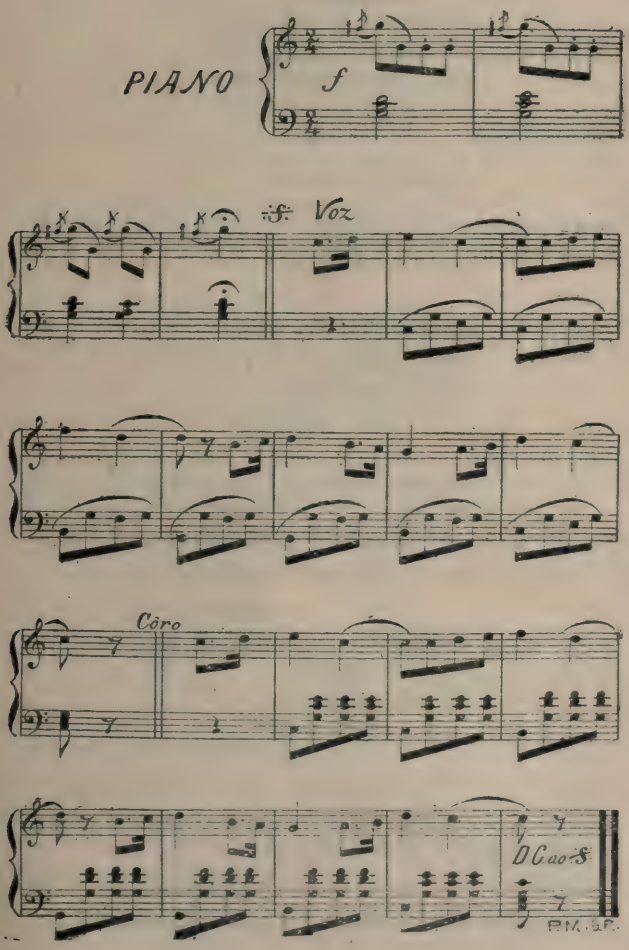
---

[1] No cancioneiro francez:

Trois rois de leurs domiciles
Viennent adorer l'Enfant,
Et de leurs mains libérales
Lui donnent or, myrrhe, encens.
Etc.

Santos Reis

Andante



Outro exemplo :

Alegres festas vos damos,
O' da casa, nobre gente ;
Pois acabam de chegar
Os trez Reis do Oriente.

Sahiram do Oriente,
A correr apressurados,
P'ra adorar o Deus Menino,
Rei de todos os coroados.

Caminhando p'ra Belem
Uma estrella os tem guiado
Até junto da lapinha
Onde está o Humanado.

Querem entrar na lapinha
A adorar o Deus Menino,
E depois offerecerem-lhe
Mirra, incenso e ouro fino.

Como Filho do Eterno
O vieram adorar ;
E depois p'ra suas côrtes
Todos tornam a voltar.

Ha ainda outras variantes, que mais ou menos se approximam do typo commum.

Lembram-nos estas duas quadras que, além de outras, muitas vezes ouvimos cantar na infancia:

Santos Reis, santos coroados,
Vinde ver quem vos coroou.
Foi o Menino Jesus
Para a nossa salvação.

Os Santos Reis adoraram
A Jesus recemnascido.
Em memoria d'este dia
Todo o festejo é devido.

Nas «despedidas», o processo é o mesmo, *mutatis mutandis.*

Vou deitar as despedidas
Por cima d'um limoeiro.
Se nos quizer dar os Reis,
Dê volta ao seu migalheiro. [1]

E as cantigas de «escarneo», quando a gorgêta é negada, são tambem as mesmas das «janeiras».

Mas o formulario poetico do Natal ainda não está exgotado, porque falta falar dos autos pastoris, que se denominam *reisadas.*

É o verso declamado em vez de ser cantado.

Em todo o caso, é sempre o verso acompanhando, a par e passo, a vida das aldeias, e traduzindo, principalmente, as suas alegrias.

Entre as povoações ruraes do norte de Portugal, o theatro crystallizou no periodo hieratico.

---

[1] Mealheiro.

Está atrasado quatro seculos.

Não passou da idade-media quanto ao assumpto, que continúa a ser religioso, mas peorou no merito litterario, porque nos autos biblicos, que se representam no Minho, falta a urdidura engenhosa e a linguagem quanto possivel policiada das composições de Juan del Encina em Castella e de Gil Vicente em Portugal.

A metrica, ainda hesitante nos fundadores do theatro hispano-luso, é postergada nas representações das nossas aldeias pela ignorancia dos camponezes; e a falta de concordancia grammatical complica a cada passo o sentido das locuções.

Acresce que as frequentes viciações de pronuncia concorrem ainda mais para accentuar o caracter infantil e primevo do theatro das aldeias septentrionaes do paiz, não obstante algumas d'ellas serem visinhas de populações importantes e progressivas.

Tomo para typo do theatro rustico de Portugal o concelho de Santo Thyrso, cuja séde apenas dista 24 kilometros da cidade do Porto, e que é limitrophe com o concelho da Maia, proximo visinho d'aquella mesma cidade.

A pequena distancia da villa de Santo Thyrso, cabeça do concelho d'este nome, nas aldeias de Burgães e Frães, ha *troupes* de amadores dramaticos, que representam composições biblicas, de preferencia os autos do Natal, geralmente chamados *Reisadas*.

O original ou *libretto* d'essas composições é denominado *casco*.

Tive presente, e detidamente examinei, o das *Reisadas* de Friães, cuja *troupe* tem vindo representar á villa de Santo Thyrso, na época propria, armando um theatro em plena rua, apenas limitado por um madeiramento, e sem cobertura.

Diz, textualmente copiado, o frontispicio do volumoso *casco* de Friães:

LIVRU
DA REPREZENTAÇÃO
DE HERÓDES
COM U NAÇIMENTO
DO MENINO — EM
FRIAINS.

É d'este auto das *Reisadas* que vamos fazer um extracto, tão rapido quanto nos seja possivel.

Os actores trajam á romana e, circumstancia notavel, quasi todos elles trazem oculos, com excepção da Fama, do Preto, e de poucos mais.

Na aldeia de Burgães ha um barracão fixo, onde durante todo o anno se representam peças biblicas, taes como a *Vida de José do Egypto*, etc.

Na *Reisada* da *troupe* de Friães as personagens são: Herodes, Bambalho, Capitão Representante, Reynaldo, Conde Alberto, Rei Balthazar, Rei Belchior, Rei Gaspar, moço de Balthazar, moço de Belchior, Preto, Fama Ligeira, Anjo, pastor Alberto, pastor Fileno, pastor Albano, pastora Belmira, pastora Florinda, sabio Sadoc,

sabio Haiquim, Juiz, Singello, Cesar Augusto Principe, Rainha, Aleixo, Salomé, Guarda-bandeira, Simeão.

Bambalho, especie de *factotum* de Herodes, goza no publico de uma popularidade só comparavel á do proprio Herodes, da Fama Ligeira e do Preto.

Logo ao começar o auto, Herodes, que tem mandado fazer o arrolamento de todos os recemnascidos, espera, inquieto, a chegada de Bambalho, encarregado de superintender n'essa commissão.

Bambalho chega e pondera a Herodes as difficuldades e perigos da empresa, dizendo:

O' Senhor! qual arrolamento!
São cadeias de fuzil.
Se hoje ha cem meninos,
Amanhã ha mais de mil.

Se Cesar Augusto quer
Tomar conta muito embora,
Mas é preciso fazer
Uma lista cada hora.

Isto tem seus visos de ironia, pois que Herodes não parece contar com a acção fecunda do amor. Mas acrescem difficuldades de momento, que devem inspirar receios, e que Bambalho pondera:

Entraram hoje na cidade
Trez illustres personagens
Com uma grande comitiva
De criados e bagagens.

Dizem ser reis coroados
Das partes do Oriente.
Mas têm posto na cidade
Em fezes a toda a gente.

Herodes, muito irritado com a chegada d'esses trez mysteriosos *coroados*, ordena a Bambalho que os traga á sua presença:

Bambalho, vae convocá-los
Aqui, immediatamente.
E quero que tu no acto
Tambem estejas presente.

Entram entretanto alguns sabios e recordam a Herodes que os prophetas annunciaram a vinda do Messias. Haiquim fala tão claro como Sadoc:

Herodes da Judeia,
Tenho lido as prophecias.
Em uma pequena aldeia,
Vossa magestade creia
Que é nascido em Belem,
Pois Deus promettido tem
Pelo propheta sagrado
Que elle ali ha de ser nado,
Jesus Christo, nosso bem.

Herodes, furioso, expulsa os sabios e junta á palavra o gesto, porque fere o chão com uma espadeirada.

Entra o Conde Alberto e diz tambem a sua opinião: o Messias é nascido.

Herodes ia dar por paus e por pedras, quando ouve um som marcial que a rubrica designa do seguinte modo: *Toca a clarineta.*

HERODES

O' ceos! não sei que ouço?
Que voz é aquella que me aterra?
Será nação estrangeira
Que me vem annunciar guerra?

Farei marchar minhas tropas,
Lançarei tudo por terra.
Cada lança será um raio,
Cada espada um corisco,
Cada soldado um trovão,
Capa golpe um basilisco.

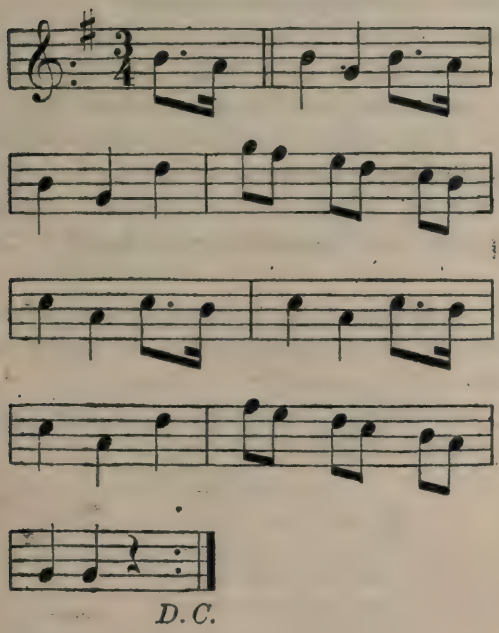
Ouve-se novamente soar a *clarineta* e Herodes aquieta-se quando lhe reconhece o som; não é um inimigo que se aproxima, mas a sua escolta real.

Entra, effectivamente, o Guarda-bandeira, que annuncia a chegada dos trez Reis Magos.

Herodes manda-os entrar á sua presença.

A orchestra, que é composta de um contrabasso, dois trombones, um cornetim e um clarinete, faz ouvir o accorde, que em seguida reproduzimos graphicamente:

Entrada dos Reis Magos



Todos os Magos saudam Herodes com palavras de acatamento. Gaspar é o primeiro a dirigir-lhe a palavra:

Alto rei, grande senhor
Da Judeia e seu districto,
O céo prolongue teus dias
Pelos seculos infinitos.

E todos trez o felicitam por ser dentro de seus estados que o divino Messias é nascido.

Herodes reprime um impeto de colera, perguntando-lhes quem são, de onde veem e que fim os trouxe.

Elles respondem com lealdade: veem do Oriente adorar o Deus Menino, guiados por uma estrella.

Então Herodes, arteiramente, diz-lhes que vão visitar o novo rei e que, se o encontrarem, venham dizer-lh'o, pois está disposto a premial-os por tão boa nova.

Saem os Magos, e entra Bambalho para annunciar a chegada de uma estranha mulher, que traz á cintura uma tuba.

É a Fama Ligeira, a qual apparece e, sem mais delongas, confessa logo seus intuitos :

Sabe Herodes abonado,
Mil vezes afortunado :
E' nascido em teu reino
O Messias encarnado.

Nasceu para nos salvar,
N'este rigor do inverno.
Vou annuncial-o por todo o mundo,
Que manda o Padre Eterno.

Herodes encabrita-se sanhudo, ameaçando :

Seja nascido ou não seja,
Succeda o que succeder,
Por estas barbas te juro :
Se nasceu, ha de morrer.

A Fama, por sua vez, replica e vae correr mundo, para, ao som da tuba, annunciar o nascimento do Messias.

Successivamente, entram outras personagens, Capitão Representante, Reynaldo e Conde Alberto, que todos confirmam a boa nova.

Herodes dá berros no ar e espadeiradas no chão. Está furioso, mas ainda não tem recorrido a nenhuma represalia. É o Conde Alberto quem o põe n'essa afinação, quando lhe diz:

Real Senhor, trate bem
E metta a mão no coração,
Que aqui está quem lhe tira
O sceptro e talvez a nação.
E para mais clareza
Eu lhe mostro o retrato
Do Menino-Rei.
Real Senhor, até aqui
E' que eu sei.

(*E mostra o retrato*).

HERODES (*bravo, dando uma espadeirada*) — Ó infame!

O Conde Alberto é logo ali punido com dez dias de prisão, e entregue á guarda de Bambalho; mas vem o Capitão Representante e outro official, que o querem libertar á viva força.

Herodes, cada vez mais truculento, investe de es-

pada em punho contra o Conde e os seus libertadores, perguntando-lhes quem os aconselhou a desobedecerem-lhe.

É muito extensa e muito viva toda a scena que se segue, durante a qual Herodes continua a dar berros e espadeiradas, principalmente quando lhe dizem que, tendo nascido o Messias, não ha no mundo poder maior que o do filho de Deus.

Mas o Conde consegue escapar á colera de Herodes e sair do paço, para ir adorar o Deus Menino.

As scenas seguintes são conduzidas de modo a mostrar cada vez mais abalado o poder de Herodes perante essa vaga noticia, que já tanta confiança inspira aos crentes, de haver nascido em Belem uma creança que será o redemptor da humanidade.

Um anjo apparece e amaldiçoa Herodes em nome da justiça eterna:

Da parte de Deus te digo
Que sentirás o rigor
D'esse Deus que tu persegues
E que foi teu creador.

Elle um dia ha de punir
Tua soberba e cobiça,
Treme, cruel Herodes,
Treme de sua justiça.

Herodes começa a temer que seja verdade tudo o que tem ouvido.

Chama Bambalho e pergunta-lhe se leu alguma vez as prophecias, e o que dizem ellas a tal respeito.

Bambalho responde confessando-lhe que não sabe ler — o que parece justificar o alto cargo em que está investido na côrte:

O' senhor eu lêr não sei.
Quando minha mãe me mandava p'r'a escola,
Eu, se havia de estudar,
Punha-me jogando a bola.

Outras vézes, pelo caminho,
— Isso então é que eu era um tratantinho!
Se me havia de importar a lição,
Jogava com os outros rapazes
A piorra e o pião.

Esta resposta mais faz ainda enraivecer Herodes, que desanca Bambalho e que é subitamente acalmado pela apparição de sua irmã Salomé e de seu cunhado Aleixo, os quaes veem offerecer-lhe auxilio.

A entrevista dos trez é muito cordial, tanto assim que tudo se passa em familia, na maior intimidade, dizendo-lhes Herodes:

O' minha irmã querida!
Teu esposo e meu cunhado!
Puxae por duas cadeiras
E sentae-vos a meu lado.

Resolve-se ali que todos os meninos recemnascidos

sejam immediatamente passados a fio de espada, por não haver outro remedio mais radical para visar a pessoa que se diz ser o Messias.

E logo Herodes ordena que Bambalho lavre um decreto n'esse sentido.

Mas, abancando á mesa, Bambalho treme como varas verdes:

HERODES

O' Bambalho, que tremuras!

BAMBALHO

São as pernas da mesa
Que não estão bem seguras.

N'isto entra o Principe, que parece vir de boa fé para socegar o pai, a quem diz:

Alexandra, minha mãe,
Ficou prostrada de dôr.
Mandou-me que viesse
Abrandar vosso furor;

Que não lavreis esse decreto
Fatal contra essa innocencia.
Venho, pois, implorar
Que useis de clemencia.

Herodes repelle a intervenção calmante do filho:

Não quero ouvir conselhos,
Minha decisão está dada.
Todos meninos de Belem
Serão passados á espada.

Sae o Principe e logo volta com a Rainha, que entra supplicante, dizendo:

Quanto mais nobre não é
Perdoar que dar castigo!
Attendei, Real Senhor,
Attendei ao que vos digo.

Não é a Rainha mais feliz do que o Principe nas suas rogações, e retira-se desalentada.

Vem o Conde Alberto e pede ao Principe que insista com o Pai, para obter d'elle a revogação do fatal decreto.

O Principe conta-lhe os esforços infructiferos que tem envidado e, por sua parte, desmascara as baterias, dizendo claramente agora:

Se nasceu esse Menino,
Como p'r'ahi diz a gente,
Que lhe seja dada a morte,
Acho isso justamente.

Bem sabeis que sou herdeiro
De meu pae, e successor.
Como posso, pois, soffrer
No mundo um usurpador?

Eu só quero que meu pai
Abrande sua ira e furor
Contra tantos innocentes,
Isso é que causa horror!

O Conde fica desilludido e afflicto ao ouvir esta resposta, que põe em risco a preciosa vida do Salvador do mundo:

Anda tudo n'uma revolta,
Anda tudo n'um sarilho.
Emfim, para dizer tudo,
Tão bom é o pai como o filho.

Mas a corrente de opinião a respeito do nascimento do Messias torna-se cada vez mais intensa e fervorosa, em que pese a Herodes e a seu filho.

Entram os prophetas, que confirmam a boa nova: «É nascido o Salvador».

Volta a Fama, que já tem annunciado a todo o mundo a verdade dos acontecimentos, e que pregoa:

Eu sou a valente Fama,
Mais ligeira do que o vento,
E venho annunciar-vos
O divino nascimento.

Apparece um Preto, personagem graciosa, criado do Rei Gaspar, introduzido no auto com o fim de ferir, rapidamente, a nota comica:

Ora vivam, meus senhores.
Vivam todos em geral.
Vivam todas as meninas
Que ha no Reino de Portugal.

É contagioso o effeito hilariante que as facecias e momices do Preto produzem nas cachopas do auditorio.

Chegam pastores, para adorar o Deus Menino, entoando lôas e trazendo offerendas.

Caminho de Belem, param bailando uma chacota ingenua, muito simples, como certamente seriam as dos autos de Gil Vicente.

Reapparecem os trez Reis Magos, com as suas offertas, que vão depor no Presépe.

Um anjo desce do céo a saudal-os:

Deus vos salve, reis poderosos,
Que por um astro luzido
Viestes do Oriente
Adorar o Deus nascido.

Os pagens dos reis seguem seus amos, incluindo o Preto que desembesta uma *tirada* em aravia, bailando e tocando berimbau, apesar de ter a barriga a dar horas, como elle comicamente lastíma.

Surge de repente um magistrado, emissario de Herodes, que traz ordem para prender todos; mas em vista da alegria geral que presenceia, confraterniza com os adoradores do Deus Menino.

É claro que o Principe e Herodes não podem tardar, qual d'elles mais enfurecido, e não tardam; mas depressa reconhecem que toda a sua resistencia será inutil. Herodes arremessa ao chão a propria espada, exclamando, vencido:

Minha espada,
Que sempre me foste leal,
Sempre prompta a defender
Minha pessoa real,
Agora já te não quero,
Não te posso acompanhar.
Outr'ora em minhas mãos
De sangue te fiz banhar.

Acode, pressurosa, a côrte ao desfallecimento de Herodes, que se despede de todos os seus dignitarios, os quaes o retiram de scena moribundo.

Vem Cesar Augusto, seguido de todo o seu estado maior, e procede a uma especie de plebiscito para averiguar quem o povo quer escolher como substituto de Herodes.

E o povo acclama o Principe, reconhecendo-lhe o direito de successão.

Realiza-se em seguida a coroação solemne, e finda ella, chega Singello, o valido de Herodes, que é mal

recebido pelo novo Principe, o qual lhe attribue a responsabilidade de todas as crueldades praticadas por seu pai.

Vendo-se desprestigiado, Singello suicida-se, o que alliás é conforme com a tradição de muitos outros validos.

Bambalho, pau para toda a obra, resolve continuar a viver, e, para justificar esta sua evolução politica, desata a dizer mal de Herodes.

Tambem isto é conforme á tradição dos validos que não querem suicidar-se.

O auto termina com um *couplet* em que os interpretes pedem desculpa das faltas que certamente commetteram devidas á sua pouca instrucção.

Aqui está, em resumo, o que é o auto das *Reisadas* em Santo Thyrso, sendo o molde commum, com ligeiras modificações, quasi sempre pejorativas, ao das *Reisadas* de outros concelhos, incluindo o da Maia.

Tudo isto é simples, ingenuo, mas desassombrado e translucido. Tudo isto accusa uma doce conformidade com as condições da vida aldeã. Não se ouvem clamores de revolta, nem gritos de desespero. Ouve-se, sim, a voz do povo, cantando pacificas trovas no campo, ou declamando innocentes redondilhas no tablado das *reisadas*. Os espectaculos, entre Douro e Minho, são tão salutares pelo que respeita á sua influencia nos costumes, como as canções que mitigam o trabalho, que refrescam o animo, que repellem as contrariedades da existencia e as subjugam victoriosamente.

Este livro, que procurou levar a todos os espiritos a impressão reconfortante da lyra popular do norte, foi bebido na origem, colhido, *sur place*, da propria bocca dos camponezes. Posso dizer com verdade que todas as canções as agarrei no ar, como as creanças na aldeia agarram as borboletas e os pyrilampos.

A' beira do Ave e a dois passos de S. Miguel de Seide, plantei a minha barraca de campanha no verão de 1904, desde junho a setembro. D'aqui, como de um acampamento, partia a fazer incursões de estudo por esse Minho a fêsto. E não regressei nunca sem alguma boa provisão de apontamentos.

É uma região sagrada, o Minho, sagrada pela mão da Natureza, que a abençoou, e pela mão da Historia, que por aqui semeou memorias da infancia da monarchia e dos costumes medievaes dos ricos-homens e infanções em seus castellos e coutos.

Durante estes quatro mezes, que tão rapidamente passaram, toda a minha vida se modificou n'um regime restaurativo.

Levantava-me ás cinco horas da manhã, para sahir ou para trabalhar. Que delicia, a manhã do Minho! Que serenidade no céo e na terra, que frescura no acordar dos campos e no primeiro sorriso azul dos rios! que manso alvoroço o das aves, que parecem saudar-se umas ás outras em brandos gorgeios, cruzando o ar!

Ha, dentro em nós, uma como infiltração de luz nova e de felicidade paradisiaca, segregada pela natureza. Comprehende se então, melhor do que lendo

Vico, Burnouf, Müller ou Lubbock, o que seria a primitiva religião naturalista da humanidade, o encanto da primeira visão cosmica, o assombro dos primeiros dias do homem sobre a terra, a origem dos mythos como interpretação infantil dos phenomenos naturaes.

Um velho amigo meu, que por acaso pousou alguns momentos junto á minha barraca de campanha, perguntou-me a que horas costumava levantar-me.

— A's cinco, respondi.

E elle teve então esta phrase profundamente pantheista, digna de Spinoza:

— Chega a ser religioso levantar-se a gente no campo a essa hora...

Era na paz divina da manhã que eu trabalhava durante algumas horas, com a janella bem aberta, para entrarem por ella, desafogadamente, o sol, o ar e as canções.

Uma coincidencia feliz permitte-me fechar este livro com a viva impressão de dois factos, que integram logicamente o encadeamento da minha ordem de idéas sobre as gaias canções do norte.

Hontem á noite, pouco antes de me eu deitar — dez horas em ponto — passavam na rua alguns carros de bois que iam tomar a estrada do Porto.

Uma voz gaiata de Gavroche minhôto, talvez filho ou moço do carreiro, açoitava o silencio da villa espevitando no canto, jovialmente, os versos d'uma quadra picaresca:

Tenho tosse no cabello,
Dôr de dentes no cachaço,
Amargam-me as sobrancelhas,
Não vejo nada de um braço.

Este cantador trocista, da altura de meio homem, tinha deante de si uma noite inteira de marcha, á soga dos bois. E serenamente encarava tão ardua tarefa, mandando para o ar, em risos de canção, a sua propria voz, que afugentava o somno e diminuia a longura do caminho.

Hoje, pouco depois de abrir a minha janella, entrou por ella, n'um jorro de luz matinal, como flôr que boiasse sobre a corrente crystallina de um rio, a voz de uma tricana cantando:

O' minha mãe, compre, compre
O vermelhinho na tenda:
Eu quero luzir ao longe,
Já que não tenho fazenda.

E puz-me a reflectir n'esta quadra, que revela não só a alegria da pobreza no Minho, mas tambem o gosto instinctivo pelas côres berrantes, que são dynamogeneas, e correspondem a uma florescencia saluberrima do corpo e da alma.

Pareceu-me então que essas duas quadras me tinham

sido providencialmente fornecidas como ultima prova de que as nossas canções populares do norte são mais alguma coisa de que uma vivaz aguarella de costumes pittorescos, — são um rico filão psychologico, uma philosophia inteira.

FIM

INDICE

		Pag.
I	— A genése das canções	5
II	— Inventario do material poetico	35
III	— Choreographicas	69
IV	— Trabalhos e folgas	103
V	— Peregrinações e romarias	135
IV	— Noite de S. João	199
VII	— O Natal	241

CENTER
N.Y.
Director

BINDING LIST DEC 15 1944

University of Toronto
Library

DO NOT
REMOVE
THE
CARD
FROM
THIS
POCKET